

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

GUSTAVO DE ARAUJO LONGO

JOGOS ABERTOS DO INTERIOR:
A cobertura esportiva paulista

São Paulo

2022

GUSTAVO DE ARAUJO LONGO

Jogos Abertos do Interior: a cobertura esportiva paulista

Versão Original

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração Ciências da Comunicação e Linha de Pesquisa 2 - Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos

Orientador: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly.

SÃO PAULO

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inscritos pelo(a) autor(a)

Longo, Gustavo de Araujo
Jogos Abertos do Interior: A cobertura esportiva paulista / Gustavo de Araujo Longo; orientador, Luciano Victor Barros Maluly. - São Paulo, 2022.
135 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Jornalismo Esportivo. 2. Jornalismo. 3. Notícia. 4. Comunicação Esportiva. 5. Jogos Abertos do Interior. I. Maluly, Luciano Victor Barros. II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: LONGO, Gustavo de Araujo

Título: Jogos Abertos do Interior: a cobertura esportiva paulista

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em
Ciências da Comunicação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

A minha esposa, Cristina Aparecida Prado Maçoneto Longo, que foi a sustentação desse trabalho. E a minha mãe, que não está mais nesse plano, mas me forneceu a maior riqueza que tenho: a busca pelo conhecimento

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly, parceiro nessa caminhada acadêmica e na vida, que me deu todas as instruções necessárias para chegar até aqui.

Aos professores Wagner Souza e Silva, Eugênio Bucci, Beth Saad e André Chaves de Melo Silva pelos ensinamentos em sala de aula, vitais para meu crescimento acadêmico.

Aos colegas acadêmicos Felipe Parra, Sérgio Quintanilha, Keynayana Fortaleza, Suzana Pertinhez, Pepita Martin Ortega, Tariana Machado e tantos outros que contribuíram com ideias, debates e momentos de descontração na ECA.

Aos colegas acadêmicos que não compartilhei sala de aula, mas foram igualmente importantes no desenvolvimento da pesquisa: Marcelo Cardoso, Rafael Venancio e Carlos Tavares.

À equipe da Escola de Comunicações e Artes pelo apoio nos processos administrativos, vitais para a boa execução de qualquer projeto acadêmico.

Ao meu tio Lázaro e minha tia Izildinha, meu primo Alexandre e sua mulher Lia com os filhos Nathália e Marco Antônio, que me receberam em suas casas inúmeras vezes durante minha pesquisa em São Paulo.

À CAPES, que financiou dois anos desta dissertação, contribuindo para o sucesso dela.

Ao meu pai Ilydio, que sempre me apoiou incondicionalmente.

Meus irmãos Vinicius e Danilo, com sua mulher Cássia e meu afilhado Davi, por me ajudarem sempre que precisei.

“Os Jogos Abertos do Interior, criados pelo Baby Barioni, em 1936, são tão importantes, que o barão Pierre de Coubertin, criador da Olimpíada, em 1896, a chamaria de ‘Jogos Abertos do Exterior’ (Moacyr Castro, jornalista de Campinas, 2017)

RESUMO

LONGO, Gustavo de Araujo. **Jogos Abertos do Interior: a cobertura esportiva paulista.** 2022. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta dissertação analisa o processo de construção da notícia esportiva a partir da investigação do trabalho de jornalistas e profissionais de comunicação em um grande acontecimento para o esporte nacional, como é o caso dos Jogos Abertos do Interior. Disputada anualmente desde 1936 e organizada pelo Governo do Estado de São Paulo em conjunto com uma cidade-sede escolhida um ano antes, a competição se constitui atualmente como um dos maiores eventos da América Latina. Na última edição, em 2019, mais de nove mil atletas de praticamente 190 municípios paulistas se reúnem para a prática de trinta modalidades diferentes em quase duas semanas, de acordo com dados oficiais do Comitê Dirigente. Esta pesquisa possui três eixos de investigação. O primeiro deles se constitui pela discussão teórica acerca do processo de construção da notícia no jornalismo e as particularidades inerentes à cobertura de um acontecimento esportivo similar aos Jogos Olímpicos, tendo como referenciais o levantamento bibliográfico sobre o tema e entrevistas com pesquisadores e acadêmicos. O segundo eixo representa a pesquisa de campo realizada em Marília, sede dos Jogos Abertos do Interior de 2019. O intuito é acompanhar o trabalho da equipe de comunicação do evento e a rotina produtiva para transformar os diferentes fatos em notícias para o público. Por fim, há também a análise de produção de jornalistas que realizaram coberturas recentes na competição a partir de entrevistas com os profissionais. Esta pesquisa espera ampliar as discussões acadêmicas na área de comunicação e esporte, especialmente diante a cobertura jornalística dos Jogos Abertos do Interior Paulista.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Abertos do Interior Paulista. Jornalismo Esportivo. Comunicação Esportiva.

ABSTRACT

LONGO, Gustavo de Araujo. **Interior Open Games: São Paulo state sports coverage.** 2022. 138 f. Dissertation (Master's Communication's Science) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

This dissertation analyzes the construction process of sports news based on the investigation of the work of journalists and communication professionals in a major event for national sport, such as the Open Games of the Interior. Played annually since 1936 and organized by the Government of the State of São Paulo together with a host city chosen a year earlier, the competition is currently one of the largest events in Latin America. In the last edition, on 2019, more than 9 thousand athletes from practically 190 municipalities in São Paulo get together to practice thirty different modalities during almost two weeks, according official data of Organizing Committee. This research has three lines of investigation. The first of them is constituted by the theoretical discussion about the news construction process in journalism and the particularities inherent to the coverage of a sporting event similar to the Olympic Games, having as references the bibliographic survey on the subject and interviews with researchers and academics. The second axis represents the field research carried out in Marília, headquarters of the Open Games of the Interior of 2019. The aim is to follow the work of the event's communication team and the productive routine to transform the different facts into news for the public. Finally, there is also the analysis of the production of journalists who have carried out recent coverage in the competition from interviews with professionals. This research hopes to spread academic discussions on communication and sport area, specially against the news coverage of Interior Open Games of São Paulo state.

KEYWORDS: Interior Open Games of the São Paulo State. Sports Journalism. Sports Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Poster de Baby Barioni	p. 52
Figura 2 – Granada de Baby Barioni na Revolução de 1932	p. 56
Figura 3 – Fundadores dos Jogos Abertos do Interior	p. 59
Figura 4 – Quadra de basquete da primeira edição	p. 64
Figura 5 – Fogo simbólico dos Jogos Abertos	p. 67
Figura 6 – Bandeira oficial dos Jogos Abertos	p. 68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Notícias publicadas nos Jogos Abertos de 2019	p. 89
Quadro 2 – Notícias de acordo com as categorias	p. 92
Quadro 3 – Bruno Belomi	p. 101
Quadro 4 – Alexandre Azank	p. 104
Quadro 5 – Rodrigo Pessoa	p. 107
Quadro 6 – Anderson Fattori	p. 109
Quadro 7 – Marcelo Schaffauser	p. 111
Quadro 8 – Valda Rocha	p. 114
Quadro 9 – Jorge Luiz Micheli	p. 117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 13
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	p. 15
2 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA ESPORTIVA - CONCEITOS E AUTORES	p. 19
2.1 A categorização da notícia esportiva	p. 24
2.1.1 Olimpianos	p. 29
2.1.2 Valores Olímpicos	p. 32
2.1.3 Modalidades	p. 35
2.1.4 Resultados	p. 38
2.1.5 Ciência	p. 41
2.1.6 Gestão e Marketing	p. 43
2.1.7 Imagens Técnicas	p. 46
3 OS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR	p. 50
3.1 A trajetória de Baby Barioni	p. 51
3.2 Marcha para o oeste e civilização esportiva	p. 61
3.3 O Imaginário Olímpico e a incorporação de “tradições”	p. 64
4 A COMUNICAÇÃO DOS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR DE 2019	p. 69
4.1 Antecedentes	p. 70
4.2 Fluxo de Trabalho	p. 73
4.3 Definição da pauta	p. 78
4.4 Produção das notícias	p. 82
4.5 Análise das notícias	p. 88
5 A PRÁXIS JORNALÍSTICA NOS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR	p. 96
5.1 Os profissionais entrevistados	p. 97
5.2 Análise e exposição dos dados	p. 99
5.3 Enunciados e inferências	p. 100
5.4 Interpretação dos Dados	p. 121

CONSIDERAÇÕES FINAIS

p. 126

REFERÊNCIAS

p. 129

INTRODUÇÃO¹

Compreender a importância da produção noticiosa para os Jogos Abertos do Interior paulista é um trabalho complexo. Horácio Baby Barioni (1906-1967), seu criador, também era cronista esportivo e, desde as primeiras edições, soube da importância de mobilizar os meios de comunicação da época e de criar conteúdos institucionais para divulgar o evento, de acordo com informações de sua filha Edna Barioni² (2019, informação pessoal). Desde o início, portanto, o jornalismo e a competição tiveram uma relação de interdependência. Assim, investigar a construção da notícia na competição exige uma análise minuciosa de todos estes detalhes.

O primeiro capítulo tem como objetivo apresentar uma discussão teórica acerca do processo de produção da notícia esportiva, destacando suas particularidades em relação às demais editorias e suas nuances enquanto campo profissional dentro do jornalismo. A partir da revisão bibliográfica e entrevistas, busca-se aprofundar os conceitos e ideias que rondam a relação entre comunicação e esporte, principalmente a cobertura de grandes eventos esportivos, como os Jogos Abertos do Interior, em São Paulo.

A dissertação elenca sete variáveis que estão presentes na construção da notícia relacionada ao esporte, interferindo na escolha e na forma como determinados acontecimentos são registrados: olímpicos (atletas e personagens reconhecidos pelo público), valores olímpicos (como amizade, respeito e excelência), a importância das modalidades, os resultados, a ciência, a relação entre gestão e marketing e a imagem técnica (ou seja, a capacidade de gerar boas fotos e vídeos aos torcedores) (RUBIO, 2009; ROCCO JR, 2012; BARTHES, 2009; ERBOLATO, 1981, BRACHT, 2005). Essas categorias irão nortear o trabalho de investigação realizado nos Jogos Abertos do Interior de 2019, realizado em Marília, no centro-oeste paulista.

Antes disso, a dissertação pretende contextualizar as origens e a evolução da competição, que acontece anualmente no estado de São Paulo. O objetivo é identificar como um evento criado em 1936 para estimular o desenvolvimento esportivo em cidades do interior paulista se transformou em um dos principais acontecimentos esportivos da América Latina, reunindo atletas de diferentes modalidades, desde jovens competidores até campeões olímpicos e mundiais.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

² Entrevista concedida por BARIONI, Edna. **Entrevista 2**. [nov. 2019]. Entrevistador: Gustavo de Araujo Longo. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (24 min.).

Este trabalho de investigação é feito em duas etapas. A primeira delas consiste na realização de entrevistas com pesquisadores que estudam as relações entre comunicação e esporte - a intenção é descobrir as visões relacionadas ao evento em si e sua importância na discussão teórica sobre esta temática. Além disso, é preciso levantar informações bibliográficas de jornais, revistas e documentos dos primeiros anos de realização dos Jogos Abertos do Interior para identificar o contexto de formação e consolidação no país.

A partir daí, a dissertação dedica os próximos dois capítulos à análise de produção da notícia esportiva relacionada aos Jogos Abertos do Interior. O terceiro é um descritivo do trabalho desenvolvido pela equipe de comunicação do Comitê Organizador, vinculado à Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude (SELJ) de Marília, sede da última edição do evento, em 2019. Por meio do desenvolvimento de relatos informativos divulgados no site oficial, a entidade desejava manter os torcedores e os próprios jornalistas informados sobre os acontecimentos esportivos durante a competição. Para essa investigação, foi realizada uma pesquisa de campo com o intuito de observar a rotina produtiva dos profissionais de comunicação designados pelo Comitê Organizador para essa cobertura.

Por fim, o último capítulo busca analisar a cobertura jornalística desempenhada pelos meios de comunicação que cobriram edições recentes dos Jogos Abertos do Interior. O objetivo é verificar a influência das categorias elencadas na construção da notícia esportiva no trabalho destes veículos durante o evento. A investigação vai ser feita por meio de entrevistas com profissionais que estiveram presentes em eventos passados.

Dessa forma, é possível estabelecer não só a importância do jornalismo esportivo para a realização do evento, garantindo divulgação adequada, mas também detalhar o processo de construção da notícia entre os profissionais, observando quais elementos e particularidades são levados em conta na hora de transformar este acontecimento em um relato noticioso a ser distribuído entre os torcedores e público em geral.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho de investigação sobre a produção da notícia esportiva nos Jogos Abertos do Interior paulista parte da premissa que vai ser desenvolvida no primeiro capítulo desta dissertação. Isto é, a análise vai abordar as sete categorias que compõem o relato de um acontecimento no esporte: olímpianos, valores olímpicos, modalidades, resultados, ciência, gestão e marketing e imagem técnica. Sozinhos ou juntos, esses elementos integram a base das matérias elaboradas na cobertura jornalística de uma determinada competição.

Por meio deles, os profissionais de comunicação conseguem abordar diferentes pontos inerentes à prática e à realização de um evento que mobiliza uma grande quantidade de pessoas e cidades. Questões como desempenho esportivo, exemplificado pela excelência atlética e a busca pela vitória em uma partida, presença de ídolos do esporte nacional na disputa, informações econômicas e científicas na comunidade e até mesmo a possibilidade de oferecer imagens atléticas aos torcedores em diferentes meios de comunicação são levadas em conta no momento de construir esse noticiário.

Para a professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da USP, Kátia Rubio³ (2019, informação verbal), as sete categorias listadas podem ser consideradas “recortes do fenômeno em si”, agrupando particularidades que permitem compreender o trabalho jornalístico como um todo em um acontecimento esportivo. Não se trata de um ranking, com definição de qual elemento seria mais importante, apesar da figura do atleta (elencado como olímpiano nesta classificação), ocupar o papel central em sua visão. “Se fosse um organograma, ele seria o primeiro quadrado e dele deriva-se todos os outros. Sem o atleta, nada disso existe”.

A identificação destas sete categorias permite compreender uma tentativa de padronização do trabalho jornalístico dentro do esporte. Diferentes competições e eventos acontecem todos os anos, exigindo conhecimento e preparo dos profissionais, mas sobretudo a capacidade de compreender e sintetizar diferentes acontecimentos que invariavelmente extrapolam o que acontece dentro do campo de jogo. Não se trata apenas de noticiar quem ganhou ou quem perdeu em uma partida, mas também relatar os efeitos posteriores para a competição, os clubes e/ou atletas, os torcedores e até para a sociedade.

É uma prática aperfeiçoada ao longo do tempo graças à realização de diversos torneios esportivos. Um dos mais importantes é a edição dos Jogos Olímpicos, que acontecem a cada

³ Entrevista concedida por RUBIO, Kátia. **Entrevista 1**. [ago. 2019]. Entrevistador: Gustavo de Araujo Longo. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.).

quatro anos e reúnem milhares de atletas de diversas modalidades. Essa é uma similaridade com os Jogos Abertos do Interior, o que faz com que os jornalistas reproduzam as mesmas técnicas de construção da notícia. “O que os meios de comunicação tentam fazer é reproduzir essa mesma esfera dando ao evento regional esse caráter universal” (ibidem, 2019).

Isso implica dizer que o desenvolvimento da notícia esportiva, com todos os seus elementos, é uma construção que também depende da iniciativa e das próprias intenções dos jornalistas. Seja por meio de uma pauta elaborada em conjunto com o meio de comunicação em que trabalha ou atitude isolada após a apuração de um acontecimento, a produção de um relato sobre um fato esportivo passa pelas opiniões e valores da pessoa responsável por ela e pelos princípios éticos que possui em sua profissão.

Em suma: a notícia esportiva é um reflexo do trabalho desenvolvido pelo jornalista e por sua compreensão do trabalho, das técnicas e da rotina produtiva, levando em conta a melhor forma de construir o relato em cima do que viu, apurou e vivenciou. É algo que independe, por exemplo, da função exercida por este profissional. Seja como repórter de um meio de comunicação ou como integrante da equipe de comunicação oficial do evento, ele possui seus próprios valores para compreender a melhor forma de produção do acontecimento esportivo. Como explica o professor de jornalismo da Universidade de São Paulo, Manuel Carlos Chaparro (2007, p. 31, destaque do autor), “a *intenção impõe o caráter moral à ação*, e esse caráter moral, por sua vez, *deve estar conectado a um princípio ético orientador*”.

Por conta disso, acompanhar o processo de produção jornalística dos Jogos Abertos do Interior exigia mais do que realizar entrevistas por telefone com os profissionais e analisar as notícias produzidas. Era necessário acompanhar o planejamento, as técnicas e as dinâmicas da equipe de comunicação para transformar as disputas esportivas ao longo de quase duas semanas de evento em um acontecimento noticioso a ser divulgado ao público. Era necessário estar *in loco* alguns dias e analisar o trabalho de todos os envolvidos com a comunicação.

Após a divulgação da programação oficial no site do evento em 4 de novembro de 2019, foi definido que seriam necessários três dias para uma completa observação da dinâmica de trabalho dos jornalistas integrantes do grupo de comunicação da competição. Foi estabelecido o período entre 18 e 20 de novembro de 2019, já na semana de encerramento dos Jogos Abertos do Interior, como o ideal para o desenvolvimento da pesquisa.

Os dias escolhidos justificam-se por dois motivos. O primeiro deles consiste em ser a semana de encerramento dos Jogos Abertos do Interior, permitindo que os repórteres já tenham desenvolvido uma rotina de trabalho que funcione para o evento e possibilitando que a observação seja completa e natural, sem qualquer interferência no desenvolvimento da

investigação. Além disso, esses dias abrangiam uma série de disputas e modalidades que desafiavam a capacidade produtiva da equipe de comunicação, incluindo a definição de medalhas na maioria dos esportes coletivos, como futebol, vôlei, basquete e futsal, o início das provas da natação (segundo esporte mais antigo dos Jogos Abertos do Interior) e outras práticas importantes, como ciclismo, tênis de mesa e artes marciais.

O intuito da proposta era coletar depoimentos dos profissionais pessoalmente enquanto eles desempenhavam suas funções durante a competição e, dessa forma, observá-los na execução de suas tarefas em ginásios e demais locais esportivos. Por meio destas atividades, era possível identificar elementos importantes que não ficariam claros apenas com a análise documental, como a dinâmica de trabalho (levando em conta os diferentes valores para a composição da notícia), a definição da pauta a ser abordada e o processo de produção de cada um dos repórteres. Como explica o pesquisador da Universidade de La Sabana, César Augusto Bernal Torres (2010, p. 38, tradução nossa⁴), “o método próprio das ciências sociais deve ser o método de entendimento e não o de explicação proposto pelo positivismo. Portanto, as ciências sociais buscam entender e não explicar”.

Trata-se de uma investigação descritiva, onde fatos e situações são “mostrados, narrados, revisados ou identificados (...), mas não são dadas explicações ou razões para as situações, os fatos, os fenômenos, etc” (ibidem, p. 113, tradução nossa⁵). O objetivo era compreender a rotina produtiva da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior e visualizar como esses elementos se manifestam em seus trabalhos.

Esta pesquisa de campo é a base do quarto capítulo, com entrevistas, observação e análise documental. Importante ressaltar que trata-se de uma interpretação do que foi visto sobre o trabalho desenvolvido pela equipe de comunicação. Como afirma o antropólogo norte-americano Clifford Geertz (2008, p. 11), “trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ — o sentido original de *fictio* — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento”.

O segundo e o terceiro capítulos integram o que César Bernal chama de “investigação documental” (2010, p. 111, tradução nossa⁶). Por meio da leitura bibliográfica de livros, jornais

⁴ Em espanhol: “el método propio de las ciencias sociales debe ser el método de la comprensión y no el de la explicación propuesto por el positivismo. Portanto, en las ciencias sociales se busca comprender y no explicar”

⁵ Em espanhol: “muestran, narran, reseñan o identifican (...) pero no se dan explicaciones o razones de las situaciones, los hechos, los fenómenos, etcétera”.

⁶ Em espanhol: “La investigación documental consiste en un análisis de la información escrita sobre un determinado tema, con el propósito de establecer relaciones, diferencias, etapas, posturas o estado actual del conocimiento respecto al tema objeto de estudio”.

e periódicos, busca-se aprofundar a discussão acerca da notícia esportiva (capítulo 2) e compreender o contexto, a formação e o desenvolvimento dos Jogos Abertos do Interior (capítulo 3). “A pesquisa documental consiste em uma análise de informações escritas sobre um determinado tópico, com o objetivo de estabelecer relações, diferenças, estágios, posições ou estado atual do conhecimento sobre o assunto”.

Por fim, o quinto capítulo almeja analisar a produção jornalística produzida por meios de comunicação durante os Jogos Abertos do Interior. O objetivo é compreender e levantar quais categorias da notícia esportiva foram escolhidas por esses profissionais na produção de seus relatos. Mais do que descrever o processo, a meta é entender os assuntos principais escolhidos para retratar a competição. É uma investigação explicativa, uma vez que é baseada no teste de hipóteses e busca que as conclusões levam à formulação ou ao contraste de leis ou princípios científicos” (ibidem, p. 115, tradução nossa⁷).

A entrevista revelou-se como uma das principais técnicas de levantamento de informações para o desenvolvimento teórico e prático desta dissertação. Mesmo nos capítulos 2 e 3, com características de investigação documental, a comunicação direta com pesquisadores da área de comunicação e esporte, jornalistas e outros profissionais nos Jogos Abertos do Interior permitiu ampliar o conhecimento sobre o assunto, identificar novos caminhos para a pesquisa e potencializar a observação realizada em Marília, durante a competição.

Em todos os casos, a escolha foi pelo modelo de entrevista semiestruturada, por conta do “grau relativo de flexibilidade, tanto no formato quanto na ordem e no termo de realização às diferentes pessoas a quem é dirigida” (ibidem, p. 257, tradução nossa⁸). Existia um roteiro de assuntos a ser abordado para cada entrevistado, mas havia liberdade para aprofundar determinados temas dependendo do conhecimento e do perfil da pessoa, seja em conversa presencial, por telefone e até por e-mail e/ou videoconferência. Dessa forma, “constitui um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano”, como explica a pesquisadora da USP, Cremilda Medina (1986, p. 8).

⁷ Em espanhol: “la prueba de hipótesis y busca que las conclusiones lleven a la formulación o al contraste de leyes o principios científicos”.

⁸ Em espanhol: “relativo grado de flexibilidad tanto en el formato como en el orden y los términos de realización de la misma para las diferentes personas a quienes está dirigida”.

2 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA ESPORTIVA - CONCEITOS E AUTORES

A notícia pode ser considerada o produto básico do jornalismo. Meios de comunicação que reconhecidamente oferecem informações de qualidade, relevantes e na linguagem adequada a seu público ganham credibilidade e respeito, revertendo essa imagem positiva a um maior potencial financeiro por meio da venda de anúncios ou com o desenvolvimento de novos modelos de negócio, como assinaturas e produções de conteúdo institucionais. Quem lê, ouve ou assiste a uma notícia espera estar mais informado sobre sua região e o mundo a sua volta.

Ela também é o espelho da idealização da práxis jornalística, ou seja, a ideia centrada na objetividade, isenção e imparcialidade, sem emissão de opiniões ou análises subjetivas e retratando apenas os fatos como eles são na realidade. A notícia deve ser clara, transparente e acessível, trazendo os pontos cruciais de um determinado evento. Não há espaço para interpretação, que é função da reportagem, e tampouco para opinião, destinado aos colunistas e comentaristas. Não existe notícia antiga, uma vez que é considerada o retrato do seu tempo por trazer apenas aquilo que aconteceu recentemente na área de cobertura do meio de comunicação em questão. Também não existe notícia falsa. Se o relato é mentiroso, deixa de ser considerado notícia pois perde a capacidade de ser comprovado pela sociedade.

Apesar de sua importância para a compreensão do trabalho jornalístico, chegar a uma definição clara do conceito de notícia não é uma tarefa simples. Há diferentes visões, ideias e propostas, umas contraditórias às outras e que abordam inúmeras questões. Essa abrangência de temas exemplifica-se nos estudos sobre a própria comunicação, um dos principais desafios acadêmicos, como explica a professora e pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Vera Veiga França (2001, p. 50): “o corpo das teorias da comunicação apresenta-se como um quadro fragmentado – tanto no que diz respeito à heterogeneidade dos aportes, quanto à diversidade das práticas que abarca”.

Nem os próprios meios de comunicação, responsáveis pela produção e circulação das notícias, chegam a um consenso sobre a melhor definição. O Manual de Redação elaborado pelo jornal Folha de S. Paulo, considerado um dos mais influentes do país, trata a notícia como “puro registro dos fatos, sem opinião” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006, p. 88). Vale salientar que a expressão “notícia” é descrita em apenas duas oportunidades em todo o documento.

Tampouco há uma definição clara de notícia no Manual de Jornalismo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), instituição responsável pelos principais veículos jornalísticos públicos do país. Em sua última versão não há uma categorização do que seja notícia, ainda que busque explicar os valores que norteiam a prática jornalística. “O interesse da sociedade

brasileira é o foco essencial do jornalismo da EBC, que deve se colocar a serviço do direito dos cidadãos à informação correta e qualificada, à comunicação plural e diversificada e à liberdade de pensamento, opinião e consciência” (EBC, 2013, p.22).

A Enciclopédia INTERCOM de Comunicação, em seu Volume 1 - Conceitos, aborda que “para o jornalismo, a notícia representa o acontecimento mais importante para uma sociedade, pelo impacto e pela repercussão que terá ao ser divulgado” (INTERCOM, 2010, p. 873). O pesquisador e primeiro doutor em jornalismo no Brasil, José Marques de Melo (1985, p. 65), coloca a notícia como um elemento importante do gênero informativo, sendo “o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”. A diferença para a nota e para a reportagem estaria “exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e a acessibilidade de que goza o público”.

No intuito de sintetizar os principais termos desta área de conhecimento, o professor Eduardo Neiva, do departamento de estudos da comunicação e mídia da Universidade de Alabama, nos Estados Unidos, elaborou o Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia, fornecendo uma breve definição do que é notícia. Ele aponta dois significados: “1) relato de fatos e acontecimentos, recentes ou atuais, ocorridos no país ou no mundo, veiculado em jornal, televisão, revista, etc.; 2) o assunto focalizado nesse relato” (2013, p. 401). Além disso, destaca-se mais cinco verbetes derivados: noticiar, noticiário, noticiarismo, noticiarista e noticioso.

O conceito de notícia foi moldado a partir da evolução do jornalismo enquanto campo profissional ao longo do século 19 e começo do século 20. Neste período, os jornais impressos, principais meios de comunicação de massa da época, deixaram de ser ligados exclusivamente a grupos políticos e econômicos, com função prioritariamente panfletária, para serem instituições privadas sem qualquer vínculo em sua operação. É o surgimento do conceito de *penny papers*, segundo definição do professor da Universidade de Columbia Michael Schudson (2010, p. 30). “Os *penny papers* se consolidaram no mundo por meio de sua larga circulação, e da publicidade que isso atraiu, mais do que por contar com a venda de assinaturas e os subsídios provenientes de partidos políticos”.

Era necessário desenvolver um produto que pudesse ser colocado em circulação e permitisse às pessoas adquiri-lo por um preço relativamente barato (*penny* = um centavo) para facilitar a distribuição. Diferentemente de outras organizações, que vendiam itens e serviços palpáveis, isto é, passíveis de serem manuseados, o principal produto do jornais não era o calhamaço de papel. As pessoas que compravam um jornal (e, futuramente, dedicaram parte de seu tempo para acompanhar radiojornal e telejornal) estão interessadas em outro tipo de bem: a informação, condensada em uma forma que seja possível a sua compreensão e entendimento.

“Com a imprensa *penny*, um jornal vendia um produto ao leitor em geral, e vendia o leitor ao anunciante. O produto vendido aos leitores era a ‘notícia’” (ibidem, p. 37).

Houve a necessidade de consolidar a profissão de jornalista, até então destinada aos escritores. Ao mesmo tempo, era preciso desenvolver técnicas e métodos capazes de otimizar a produção das informações como relatos narrativos. De acordo com a professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo, Cremilda Medina (1988, p. 19):

A formação da grande indústria da informação cujo símbolo são as Agências de Notícias e as cadeias jornalísticas (...) exige a profissionalização dos técnicos que processam esse produto. Muito natural o surgimento, então, de uma corrente de pensamento para disciplinar a aprendizagem do “ofício” até aí acessório de jornalista.

A lógica de produção da notícia está próxima à noção de acontecimento. A confiabilidade das informações presentes nos relatos impressos em jornais depende de sua veracidade e do seu *timing*. Ou seja, devem estar relacionadas a eventos que possibilitem sua comprovação pela sociedade e, além disso, fazer parte de sua própria realidade para que sejam aceitas. Situações que não aconteceram no dia a dia da população (ou que pelo menos não vieram à tona e não foram postas à prova com documentos) escapam dessa definição e não podem ser abordadas pelo jornalismo. Contudo, ainda que possuem uma relação estreita, notícia e acontecimento não devem ser encarados como sinônimos.

O professor e pesquisador espanhol Miquel Rodrigo Alsina (2009, p. 45), da Universidade Pompeu Fabra, na Espanha, traz uma diferenciação clara entre os conceitos. Ainda que considere acontecimento como início do processo de produção da notícia, “a primeira diferenciação que faço é que o acontecimento é um fenômeno de percepção do sistema, enquanto que a notícia é um fenômeno de geração do sistema”. Ou seja, a notícia embarcaria outros elementos, como a própria forma de distribuição/circulação do meio de comunicação e também o consumo por parte do público.

Para registrar os acontecimentos, o jornalismo enquanto campo profissional utiliza mais do que as técnicas de trabalho capazes de otimizar a produção de notícias. Incorporou também outros fatores que implicam na definição e na forma como elas são produzidas. Elementos como prazo de entrega do relato, linha editorial e a própria estrutura oferecida aos profissionais impactam diretamente na forma como os valores-notícia são percebidos em um meio de comunicação ou até mesmo entre editorias, como afirma a jornalista e professora da Universidade de Munique, Liriam Sponholz (2009, p. 125): “a produção de notícias é determinada tanto pela utilização de escolhas racionais (método) quanto pelas repetições inconscientes aprendidas e socializadas na redação, ou seja, as rotinas produtivas”.

Isso explica porque determinados acontecimentos merecem, ou não, ganhar destaque e espaço nos meios de comunicação por meio das notícias. Um evento que acontece em uma pequena cidade do interior pode não impactar um veículo de uma grande cidade próxima, mas certamente vai interessar aos jornalistas que atuam naquele município, por exemplo. O que interessa para um jornal noticiar pode não ser interessante para outro – e assim por diante.

A imagem do jornalismo como retrato fiel do que acontece no mundo não corresponde ao seu propósito. O professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, Ciro Juvenal Marcondes Filho (2009, p 126) afirma que “jornalismo é, ao contrário, essencialmente seleção, ordenação, atribuição ou negação da importância de acontecimentos dos mais diversos, que passam a funcionar como se fossem um espelho do mundo”.

É importante perceber, portanto, esse jogo de forças que atua na produção noticiosa dos meios de comunicação. Há influências internas e inerentes às características de cada veículo, mas há também fatores externos que ajudam a moldar o relato em questão, como sugere o professor português Jorge Pedro Sousa (2002, p. 23):

Apesar das dificuldades de categorização, podemos afirmar, parece-me, que os acontecimentos imprevistos e notórios de alguma maneira se impõem aos *media*. Mas podemos igualmente considerar que alguns dos acontecimentos previsíveis, mais do que se impõem aos *media*, são quase como que “impostos” aos *media* (conferências de imprensa...) ou até mesmo “impostos” pelos *media* (alimentação de uma história já encerrada, etc.).

Com isso em mente, será que é possível listar quais acontecimentos possuem mais abrangência e aceitação na prática jornalística? É possível identificar uma hierarquia e temas que interessam aos repórteres e editores no momento de produzir uma notícia? De acordo com o escritor suíço Alain de Botton (2015, p. 10), o “objetivo do noticiário é nos mostrar tudo aquilo que ele próprio considera mais inusitado e importante no mundo”.

Essa é uma visão mais poética, evidentemente. O professor e pesquisador de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Muniz Sodré (2012, p. 71), por sua vez, é mais enfático ao abordar quais notícias interessam mais ao jornalismo. Para ele, toda notícia é a narrativa de um fato bruto, originado a partir de um acontecimento factual, isto é, presente à realidade histórica e passível de comprovação.

Parte-se do ‘fato em bruto’ (ou ‘fato bruto’) isto é, das qualidades ainda indiferenciadas de uma ocorrência, para transformá-lo em ‘acontecimento’ por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’, esse microrrelato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidades de acesso argumentativo ao ‘fato social’.

Quando falamos em *atos brutos*, logo associamos a questões que interferem diretamente na vida das pessoas. Temas políticos (seja a nível federal, estadual e municipal) e

econômicos possuem ampla cobertura dos meios de comunicação, sendo considerados, portanto, assuntos de interesse público. Notícias e reportagens que discutem os impactos de uma determinada medida econômica no dia a dia da população, o jogo político entre os poderes Executivo e Legislativo e o debate sobre projetos de leis que podem ser votados e sancionados realmente devem integrar a pauta da produção jornalística nacional.

Contudo, é interessante ressaltar que as pessoas não vivem em torno apenas dos assuntos considerados mais sérios e racionais. Na verdade, há outras situações que também mexem com seu dia a dia, como opções de lazer, turismo, gastronomia, entre outras. Esses temas não são considerados de interesse público por não impactarem diretamente a rotina de trabalho da população, mas podem ser apontados como *interesse do público*. Ou seja, são acontecimentos que despertam diferentes emoções e sentimentos e que, dessa forma, ajudam a suavizar o debate considerado racional e duro da política e economia.

A esse grupo de temas, os estudos de comunicação convencionaram a chamar de *fait-divers* (fatos diversos, em francês). O semiólogo e ensaísta francês Roland Barthes (2003, p. 259, tradução nossa⁹) foi um dos pioneiros no estudo sobre o termo. Para ele, esses relatos “vêm de uma classificação do inclassificável, é o desperdício desorganizado das notícias; sua essência é negativa, só começa a existir onde o mundo deixar de ser nomeado, submetido a um catálogo conhecido (política, economia, guerras, espetáculos, ciências, etc.)”.

A partir da análise de Barthes, convencionou-se por muito tempo no jornalismo identificar os *fait-divers* com relatos que fogem de qualquer compreensão e/ou importância para a sociedade, acrescentando pouco ou até mesmo nenhum valor à vida das pessoas ou a um determinado acontecimento. Seriam os fatos que existem por si mesmos e não exigem contexto ou conhecimento prévio para análise. “Sua imanência é o que define o evento” (ibidem, p. 261, tradução nossa¹⁰). As notícias em torno da vida de celebridades, tão comuns no jornalismo, seriam claros exemplos desta definição.

Entretanto, o professor e jornalista Nilson Lage (1985, p. 46) busca uma nova abordagem sobre os *fait-divers* no jornalismo, situando-os como elementos importantes na prática jornalística e que explicariam porque algumas notícias ganham destaque nos meios de comunicação. Para ele, tratam-se de “eventos sem classificação, mas ainda assim notáveis por

⁹ Em espanhol: “procede de una clasificación de lo inclasificable, es el desecho inorganizado de las noticias informes; su esencia es negativa, sólo empieza a existir allí donde el mundo deja de ser nombrado, sometido a un catálogo conocido (política, economía, guerras, espectáculos, ciencias, etc.)”

¹⁰ Em espanhol: “Su imanencia es lo que define al suceso”

alguma relação interior entre seus termos”. Em sua visão, são acontecimentos que não precisam de condições preestabelecidas para interessarem, como a política e economia; na verdade, o interesse está no próprio fato em si.

Sua repercussão em forma de notícia, portanto, denota dessa capacidade de atrair a atenção do público sem que sua rotina seja realmente impactada por este acontecimento. Em suma: fatos capazes de gerar emoção nas pessoas, seja deixando-as felizes ou tristes, também são considerados importantes para se transformarem em relatos nos meios de comunicação. Muniz Sodré (2012, p. 231) lembra que “por mais que o jornalismo desfralde a bandeira de reprodução da realidade, o seu funcionamento discursivo permanece no campo dos índices de um imaginário transcultural, em que a narrativa fascinante do destino é tão ou mais forte do que as pressões realistas da história”.

2.1 A categorização da notícia esportiva

É dentro desta categoria que o esporte cresceu e se consolidou como assunto importante para o jornalismo. Ainda que não seja considerada uma editoria nobre entre os profissionais, os meios de comunicação e organizações esportivas estabeleceram uma relação mútua ao longo de sua parceria desde o fim do século 19. Os veículos se solidificaram, entre outros fatores, por abrirem espaço em suas páginas de jornais (e posteriormente em programas de rádio e televisão) a grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos. Não é coincidência que uma parte considerável das receitas de publicidade das emissoras de TV seja proveniente da transmissão destas competições – a Rede Globo, por exemplo, cobrou R\$ 307 milhões *por cota* às empresas que desejam anunciar na cobertura do futebol em 2020¹¹.

No Brasil, era comum encontrar relatos de turfe, remo, críquete e outras modalidades nas páginas de vários jornais do país no fim do século 19 e nos primeiros anos do século 20. Essas notícias foram resultados das atuações dos próprios adeptos desses esportes, que utilizavam a influência que possuíam na sociedade local para conquistarem espaço no principal meio de comunicação de massa da época - muitos, inclusive, atuavam como cronistas e eram responsáveis pela divulgação em jornais específicos. Em sua dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo, o pesquisador Ouhydes João Augusto da Fonseca (1981) aponta

¹¹ O valor é inferior ao ano anterior por contar com a realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio, o que exige um plano comercial separado aos anunciantes interessados. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/09/04/futebol-2020-globo-pede-r-307-mi-por-cada-cota-de-patrocínio.html>> Acesso em: 30 de out. 2019

justamente o fato dos *cartolas*, expressão utilizada para designar os dirigentes esportivos, exercerem grande influência no jornalismo esportivo brasileiro desde seu início.

Este período coincidiu com a formação de diversos clubes atléticos e de lazer com jovens da elite do país, que voltavam da Europa com regras e equipamentos de diferentes atividades físicas - a grande maioria proveniente da Inglaterra, potência econômica da época e responsável pela institucionalização e uniformização de diferentes esportes. É o que ocorreu com o futebol, cuja primeira competição oficial foi realizada em 1902 com o Campeonato Paulista e contou com a presença maciça de descendentes de ingleses entre os representantes.

Este cenário só começou a mudar a partir da década de 1930, quando o Brasil já possuía uma tradição atlética, inclusive com participação nos Jogos Olímpicos de 1920 e 1924 (e três medalhas conquistadas no tiro) e os títulos do sul-americano de futebol em 1919 e 1922. Dois elementos explicam a consolidação do jornalismo esportivo como prática no país. O primeiro deles foi o surgimento do rádio com as primeiras transmissões esportivas, o que auxiliou no fortalecimento da editoria na imprensa. Além disso, a implementação do profissionalismo no futebol em 1933 fez a modalidade alcançar um novo patamar diante da opinião pública, possibilitando também a profissionalização do trabalho dos jornalistas (ibidem, 1981).

A transformação do atleta, que deixou de ser amador para se tornar um trabalhador remunerado de um determinado clube, foi um dos principais fatores que potencializou a prática do jornalismo esportivo em todo o mundo. Com o desportista tornando-se uma importante fonte de receita para as organizações por meio dos títulos, prêmios e, principalmente, da publicidade, era necessário garantir a melhor exposição da “marca” aos anunciantes, algo possível graças ao relato de seu desempenho nos meios de comunicação. O ensaísta alemão Walter Umminger (1968, p. 145) já relatava isso na década de 1960: “hoje em dia, a imprensa diária de todos os países ‘conta’ com o esporte”.

Desde seu início, a notícia esportiva se caracterizou pela proximidade grande entre os jornalistas e os principais atores das modalidades (como atletas e, principalmente, dirigentes), a busca pela valorização do desempenho atlético de seus competidores e a necessidade de cativar um público que crescia ano a ano. Essa combinação fez com que a prática do jornalismo esportivo abdicasse de certos métodos e técnicas produtivas das demais editorias, calcados na necessidade de objetividade e imparcialidade na cobertura de um determinado acontecimento – ainda que a carreira tenha passado por uma grande especialização nas últimas décadas.

Estas características permaneceram na forma de construção da notícia esportiva. O repórter desta editoria lida constantemente com a emoção e a paixão dos torcedores, que invariavelmente possuem suas preferências de modalidades, equipes e atletas. Além de registrar

o que acontece dentro (e, em alguns casos, fora) do campo ou ginásio, uma de suas funções primordiais é relatar os grandes feitos como eles merecem – e como os fãs esperam que sejam noticiados. O noticiário em torno do esporte chega a ser considerado um caso à parte. “Opinião e notícia nunca estiveram tão entrelaçadas. Parece até que o repórter de esporte jamais foi pressionado pela famosa ‘objetividade’” (MEDINA, 1988, p. 71).

Assim, o repórter de esporte pode aproveitar uma liberdade estilística na forma de produzir as notícias. Ao invés de construir os relatos com as mesmas técnicas exigidas das demais editoriais, como a presença de diversas fontes, a apuração por meio de entrevistas e uma redação formatada por regras estabelecidas pelo veículo, essas matérias simplesmente podem renegar estes recursos e abdicar de certos padrões jornalísticos. O estudo *International Sports Press Survey* de 2011, conduzido pelos pesquisadores alemães Jörg-Uwe Nieland e Thomas Hork, indica que dois terços das notícias esportivas (67%) possuem nenhuma ou apenas uma fonte de informação citada no texto.

No Brasil, essa autonomia fez com que os jornalistas que atuavam na editoria de esporte recorressem à crônica, um gênero literário que flutua entre a ficção e o jornalismo, para produzirem grande parte de suas notícias. Essa prática foi bastante comum na área, sobretudo na primeira metade do século 20, inclusive com grandes nomes da literatura brasileira escrevendo crônicas na área (casos de Nelson Rodrigues e José Lins do Rego). Ainda hoje, é comum encontrar pessoas que se referem ao jornalista esportivo como cronista.

É um gênero que combina perfeitamente com a notícia esportiva. José Marques de Melo (1985, p. 111) destaca este gênero como “um relato poético do real”, uma definição que se adequa ao caráter lúdico que envolve o esporte. A trajetória da crônica nos meios de comunicação consolidou este tipo de narrativa como uma importante descrição histórica de um determinado acontecimento. Recurso imprescindível no início do século 20, quando as redações eram ocupadas por escritores, tornou-se uma marca registrada do jornalismo esportivo mesmo com a especialização da profissão.

A consolidação dos meios eletrônicos no jornalismo esportivo, com a transmissão de diversas modalidades em emissoras de rádio e televisão, ampliou as possibilidades estilísticas de construção da notícia. O relato pôde ser misturado com elementos que, anteriormente, eram típicos do entretenimento, como músicas, efeitos sonoros e especiais, narrativas seriadas, humor, entre outros.

A prática não é nova, mas está se tornando cada vez mais comum na produção jornalística, principalmente a esportiva: noticiar e informar seu público com diversão e suavidade. Como afirma o sociólogo norte-americano Todd Gitlin (2003, p. 184), é “o alarme

sobre o *infotainment* – a indefinição dos limites entre notícia e diversão, com os programas jornalísticos usando reconstruções, *trailers* e música enquanto o entretenimento opta pela dramatização documental, o docudrama”.

O conceito busca relacionar duas ideias consideradas antagônicas dentro da comunicação: a seriedade buscada pelo jornalismo e a diversão proporcionada pelo entretenimento. Por muito tempo, havia uma divisão clara entre as duas propostas. Ao jornalista cabia adotar métodos e rotinas de trabalho que permitissem a construção de uma notícia isenta, imparcial e confiável, sem espaço para a dubiedade característica das manifestações artísticas. Ao entretenimento, por sua vez, esperava-se um maior cuidado estético em suas obras e, principalmente, nenhuma preocupação de representar a realidade histórica de forma fidedigna.

Era uma visão que não agradava diversos teóricos considerados críticos à noção de objetividade na produção jornalística. O pesquisador e professor da Universidade de Toronto, no Canadá, Derrick de Kerckhove (2009, p. 138) contesta a proposta da notícia ser o espelho da sociedade e capaz de retratar a realidade histórica. “Depois de McLuhan, Postman, Meyrowitz ou Bill Moyers será ainda necessário lembrar que ‘as notícias são entretenimento’? No entanto, as pessoas ainda tomam as notícias como realidade, e acreditam que as notícias televisivas são as mais reais”.

A fronteira que delimitava essa divisão, contudo, está se tornando cada vez mais turva. Hoje, é comum encontrar programas jornalísticos que recorrem a uma técnica e linguagem típica do entretenimento para transmitir a informação. Ainda mais no esporte, uma categoria que lida com a emoção do público desde seu princípio. O professor francês Claude-Jean Bertrand (1999, p. 33) aponta que “a sobreposição é quase inevitável: uma notícia pode ser interessante e sem importância; em contrapartida, aprende-se muito divertindo-se. Os dois tipos de mídia oferecem informação e formação – e é indispensável que os dois sirvam bem o público”.

É um cenário que, ainda hoje, rende debate e discussão na prática jornalística dentro do esporte. À medida que as emissoras de rádio e de televisão, os portais na Internet e os próprios jornais impressos adotam elementos do *infotainment* na construção da notícia na cobertura esportiva, há profissionais e veículos que questionam sua utilização recorrente. O uso em excesso destas técnicas realmente pode comprometer a notícia esportiva (uma vez que há elementos que precisam ser destacados como veremos adiante), mas também é inegável que o trabalho do jornalista esportivo passa pela capacidade de informar e divertir ao mesmo tempo.

A pesquisadora Fábria Angélica Dejavitte (2003, p. 102) traz em sua tese de doutorado, na Universidade de São Paulo, que o entretenimento é uma característica fundamental do mundo em que vivemos, onde dispositivos tecnológicos ampliam as funções dos meios de

comunicação e impactam as relações sociais. É preciso, portanto, enxergar este conceito dentro do jornalismo como um recurso importante para compreender a construção noticiosa.

O entretenimento é, sem dúvida, um dos elementos principais da sociedade da informação, sendo cada vez mais solicitado pelo receptor, e, dessa forma, não deve ser mais compreendido de maneira negativa; mas sim pode e necessita ser tomado tanto como uma ruptura com a vida (por meio da evasão e do escapismo) e também como algo que promove o indivíduo, fazendo com que ele caminhe seguramente em seu processo de autoformação: informando-se e ao mesmo tempo divertindo-se.

Já o pesquisador Carlos Henrique de Souza Padeiro (2015, p. 35), em sua dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo, argumenta que o infotainment é um recurso imprescindível na cobertura esportiva, uma vez que os repórteres precisam, ao mesmo tempo, lidar com a emoção do público e informá-lo.

A editoria de Esporte é responsável tanto pela descrição de um belo lance em um grande evento esportivo quanto pela investigação em relação aos recursos públicos aplicados na construção de uma arena; deve repercutir tanto a declaração/análise feita por um protagonista de uma competição profissional como ouvir as pessoas que deixaram de praticar esporte devido à deficiência de estrutura pública em sua cidade (parques, quadras, campos de futebol, pistas de skate, ciclovias etc.); pode veicular informações exclusivas sobre a contratação de um badalado jogador por um grande clube e divulgar um trabalho cultural relacionado a alguma modalidade esportiva.

Porém, isso não significa que a notícia esportiva é uma obra aberta, feita a partir da imaginação dos repórteres e que não possua elementos que a caracterizam enquanto prática jornalística e, tampouco, regras que devem ser seguidas. Há uma série de fatores que aborda todos os aspectos que norteiam não só o que acontece dentro de uma competição, mas sobretudo o que é inerente a ela fora do local de jogo, como cultura, artes, negócios e política.

A professora Kátia Rubio (2019), da Faculdade de Educação da USP, alerta que a busca contínua pelo entretenimento na notícia esportiva, aliada à baixa formação dos profissionais, pode ocultar questões mais graves e que mereceriam mais atenção dos repórteres, como os escândalos de bastidores. “Mobilizado por esse discurso emocional do esporte, de que o esporte é uma linguagem que sensibiliza e que emociona, se perde de vista tudo aquilo que está por baixo desse tapete e que determina a ação feita sobre o tapete” (informação verbal).

A liberdade estilística na forma de construir as notícias, a baixa exigência das técnicas de produção jornalística e a pouca censura sofrida durante o regime militar (FONSECA, 1981) moldaram a forma de trabalho dos jornalistas esportivos. Criou-se a imagem de que seriam alienados e, ainda hoje, a editoria é o destino dos estagiários e *focas*, ou seja, repórteres que estão em início de carreira e, portanto, não possuem tanta experiência para coberturas mais robustas, como revela o jornalista e professor Wilson da Costa Bueno (2005, p. 13): “Embora

represente espaço privilegiado em nossa mídia, não se caracteriza pela excelência profissional, nem se projeta como uma experiência madura do ‘fazer jornalístico’”.

Apesar de todas estas discussões acerca da importância e da prática do jornalismo esportivo, o fato é que este tema segue importante para os meios de comunicação. Desde os jornais impressos na virada do século 19, passando pelo cinema, rádio e televisão e, agora, com a ampliação das possibilidades de comunicação com as novas tecnologias, há mais pessoas buscando informar e noticiar as diversas modalidades esportivas. “Não é uma faca de dois gumes, é uma faca de múltiplos gumes (...) Nós temos na atualidade todas as mídias que multiplicam aquilo que, no princípio, era restrito a um pequeno grupo, um seleto grupo dedicado a isso e tutelado pelas instituições esportivas” (RUBIO, 2019, informação verbal).

Dessa forma, faz-se necessário buscar uma categorização em torno da prática do jornalismo esportivo. Ainda que a forma de construção do relato possa ser livre e utilizar a criatividade do repórter, alguns temas fazem parte da pauta rotineira que ronda esses profissionais. Caso contrário, as informações serão um amontoado de narrativas que vangloriam determinadas modalidades, atletas e/ou clubes esportivos. Assuntos que tratam os *olimpianos*, *valores olímpicos*, *modalidades*, *ciência*, *resultado*, *gestão* e *imagem técnica* devem fazer parte do dia a dia da editoria de esporte. Sozinhos ou juntos, eles moldam o que pode ser considerado “notícia esportiva” na atualidade.

2.1.1 Olimpianos

Em 1996, a 104ª Sessão Anual do Comitê Olímpico Internacional, realizada em Atlanta, nos Estados Unidos, ratificou a criação da Associação Mundial dos Olimpianos (WOA, na sigla inglesa). O termo, neste contexto, refere-se aos atletas que participaram oficialmente de alguma edição dos Jogos Olímpicos de Verão ou de Inverno. A missão da organização é reunir os atletas ainda vivos, ativos ou aposentados, “capacitando-os para tornar o mundo um lugar melhor” por meio de ações e projetos sociais. Dados da entidade estimam em mais de 100 mil olimpianos vivos espalhados pelo mundo.

A institucionalização de um órgão oficial dentro do COI para reunir pessoas que tenham participado de alguma edição dos Jogos Olímpicos representa uma tentativa de valorizar e reconhecer a figura dos atletas não só no Movimento Olímpico, mas na própria comunidade esportiva. Afinal, são os atletas, mais precisamente aqueles que conseguem atingir o ápice de uma carreira esportiva (medalhas em eventos internacionais), que são os principais personagens que movem todo este sistema envolvido.

Da mesma forma que os Jogos Olímpicos da Era Moderna foram inspirados na versão disputada na Grécia Antiga, a expressão *olimpianos* também foi emprestada da mitologia grega. É um dos termos que se refere aos deuses que frequentam a parte mais alta do Monte Olimpo e integravam o *Conselho*. Eram considerados as principais divindades e os que exerciam maior influência na vida humana, dominando diferentes aspectos da natureza.

Não havia, contudo, uma definição exata de quantos e quais deuses participavam desse *conselho olimpiano*. O historiador francês Pierre Grimal (2013, p. 25) relata que posteriormente foi definida a presença de 12 deuses, sendo os seis primeiros Olímpicos, filhos de Cronos, com mais seis divindades, “mas a lista é estabelecida com dificuldade e com toda certeza variou ao longo das eras”.

Aproveitando o aspecto divino em sua origem, o sociólogo Edgar Morin (2002, p. 105) retoma o termo novamente para designar personagens que recebem mais atenção dos meios de comunicação e, com isso, influenciam bastante a cultura de massa. São as famosas celebridades, perpetuadas no imaginário das pessoas por meio da publicidade em alguns casos, mas, principalmente, pelo extenso noticiário acerca de suas carreiras e trajetórias.

Esses olímpianos não são apenas os astros de cinema, mas também os campeões, príncipes, reis, *playboys*, exploradores, artistas célebres, Picasso, Cocteau, Dalí, Sagan. O olimpismo de uns nasce do imaginário, isto é, de papéis encarnados nos filmes (astros), o de outros nasce de uma função sagrada (realeza, presidência), de seus trabalhos heroicos (campeões, exploradores) ou eróticos (*playboys*, *distels*).

Como se vê, o atleta também é considerado um olímpiano nesta categorização, principalmente aqueles que se destacam em seus feitos esportivos – não à toa chamados de ídolos pelos torcedores e jornalistas. É inegável o apelo que Pelé (futebol), Gustavo Kuerten (tênis), Ayrton Senna (automobilismo), Oscar Schmidt e Hortência (basquete), Maurren Maggi (salto triplo), entre outros competidores nacionais exerceram e ainda exercem no imaginário esportivo da população brasileira. Eles participam de programas de televisão, dão autógrafos mesmo após aposentados, são requisitados para campanhas publicitárias e seus passos são seguidos de perto pelos meios de comunicação de massa.

Esse interesse explica-se por uma dicotomia importante. São, ao mesmo tempo, representações de algo que é inalcançável e modelo a ser seguido pelas pessoas. “Olimpianos e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que levam” (ibidem, p. 106). É uma visão que acompanha a própria evolução do atleta ao longo do século 20. Antes dedicado a uma aristocracia masculina que competia em modalidades esportivas de forma amadora, hoje ele se transforma em um profissional remunerado dentro da

lógica capitalista, vendendo sua habilidade e capacidade de ultrapassar limites e recordes em uma determinada atividade.

É natural, portanto, que o atleta ocupe uma posição central na sociedade. Seus feitos servem de inspiração para crianças e adolescentes e são motivos de inveja para adultos que se imaginam nessas grandes conquistas. “Quando você tem a sociedade hoje que vive em torno de toda essa construção de cena e de personagem, ele é, sem dúvida, o cara que se destaca não apenas por fazer um fato absolutamente fora da média, mas por também protagonizar todo o desejo de poder” (RUBIO, 2019, informação verbal).

Por isso que, por mais que grandes feitos de atletas amadores obtidos nas primeiras edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna sejam lembrados de tempos em tempos, são os recordes estabelecidos por profissionais que realmente chamam a atenção. A comoção em torno do milésimo gol do Pelé em 1969 (com o jogo sendo interrompido imediatamente após a conversão do pênalti por conta da invasão dos repórteres no campo), as 28 medalhas olímpicas do nadador norte-americano Michael Phelps, que faz dele o atleta olímpico mais laureado da história, ou a marca de 9.58 segundos do jamaicano Usain Bolt nos 100 metros rasos do atletismo são exemplos de barreiras vistas como inalcançáveis. A despeito do inegável talento para exercer determinada atividade, a possibilidade de treinar e aperfeiçoar essas técnicas também ajuda a elevar esse limite, como explica Walter Umminger (1968, p. 144).

As possibilidades imensamente maiores para o esportista profissional implicam forçosamente em riscos bem maiores do que geralmente devem ser assumidos em outros ramos de atividade. E assim deve ser. Usando um pouco de senso comum e de autocontrole, um profissional bem sucedido pode garantir folgadoamente sua existência futura. (...) O esportista profissional não é um gladiador dos tempos modernos, pois sempre e em todas as contingências, assiste-lhe o direito de deliberar livremente, de vender ou não sua capacidade e apresentar-se ou não diante do público, tal qual como fazem os atores e artistas.

Os olímpianos constituem, assim, uma fonte interminável de notícias para o jornalismo esportivo. Eventos, campanhas, competições ou até mesmo simples relatos de seu dia a dia são acompanhados de perto por seus fãs, que constituem um público considerável para os meios de comunicação. Esses personagens geram “identificação ou empatia”, importantes elementos para a retórica jornalística (LAGE, 1985, p. 49).

Vale ressaltar, contudo, que o talento, a dedicação ao treinamento e os recordes quebrados só são reconhecidos justamente quando há a presença de jornalistas esportivos para relatarem as conquistas desses atletas em grandes eventos, sobretudo os Jogos Olímpicos. Só a partir daí os grandes nomes do esporte entram para o panteão dos olímpianos modernos. “A informação transforma esses olimpos em vedetes da atualidade. Ela eleva à dignidade de

acontecimentos históricos acontecimentos destituídos de qualquer significação política” (MORIN, 2002, p. 107).

Jornais, rádios, emissoras de televisão e mídias digitais valorizam competidores que se destacam em suas modalidades, principalmente aqueles que obtêm grandes feitos em eventos internacionais, como Mundiais e Jogos Olímpicos, e, se possível, por um tempo considerado de tempo, como afirma Pierre Bourdieu (1997, p. 124): “A representação televisiva, embora apareça como um simples registro, transforma a competição entre atletas originários de todo o universo em um confronto entre os campeões (no sentido de combatentes devidamente delegados) de diferentes nações”.

2.1.2 Valores Olímpicos

A cada quatro anos, os Jogos Olímpicos da Era Moderna reúnem os principais atletas de diferentes modalidades esportivas para uma série de disputas em uma sede escolhida previamente sete anos antes para determinar os vencedores. Essa é a parte que os fãs acompanham nas arenas esportivas ou por meio de transmissões realizadas por grandes grupos de comunicação em todos os continentes. Contudo, é apenas uma pequena parcela referente ao Movimento Olímpico.

O site do Comitê Olímpico Internacional, entidade responsável pela promoção e gerenciamento do Olimpismo em todo o mundo, possui uma área específica para determinar a sua visão (“construir um mundo melhor através do esporte”) e, principalmente, quais são os seus valores fundamentais: Amizade, Excelência e Respeito. A Carta Olímpica¹², considerada o principal documento deste movimento, detalha de forma criteriosa as ações, regras e medidas para assegurar que esses ideais estejam presentes em todas as decisões referentes aos Jogos Olímpicos, seja na preparação da cidade-sede ou até mesmo na véspera e durante a competição esportiva propriamente dita.

O Comitê Olímpico Brasileiro elaborou em 2009 a cartilha “Olimpismo - sua origem e ideais” para facilitar a compreensão do Movimento Olímpico como um todo, incluindo seus símbolos, suas missões e o evento esportivo. “Os ideais do Olimpismo são: a participação em massa; a educação por intermédio do esporte; a promoção do espírito coletivo, do intercâmbio

¹² Última versão lançada em novembro de 2018 e disponível em: https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/EN-Olympic-Charter.pdf#_ga=2.248100676.2137982912.1559779142-350599653.1552745704 Acesso em: 5 jun. 2019

cultural e da compreensão internacional; e a busca por excelência”. Ser olímpico, portanto, significa respeitar as regras, o convívio com outras pessoas e tentar ser o melhor que puder.

Entretanto, isso não significa que os valores e ideais olímpicos não sejam imutáveis (ou até mesmo objetos de crítica e debate). A idealização dos Jogos Olímpicos da Era Moderna pelo barão Pierre de Coubertin em 1894 tinha como objetivo valorizar os aspectos pedagógicos por meio da prática de atividade física. Isso explica porque o amadorismo e o *fair play* eram os pilares do Olimpismo, entendido como uma filosofia de vida e não como uma competição esportiva.

Evidentemente, a profissionalização do atleta e da própria prática esportiva, com a entrada de patrocinadores e conglomerados de mídia que pagam bilhões de dólares para transmitirem as disputas, remodelaram esse cenário. Hoje, poucos esportes do programa olímpico possuem atletas considerados amadores em suas modalidades (e ainda assim os Jogos são encarados como primeiro passo para uma carreira de sucesso internacional). Já o *fair play*, ainda que seja um discurso importante em cada evento atualmente, convive com a busca por recordes e o duelo constante dos atletas pela vitória – uma vez que é a partir do triunfo e da glória que a pessoa pode conquistar melhores contratos publicitários (garantindo uma renda adequada) e até pleitear uma estrutura melhor para treinamentos.

Isso leva Kátia Rubio (2001, p. 133) a questionar se os valores propagados pelo Comitê Olímpico Internacional ainda refletem aquilo que está propagado na Carta Olímpica:

Ou seja, a defesa do Olimpismo enquanto ideal do Movimento Olímpico segue não aquilo que está expresso na Carta Olímpica – ainda que confuso por causa da base epistemológica eclética do Barão de Coubertin, que permite diferentes interpretações do texto original, segundo vários de seus opositores e ideólogos posteriores, como já citado anteriormente – mas as *necessidades* ou *tendências* internacionais ditadas pelos interesses que despontam no momento. Teria sido essa, de fato, a intenção do Barão? Então por que toda a discussão sobre o que é e para que serve o Olimpismo? As quadras, pistas, piscinas e campos estariam se tornando palco de outras disputas que não apenas aquelas que se propunham a apontar o mais rápido, ágil e habilidoso?

Os meios de comunicação exercem influência considerável dentro dessa estrutura que rege o Movimento Olímpico. No discurso de encerramento do Congresso que criou os Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1894, o barão Pierre de Coubertin fez questão de agradecer aos jornalistas presentes naquele momento¹³. Os jornalistas estão presentes desde a primeira edição dos Jogos, em 1896, e a possibilidade de filmar ou fotografar as modalidades faz parte da Carta Olímpica desde 1930. O ensaísta e professor de literatura Hans Ulrich Gumbrecht (2007, p. 102) mostra que os Jogos de 1936 “inauguraram uma dependência mútua entre o esporte e a

¹³ Disponível em: <<http://coubertin.org/docs/PdC-Olimpismo.pdf>> Acesso: 2 mai. 2021

tecnologia das comunicações, que cada vez mais define nossa experiência como espectadores na atualidade”.

Em parte, essa presença maciça do jornalismo é um dos fatores que explica a transformação gradual dos Jogos Olímpicos em celebração dos amadores e do *fair play* por um megaespetáculo esportivo – o que leva autores a definirem esse momento como *pós-olimpismo* (RUBIO, 2001). Afinal, há uma promoção deliberada de hierarquização de esportes de acordo com interesses dos grandes conglomerados midiáticos. Notícia de Regys Silva (2018) divulgada no portal Surto Olímpico mostra que na edição dos Jogos Olímpicos de 2020, em Tóquio, no Japão, os horários das finais de natação acontecerão de manhã para se adequar à grade de programação da rede NBC, dos Estados Unidos, considerada a maior parceira de mídia do Comitê Olímpico Internacional – ainda que a rede japonesa NHK preferisse que fossem realizadas à noite.

Agora, este cenário que combina os valores fundantes do Movimento Olímpico com a necessidade de adequação aos interesses da lógica do mercado já começa a cobrar o seu preço. As escolhas das sedes dos Jogos de Inverno de 2022 e 2026 desencadearam uma crise no Comitê Olímpico Internacional com a desistência de cidades ao longo do processo. Aliado a isso, a denúncia de corrupção na escolha do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, com a prisão de Carlos Arthur Nuzman, então presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, acelerou a adoção de medidas que melhorem a imagem da instituição e do Olimpismo como um todo, como a Agenda 2020 (leia-se 20 + 20).

Busca-se uma espécie de retorno aos valores iniciais, uma tentativa de resgatar a essência dos Jogos. Seria um *neo-olimpismo*¹⁴, como aborda Kátia Rubio (2019, informação verbal):

Isso que era uma grande fonte de projeção, por exemplo, de perspectiva para a juventude começa a se esvaziar porque o esporte perde sua pregnância. O que a gente vê é que os Jogos do Rio de Janeiro, de 2016, marcam o fim dessa fase que a gente chama de pós-olimpismo. É o limite, inclusive gerando todo o processo de denúncia de corrupção da compra da cidade, a prisão do Nuzman e com a repercussão internacional disso - que o Thomas Bach já tinha percebido isso lá em 2012/2011 quando ele chama a agenda 2020. Então, a agenda 2020, na verdade, anuncia isso que nós estamos chamando de neo-olimpismo. É uma busca de resgate desse conceito original que não tem volta, mas que de uma forma é uma reaproximação com os valores originais - e que é um grande paradoxo.

¹⁴ A pesquisadora propõe neo-olimpismo como uma nova categorização do atual momento vivido pelo Comitê Olímpico Internacional, substituindo o conceito de pós-olimpismo desenvolvido por ela e que explicaria a entrada dos grandes patrocinadores e conglomerados de mídia na estrutura do Movimento Olímpico a partir dos anos 1980. O neo-olimpismo seria uma tentativa de retomar os valores originais do Olimpismo, mas sem perder o valor do capital, responsável por manter toda a estrutura institucional do evento.

Cabe aos meios de comunicação e à notícia esportiva o papel de investigar esse período de crise e transição do Movimento Olímpico, mas também o de divulgar os ideais esportivos que norteiam esta estrutura apesar dessas questões. Ainda que a transmissão em tempo real valorize o imediatismo da competição, os principais parceiros da entidade, principalmente as emissoras de televisão, produzem e abrem espaço em suas grades de programação para conteúdos alinhados com os interesses do Olimpismo. A mais recente iniciativa é o serviço por *streaming Olympic Channel*. Além de oferecer produções audiovisuais gratuitas pela web, a plataforma estabelece uma série de parcerias ao redor do mundo para garantir a exibição desses materiais e veicular os valores olímpicos.

O jornalista esportivo, portanto, também deve divulgar os valores olímpicos de Amizade, Respeito e Excelência por meio de reportagens, fotografia ou produções audiovisuais, possibilitando a construção de um mundo mais justo por meio do esporte. Como lembra o jornalista guatemalteco Francisco Chang (2001, p. 6, tradução nossa¹⁵), “o impacto do jornalismo e do esporte não se reflete apenas na descrição da excelência esportiva, mas também se manifesta nas ideias que emanam de suas páginas, vozes ou imagens jornalísticas”.

2.1.3 Modalidades

Quando falamos em esporte, múltiplos conceitos surgem em nossa mente. Para muitos, a expressão remete à educação física, ou seja, ao ato de ensinar e estimular atividades físicas às pessoas. Para outros, é sinônimo justamente desta prática por parte da população: a corrida matinal, o futebol com os amigos todas as semanas e o tênis no clube seriam formas de praticar *esporte*. Por fim, uma terceira proposta associa com a performance executada por atletas profissionais em competições regulamentadas por órgãos regionais, nacionais ou internacionais e que demandam alto grau de habilidade e técnica de seus praticantes.

Como lembra Mauro Betti (1998), professor de educação física da UNESP, o esporte é um conceito bastante polissêmico. Não há um consenso na definição do que caracteriza essa atividade nem mesmo em órgãos reguladores e no ambiente acadêmico. Competições poliesportivas determinam quais práticas fazem parte de seu projeto a partir de critérios que, em muitos casos, transcende a atividade física – e o potencial de comunicação certamente é um

¹⁵ Em espanhol: “La repercusión del periodismo y el deporte no sólo se refleja en la descripción de la excelencia deportiva, también se manifiesta en las ideas que emanen desde las páginas, voces o imágenes periodísticas”.

fator importante nesse sentido. O Comitê Olímpico Internacional, por exemplo, faz alterações nos programas de cada edição, excluindo esportes e adicionando outros.

O professor da Universidade de São Paulo, Renato Francisco Rodrigues Marques (2015, p. 159), alerta para a dificuldade de conceitualizar o que é o esporte, principalmente em um momento de globalização e, conseqüentemente, da internacionalização e expansão de diferentes modalidades. “Frente a este cenário, é possível afirmar, com certa tranquilidade, que o esporte contemporâneo é um fenômeno sociocultural que exerce influência sobre a vida dos sujeitos que com ele se relacionam, ao mesmo passo que sofre ressignificações”.

Um dos principais pesquisadores e teóricos sobre educação física e esporte no Brasil, Manoel Tubino (1999) buscou agrupar essas diferentes visões em torno de três grandes categorias: o esporte-pedagógico, que remete ao ensino de atividades físicas, o esporte-participação, que seria a prática em si de uma determinada atividade motora, e o esporte-performance, que equivale ao alto rendimento. Em cada uma delas, seja em uma disputa coletiva ou individual, o conceito implica o conjunto de habilidades que, combinadas, executam as técnicas exigidas para atingir um determinado objetivo.

Logo, independentemente do tipo de envolvimento que a pessoa possui com uma determinada atividade (iniciante, amador ou profissional), espera-se que ela consiga desenvolver ações que envolvem seu corpo e utilizar ferramentas para atingir o desempenho esperado. Há esportes que demandam domínio de bola ou disco, sozinho ou com aparatos como tacos e raquetes; provas disputadas sob o sol e sobre a água, com ou sem apoio de embarcações; diferentes tipos de disputa combinados com fatores climáticos, como neve e gelo; demonstrações de combate entre pessoas ou apenas exibições atléticas de velocidade e força.

Cada uma dessas habilidades revela uma prática esportiva única e desperta curiosidade do público. De acordo com José Guilmar Mariz de Oliveira (1997, p. 28), professor da Escola de Educação Física e Esporte da USP, “tem-se, então, diferentes modalidades de esporte ou ‘modalidades esportivas’ e não esportes, em função de instalações, equipamentos e outras peculiaridades que as caracterizam”.

O desenvolvimento de uma modalidade esportiva está intimamente ligado a questões sociais, culturais e demográficas de uma determinada sociedade. Em um ensaio, o semiólogo e crítico literário francês Roland Barthes (2009, p. 97-105) busca compreender o que é o esporte a partir de cinco modalidades distintas: touradas, ciclismo, automobilismo, hóquei no gelo e futebol. Cada uma delas apresenta características únicas para compreender sua importância em diferentes regiões, como o hóquei no Canadá, um dos países mais frios do planeta, e o ciclismo na França. Segundo o autor, “o esporte é feito para relatar o contrato humano”.

As modalidades também refletem a estrutura de classes na sociedade. A prática esportiva se transformou em um importante recurso de mobilização social. O sucesso em uma determinada atividade registrado pelos meios de comunicação representa a chance de ascender socialmente, adquirindo uma condição que seria praticamente inviável para grande parte das pessoas. Professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Valter Bracht (2005, p. 106) mostra que essa relação é, portanto, essencial, “na medida em que determinadas modalidades se tornaram típicas de determinadas classes sociais”.

Compreender estes aspectos em torno das modalidades esportivas, caracterizando-as em sua totalidade, ou seja, não apenas o desempenho atlético de atletas e equipes, mas todos os pontos que as tornam importantes para uma determinada localidade é função justamente dos jornalistas que trabalham com esporte nos meios de comunicação. Ainda que grande parte da cobertura esteja focada especificamente no que acontece dentro de um ginásio ou estádio e que o profissional exerça uma liberdade estilística maior, espera-se da notícia esportiva uma dinâmica semelhante das demais editorias. Resumindo: o repórter deve ter a capacidade de pesquisa, apuração, entrevista e construção narrativa para compreender e conseguir envolver todos os tópicos que cercam um determinado acontecimento esportivo.

Uma modalidade esportiva abrange conhecimento de diferentes áreas, como economia (impactos de grandes eventos), políticos (projetos de leis que facilitam o financiamento público), sociais (debates sobre racismo e homossexualidade), científicos (*doping* e lesões), entre outros exemplos. O professor Mário Erbolato (1981, p. 15) destaca que “além de conhecer as regras e os regulamentos de cada modalidade de esporte, o jornalista precisa inteirar-se de uma série de fatos que, por serem infringidos ou esquecidos, podem constituir base para um bom noticiário”.

Apesar disso, os meios de comunicação possuem modalidades preferidas, valorizando-as em sua cobertura noticiosa porque atraem mais a atenção de seu público-alvo. A possibilidade de transmitir uma conquista de atletas nacionais em competições internacionais, como os Jogos Olímpicos, é um chamariz importante - práticas com mais chances de vitória para uma determinada região tendem a ganhar mais espaço na notícia esportiva daquela localidade (BOURDIEU, 1997). Partindo do princípio de que a notícia é o produto básico do jornalismo em uma lógica capitalista, precisa ser aderente a uma parcela significativa da população. No Brasil, o futebol ocupa a preferência de grande parte dos torcedores, seguido por outros esportes, como basquete e vôlei (igualmente vitoriosos em sua trajetória histórica).

2.1.4 Resultados

Uma frase atribuída ao Barão Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, mas dita pelo bispo Ethelbert Talbot da Igreja Anglicana antes da edição olímpica de 1908, em Londres (Reino Unido), se transformou no lema informal do Movimento Olímpico e do espírito esportivo: o importante não é vencer, mas competir. Esta sentença exemplifica o ideal proposto pelo educador francês no desenvolvimento do Movimento Olímpico. Mais do que promover competições e disputas, o objetivo oficial era estimular a paz e a união dos povos por meio da atividade física. Tanto que, ainda hoje, o Comitê Olímpico Internacional não reconhece os quadros de medalhas em Jogos Olímpicos por acreditar no ideal de não-competição entre países e atletas.

Esta lógica até fazia sentido no início do século 20, quando a grande maioria dos esportes era encarada ainda como atividades de lazer e, portanto, restrita aos amadores. Contudo, a prática esportiva se popularizou justamente por, entre outros fatores, oferecer aos torcedores a possibilidade de identificar os melhores a cada campeonato, consagrando campeões que eram capazes de fazer o que os demais julgavam ser impossível. Era necessário permitir que esses atletas pudessem desenvolver suas habilidades, abrindo espaço para a profissionalização e o constante aperfeiçoamento das técnicas. Empresas e meios de comunicação, interessados no público crescente, passaram a fazer parte como patrocinadores e/ou apoiadores, estimulando e valorizando ainda mais a superação de limites. Assim, o ideal do *fair play* na origem do esporte moderno deu lugar à busca por recordes e vitórias.

Diferentemente do que muitos pensam, a necessidade de se destacar e vencer não é exclusiva do esporte moderno, mas inerente ao próprio método da sociedade capitalista que se desenvolveu a partir do século 19 – e que a modalidades esportivas espelham com perfeição. Ainda hoje, há toda uma mentalidade dentro das empresas e indústrias que estimula a competição entre os colaboradores, premiando aqueles que se destacam mais em sua produtividade, seja por meio de vantagens financeiras ou valorização simbólica. Até mesmo nas instituições de ensino os melhores alunos são recompensados em determinados momentos por suas boas notas, isto é, por atenderem as expectativas das pessoas que estão no comando.

O professor de história da Universidade de São Paulo, Nicolau Sevcenko (1994, p. 34), recorda que esta é uma situação que não é explicada de forma direta pelas instituições sociais, mas que está intrínseca às relações sociais construídas pelas pessoas.

Embora tudo isso nunca seja explicitado, é no entanto intuitivamente muito claro para essas populações, as quais estão expostas a estímulos dessa natureza que procedem

das mais variadas fontes e convergem no sentido de promover socialmente e premiar simbolicamente quem melhor corresponder às demandas da mais complexa destreza física, das mais imediatas e precisas reações reflexas e da mais fremente disponibilidade instintual.

Vencer seus colaboradores rivais e conquistar uma promoção em seu emprego, conseguir comprar o carro de seus sonhos após muito esforço ou até realizar aquela viagem esperada há muito tempo podem ser considerados exemplos de valorização do resultado no dia a dia da sociedade. Essas conquistas também são comemoradas pelas pessoas, tal qual um atleta celebra quando consegue conquistar um título ou superar uma marca inédita para ele. As semelhanças não param por aí: ambas as situações exigem planejamento, foco e dedicação de seus participantes para que o objetivo se transforme em realidade.

A diferença é que o esporte moderno incorpora essa busca pelo melhor desempenho e, em certos casos, eleva às últimas consequências com a exposição do corpo a lesões e contusões. Essa capacidade de transformar uma atividade lúdica em uma disputa institucionalizada por meio de regras e órgãos oficiais que valorizam a busca pela vitória é o que diferencia jogo de esporte, segundo o historiador holandês Johan Huizinga (2000).

Dessa forma, o atleta não compete apenas contra o seu próprio limite, como era no princípio, e tampouco apenas na arena esportiva contra outros competidores em busca de um hipotético título. A disputa não é só pela primeira posição na modalidade, mas também pelas vantagens que essa conquista pode trazer no futuro. Vencedores aparecem mais nos meios de comunicação, conseguem melhores patrocinadores e podem, assim, treinar de maneira mais favorável, aperfeiçoando sua técnica para continuar vencendo. “Nessa condição, a vitória, e não a participação, é o valor supremo da competição esportiva, isso porque à vitória estão associados o reconhecimento social, o dinheiro e o desejo da permanência, levando ao menosprezo de qualquer outro resultado” (RUBIO, 2006, p. 87).

Isso leva, portanto, a um desprezo dos atletas e profissionais do esporte por qualquer outro resultado que não seja a vitória e o conseqüente reconhecimento por parte dos torcedores. Medalhistas olímpicos e mundiais que conquistaram a prata (segunda posição) e bronze (terceira) sofrem com a falta de valorização por seus feitos a longo prazo. No Brasil, cristalizou-se a ideia de que os segundos colocados são os primeiros perdedores – frase, aliás, normalmente atribuída ao piloto Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1 e ídolo nacional conhecido por testar seus limites nas pistas.

Não é à toa que os quadros de medalhas divulgados pelos meios de comunicação em uma disputa esportiva consideram como critério principal o número de medalhas de ouro ao invés do total de medalhas conquistadas pelos atletas nacionais durante a disputa. É esse risco

inerente ao esporte, entre o triunfo que abre portas e o fracasso que arruína uma carreira, que determina a popularidade do relato esportivo nos meios de comunicação. “A chance de vencer e o risco da derrota produzem uma narrativa, um sentido épico e um drama” (GUMBRECHT, 2007, p. 61).

Uma vez que a busca pela vitória é inerente à sociedade, é inegável que a construção da notícia esportiva passa pela narrativa de grandes conquistas de clubes, seleções e atletas. Relatos de grandes feitos dos vencedores são possibilidades que os meios de comunicação têm para impactarem seu público, auxiliando também na busca por audiência ou venda de jornais. Afinal, é muito mais fácil atrair a atenção da pessoa quando a notícia principal é a conquista de um grande título.

Por conta disso, o jornalismo esportivo possui a necessidade de estabelecer comparações e variáveis que determinam os melhores em cada partida, campeonato e temporada. A ênfase da informação está sempre no placar, no tempo ou na pontuação obtida pelos competidores e equipes. Uma transmissão de qualquer modalidade mostra constantemente os dados matemáticos que comprovam porque há alguém vencendo. Repete-se a lógica do capitalismo, em que números são utilizados para potencializar e mensurar a produtividade de cada pessoa, estabelecendo critérios que determinam a vitória, como explica Sevchenko (1994, p. 32):

O que caracteriza por excelência essa nova atividade é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. (...) No caso do esporte, todo o sentido da ação converge para um efeito da maximização de um padrão de produtividade. Por isso o resultado tem sempre que ser numérico: Corinthians 2 x 1 Palestra; 100 metros rasos em 9,89 segundos; nocaute aos 2 minutos e 33 segundos do 7º assalto, etc.

Assim, ainda que os Jogos Olímpicos valorizem a idealização da competição, promovendo seus valores, a busca pela vitória e por grandes feitos é inerente ao mundo em que vivemos. Os meios de comunicação reproduzem essa visão ao estabelecerem como um dos critérios para a notícia esportiva a divulgação dos vencedores. É o método para enaltecer os campeões (e seus respectivos patrocinadores) ao mesmo tempo em que oferecem uma carga emocional ao público consumidor. Como afirmam Eileen Kennedy e Laura Hills (2009, p. 28, tradução nossa¹⁶), professoras britânicas de Sociologia, “os espetáculos esportivos são locais de investimentos afetivos de curta duração, mas intensos, permitindo que os espectadores oscilem constantemente entre altos e baixos emocionais”

¹⁶ Em inglês: “Sport spectacles are sites of short-lived but intense affective investments, enabling spectators to swing constantly between emotional highs and lows”.

2.1.5 Ciência

O fã que acompanha sua equipe ou atleta favorito nas notícias dos meios de comunicação nem desconfia, mas a ciência exerce papel fundamental em sua paixão. Ainda que seja um trabalho considerado de bastidores, o tempo de recuperação de um atleta pode representar o sucesso ou o fracasso de um time na sequência da temporada, assim como um inesperado caso de *doping* pode dificultar as chances de conquistas nacionais e internacionais. É natural que o torcedor deseje ser informado sobre todos esses tópicos.

Quando se trata de cobertura esportiva nos principais veículos, espera-se que a ciência ocupe uma posição de destaque no trabalho do jornalista desta editoria. Afinal, o esporte nada mais é do que uma atividade motora que depende da boa performance física de seus participantes para atingir o desempenho esperado pelo público. Áreas como medicina, fisiologia, psicologia, entre outras, são partes fundamentais na rotina dos principais clubes, atletas e federações em todo o mundo – e, conseqüentemente, importantes fontes de informação aos repórteres esportivos.

A questão, porém, é saber como esta notícia está sendo construída e passada aos torcedores. O jornalismo esportivo atua como principal mediador entre a prática do esporte em alto rendimento e o público. Ainda que o repórter que cobre diferentes modalidades possua uma relativa liberdade referente às técnicas de produção da profissão, ainda é sua missão levantar os principais acontecimentos, preparar os relatos e apresentar diferentes pontos de vista sobre o assunto, aprofundando o conhecimento das pessoas sobre determinados temas.

Dentre todos os assuntos que cercam a produção da notícia esportiva, a ciência é um dos que mais exigem conhecimento, preparo e atenção dos profissionais de comunicação. Uma lesão sofrida em um jogo, um caso de *doping* ou uma preparação física inadequada não só compromete o desempenho de um atleta, como pode até abreviar a carreira dependendo da gravidade do caso. É preciso que a notícia saiba abordar estas situações com clareza e transparência, evitando maior prejuízo aos envolvidos.

Dessa forma, temas como psicologia, medicina, nutrição, biomecânica, fisiologia, entre outros, devem ser tratados de forma adequada pelos jornalistas para transmitir a informação correta e, ao mesmo tempo, oferecer à audiência um melhor entendimento. Para aprofundar a pauta, é preciso reforçar a importância do conhecimento científico na construção narrativa e detalhar todos os aspectos que abrangem a história.

É o que exige a cobertura sobre o *doping*. Atualmente, a luta *antidoping* exerce papel de destaque na estrutura do esporte. O Comitê Olímpico Internacional lança diversas

campanhas para promover o jogo limpo e, ao mesmo tempo, combater práticas que estimulam a ingestão de substâncias proibidas. Como alerta o pesquisador Ovandir Alves Silva (1997, p.83-84), “o assunto deve ser apresentado e discutido de maneira que os efeitos nocivos dessa prática sejam do conhecimento de todos os interessados no esporte, principalmente os atletas”.

Acontece o mesmo com notícias sobre medicina esportiva. Enquanto grande parte dos relatos trata apenas de lesões e contusões que acontecem durante uma competição, é preciso aprofundar a abordagem para compreender sua verdadeira função dentro de equipes e/ou federações, segundo o professor de medicina Rubens Lombardi Rodrigues (1997, p. 51-52): “a medicina do esporte é, sem dúvida, muito mais abrangente, pois visa selecionar, orientar, vigiar, prevenir e tratar os esportistas”. A psicologia esportiva, por sua vez, depende do bom trabalho jornalístico para ampliar sua presença entre atletas e clubes, como salienta a professora Eliane Jany Barbanti (1997, p. 49). “O esporte precisa de psicologia e ambos necessitam de uma boa compreensão por parte dos jornalistas para que cada vez mais a psicologia de boa qualidade possa ser aproveitada pelos técnicos e atletas”.

É função dos meios de comunicação ampliar esse debate no campo esportivo. Cabe ao jornalista atuar como promotor deste conhecimento, sendo responsável de levar o assunto científico, normalmente restrito aos profissionais da área, a uma parcela maior da população e, principalmente, com uma linguagem adequada. Mais do que informar a lesão de um jogador, o torcedor espera encontrar no relato o tipo dela, as consequências ao corpo do atleta e seu desempenho motor e todo o procedimento de recuperação.

Não é um trabalho fácil, evidentemente. A produção de notícia que aborde a ciência deve incluir não apenas todas as técnicas inerentes à área, como apuração, entrevista, checagem, redação e edição do material, mas também um didatismo maior não apenas na linguagem, mas na própria explicação para tentar emplacar e justificar a pauta na hierarquia do veículo. Como recorda o professor da Universidade do Texas, Warren Burkett (1990, p. 6), “os redatores de ciência devem esclarecer para si mesmos, seus editores e seu público algumas ideias e conceitos que não são tão claros mesmo para muitos cientistas”.

No Brasil, a presença da ciência no jornalismo ganhou corpo ao longo do século 20, coincidindo com o avanço de recursos tecnológicos e a descoberta de novos conhecimentos na medicina, química, física, etc. Todavia, a produção atual de notícias científicas ainda está vinculada às grandes corporações e até a determinados cientistas e pesquisadores, que normalmente contam com o apoio de assessores de comunicação para garantirem que seus pontos de vista estejam em destaque na narrativa, comprometendo a credibilidade do relato. É uma situação apontada por José Marques de Melo (2014, p. 51-52).

É forçoso reconhecer que os jornalistas responsáveis pela cobertura de C&T na mídia são abastecidos contínua e fartamente por matérias pré-fabricadas em assessorias de imprensa, que representam os lobbies atuantes no espaço público. Daí o viés que se percebe claramente no conteúdo desse noticiário, priorizando as questões de política científica e tecnológica e minimizando os conhecimentos aplicáveis ao cotidiano dos cidadãos.

Fenômeno similar acontece com o noticiário esportivo quando precisa tratar de assuntos relacionados à ciência. Não há uma preocupação em abordar estes pontos, ainda que eles fazem parte do dia a dia dos clubes, atletas e federações. Grande parte da rotina dos repórteres está focada exclusivamente naquilo que acontece dentro do campo, ou seja, na preparação, no jogo em si e na repercussão da partida.

Não há vida fora dos torneios, e, por isso, as pautas ficam pobres, endereçando-se para a fofoca e a intriga, quando há temas absolutamente fundamentais para serem tratados. (...) Não há tempo, nem espaço para matérias de fôlego, porque o jornalismo esportivo vive em função apenas dos torneios e das partidas. E, num país em que o calendário é alucinante, com jogo dia sim, outro também, o resto não interessa. (BUENO, 2005, p. 21-22)

Assim, quando acontece alguma lesão de um atleta ou um caso de *doping* em sua cobertura usual, normalmente o jornalista esportivo se contenta em produzir apenas uma narrativa superficial do caso, ouvindo como fonte, na maioria das vezes, o próprio médico do clube ou da instituição esportiva em questão e o atleta envolvido. Não há uma preocupação em aprofundar a pauta e mostrar os efeitos práticos a curto e a longo prazo que este acontecimento pode acarretar. Nem tampouco explicar questões específicas à população, como procedimentos cirúrgicos ou o efeito de uma substância dopante no corpo do atleta.

2.1.6 Gestão e Marketing

Anteriormente, esta dissertação relatou que a profissionalização do futebol se tornou em um dos principais fatores que contribuiu para a consolidação da prática do jornalismo esportivo no Brasil. A partir do momento em que os atletas se tornaram profissionais remunerados pelos clubes, recebendo rendimentos por sua destreza atlética, e que as empresas puderam explorar a imagem de campeões por meio da publicidade e exposição da marca, houve um crescimento contínuo no investimento financeiro em todas as modalidades esportivas. Hoje, há uma indústria em escala global que movimenta bilhões de dólares anualmente.

Diferentes setores econômicos se mobilizam para transformar o interesse pelo esporte em um grande negócio. Clubes e atletas licenciam suas marcas para empresas explorarem a venda de diversos produtos, que vão desde simples chaveiros a roupas e joias que custam uma

quantia considerável, e reverterem em receita tanto para a fabricante quanto para a instituição esportiva. Aliado a isso, as organizações negociam ingressos e direitos de transmissão em suas partidas para potencializar seu orçamento e, assim, conseguir contratar melhores jogadores e prover a melhor infraestrutura a seus profissionais, conquistando novos títulos e alimentando o círculo que envolve a administração do esporte

Como o volume de dinheiro que circula por meio de entidades esportivas e atletas é cada vez maior, compreender o conceito de gestão esportiva torna-se fundamental. Ainda que a prática do esporte de alta performance exige um domínio acurado de técnicas e habilidades do praticante, são os clubes e atletas com maior poder financeiro que tendem a se destacar mais do que seus rivais em uma disputa esportiva. Além disso, os negócios que envolvem o esporte também podem ser utilizados para esconder práticas de corrupção e lavagem de dinheiro, possibilitando ações criminosas em detrimento da sociedade.

A questão é que não há uma definição clara sobre o assunto nem mesmo entre os profissionais que trabalham com esporte. Como afirmam os pesquisadores Cláudio Miranda da Rocha, atualmente na Universidade de Stirling (Reino Unido) e Flávia da Cunha Bastos, da Universidade de São Paulo (2011, p. 94), “infelizmente, no Brasil, tudo que se refere à gestão do esporte tende a ser tratado por ‘marketing’ esportivo. Contudo, ‘marketing’ e gestão são conceitos diferentes”. Para eles, a gestão esportiva vai além do próprio conceito de marketing. “Gestão do esporte compreende tanto produção quanto ‘marketing’ de produtos (em geral serviços) oferecidos por organizações esportivas” (ibidem, p. 100).

É tarefa da gestão esportiva desenvolver estratégias e métodos que possam prover uma receita financeira adequada à instituição esportiva que custeie todas as despesas inerentes a sua operação, como pagamento de folha salarial e despesas com manutenção de seu patrimônio, além de, evidentemente, facilitar o investimento em áreas consideradas vitais para o sucesso do negócio, como a contratação de melhores atletas e a disponibilidade de infraestrutura física aos colaboradores. Para isso, esse profissional deve lidar com negociações de patrocínio, aspectos jurídicos, questão financeira, contratação de colaboradores, entre outros.

É uma rotina semelhante a de um gestor de qualquer outro tipo de empresa, mas no esporte há uma diferença importante que precisa ser levada em conta pelo profissional que vai cuidar dos processos administrativos. A principal métrica para uma organização esportiva não se trata do lucro obtido na operação, mas pela capacidade de reverter essa boa situação financeira em conquistas dentro do campo de jogo. Não faltam exemplos no esporte em que uma equipe ou atleta menos cotado tenha surpreendido e derrotado rivais mais poderosos.

A criação de um planejamento estratégico na organização esportiva precisa, dessa forma, levar em conta não apenas o lucro, mas também o imponderável, ou seja, a previsão de investimento necessário para derrotar os demais concorrentes e ser campeão. Segundo o professor da Universidade de São Paulo, Ary José Rocco Júnior (2012, p. 16), “o principal objetivo de um clube dentro desse modelo é assegurar a obtenção de lucros e a manutenção de ótimos desempenhos em campo, pois isso alavancará os demais negócios do clube”.

É por meio do sucesso esportivo, com a conquista de títulos importantes na modalidade, que oferece um poder de barganha para um atleta ou organização esportiva negociar melhores espaços até mesmo com os meios de comunicação. Quando a boa administração de todos os processos inerentes à prática esportiva culmina em grandes feitos, há uma valorização maior na construção da notícia esportiva.

Não é coincidência que um acontecimento ligado à gestão do esporte, como a profissionalização do futebol, tenha impactado na consolidação dos meios de comunicação e na práxis jornalística. É por meio da gestão que as empresas midiáticas se relacionam diretamente com atletas e instituições, desenvolvendo parcerias que extrapolam a cobertura. Os bilionários direitos de transmissão com emissoras de televisão são os exemplos mais claros desta simbiose, mas o relato noticioso exerce uma influência considerável no aspecto financeiro. De acordo com o professor de economia da Unicamp, Marcelo Proni (1998, p. 97),

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e a ampliação do número de pessoas interessadas em acompanhar as competições, possibilitou-se a multiplicação do público e cresceu, conseqüentemente, o potencial mercantil do esporte, o que traria mudanças na organização dos torneios e nas próprias regras que dão formato às modalidades esportivas. A produção de espetáculos esportivos convergiria, assim, para um regime “industrial”.

Esta situação compromete a construção da notícia esportiva em torno da gestão e coloca em xeque até mesmo o trabalho do repórter desta editoria. Muitos dos negócios feitos pelos clubes e atletas envolvem, invariavelmente, os próprios meios de comunicação ou, de forma indireta, os mesmos patrocinadores que anunciam nas duas partes. Isso faz com que muitos temas de interesse do próprio torcedor, como a fatia dos direitos de transmissão de um determinado evento, não sejam debatidos e tampouco esclarecidos por grande parte dos jornalistas desta editoria.

Cria-se um cenário contraditório para a notícia esportiva. Ao mesmo tempo em que a gestão esportiva se configura em tema central para compreender o esporte como um todo, certos temas acabam escondidos ou simplesmente nem são noticiados pelos principais veículos no

país. O profissional precisa, dessa forma, conciliar os interesses de seu público com os do capital, incorporados pelo próprio local em que trabalha.

Mas, a questão central é que, sem perder o valor do capital se busca, de alguma forma, materializar os valores. De que maneira? Valorizando a figura do atleta, falando de empoderamento feminino, falando de transparência... é um grande *advocacy*. (...) A gente sabe que, no transcorrer da carruagem, nada mudou (RUBIO, informação verbal).

Isso explica porque a busca por uma gestão mais profissional e transparente no esporte brasileiro encontra obstáculos entre os dirigentes e os próprios meios de comunicação (ROCCO Jr., 2012). Entretanto, é preciso salientar que o tema gestão e marketing no esporte tende a se aprofundar ainda mais nos próximos anos, à medida que diferentes modalidades e organizações tentem potencializar seus lucros com novos modelos de negócios. “Estamos assistindo a uma aceleração no processo que pode ser denominado como ‘globalização de mercados esportivos’” (PRONI, 1998, p. 105).

Portanto, compreender qual a capacidade financeira de sua equipe de coração ou o quanto seu atleta favorito consegue mobilizar em torno de patrocínio para continuar superando limites já pode ser considerado um assunto de vital importância dentro da notícia esportiva. Cabe aos jornalistas e, principalmente, aos meios de comunicação compreenderem este cenário para adotarem medidas que não comprometem o relato noticiado nos jornais, rádios, emissoras de televisão e mídias digitais.

2.1.7 Imagens Técnicas

Basta ligar a televisão e, entre um canal e outro, é possível encontrar a exibição de algum evento esportivo no Brasil ou no exterior, “ao vivo” ou reprisado. Ao acessar mídias digitais em seu computador ou *smartphone*, há grande chance de encontrar vídeos e fotos sobre atletas, organizações e modalidades. Não adianta fugir: as imagens esportivas possuem espaço considerável nos meios de comunicação e, goste ou não, todos serão impactados por elas cedo ou tarde. Ver seu atleta favorito ou equipe do coração conquistar um título importante, vencer um grande rival ou simplesmente acompanhar algum feito importante tem a capacidade de melhorar o humor e autoestima dos torcedores.

Assim, o discurso midiático do esporte depende da imagem. Ainda que a crônica tenha sido o gênero que forjou a prática do jornalismo esportivo e o rádio seja o responsável por sua popularização, é a produção e circulação imagética de competições e atletas que alimenta o interesse dos torcedores. A transmissão em tempo real de eventos é apenas parte desta

estratégia. Os programas jornalísticos segmentados, as famosas “mesas-redondas” com especialistas e convidados e as demais produções audiovisuais, como grandes reportagens e documentários, também integram o cardápio de opções da tecnoimagem.

O esporte moderno e a imagem produzida por câmeras possuem uma relação bem próxima. Ambos se desenvolveram a partir do século 19 por influência, especificamente, do Reino Unido e da França, duas das principais potências econômicas da época. Ambos possuem características inerentes desta época e conversam entre si, como sugere o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Victor Andrade de Melo (2006, p. 55):

Devemos destacar o fato de que ambos, mesmo possuindo raízes anteriores, são fenômenos típicos da modernidade, se organizando no âmbito de uma série de mudanças culturais, sociais e econômicas observáveis desde o fim do século XVIII, crescentes no decorrer do século XIX e consolidadas na transição e no decorrer do século XX. Não surpreende o fato de que o cinema e os Jogos Olímpicos tenham surgido na mesma época (1895 e 1896, respectivamente) e no mesmo lugar: França, país-chave para entender um novo estilo de vida que estava sendo gestado.

O surgimento destas técnicas aprofundou o debate em torno das características imagéticas. Ainda que a pintura e demais artes plásticas utilizem ferramentas para compor uma imagem, elas são apenas um suporte ao artista em seu trabalho. A partir do surgimento da fotografia e, posteriormente, do cinema, são as próprias ferramentas as responsáveis por captar um determinado instante e transformá-lo em imagem. Essa capacidade consolidou a ideia de que a fotografia seria, portanto, *objetiva*, ou seja, fiel à realidade retratada, enquanto que a imagem criada por uma pessoa seria *subjetiva*, passível de interpretação tanto de seus criadores quanto do próprio público.

O crítico e ensaísta francês Andre Bazin (1983, p. 127) reforça a ideia da fotografia ser a única capaz de captar a objetividade, levando-o a afirmar que “permitiu à pintura ocidental desembaraçar-se definitivamente da obsessão realista e reencontrar sua autonomia estética”. É uma visão que foi contestada com a evolução tecnológica e o surgimento dos computadores e máquinas digitais. O artista Edmond Couchot (1993, p. 42) chegou a propor que este tipo de imagem é “*ejetada* pelo real, com força bastante para que se liberte do campo de atração do Real e da Representação”.

O filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (2002, p. 10) aprofundou o conceito de imagem técnica. De forma sucinta, ele explica que é “a imagem produzida por aparelhos. Aparelhos são produtos da técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado”. Posteriormente, ele aprofunda o debate ao apresentar a ideia de superficialidade. Partindo deste princípio, uma análise significativa exige “uma determinada distância quanto a ela, exigem ‘superficialidade’”. Uma observação próxima encontraria apenas pontos (pixels) que se combinam para formar a

imagem que o aparelho pretende passar. Logo, é necessária essa distância para “imaginar a imagem”, ou seja, “concretizar o abstrato” (idem, 2008, p. 48). Não se trata de ser objetivo ou subjetivo, real ou falso, mas compreender esse movimento que a técnica traz à superfície, mostrando que esses critérios não fazem mais sentido.

É o que ocorre com a presença da imagem técnica no jornalismo esportivo. Mais do que retratar o que acontece em um determinado evento, a principal característica imagética é permitir que os torcedores tenham uma visão melhor do que se estivessem na arena de jogo. Esse poder vai além das características dos aparelhos, capazes de oferecer diferentes imagens; passa pela interferência da técnica na forma e no conteúdo do que será exibido ao público. Entra a figura dos *imaginadores* proposto por Flusser (2008), ou seja, os profissionais que operam os aparelhos e são os responsáveis pela divulgação. Em uma competição, esse papel cabe aos operadores, que seguem a programação de seus aparelhos, mas também a pauta preestabelecida para a transmissão e gravação. São essas pessoas os nossos olhos no ginásio ou estádio.

Essa ideia levou Mauro Betti (2001, p. 107) a formular a diferenciação entre esporte *na* mídia e esporte *da* mídia. “Quer dizer, inevitavelmente, o esporte na mídia é sempre mediado pelos olhares interessados dos diversos meios, dentre os quais destaca-se a televisão”. A cobertura esportiva segue a programação estipulada pelas próprias empresas jornalísticas, levando em conta a capacidade imagética que certas atividades possuem e sua importância para a sociedade. São imagens técnicas que reforçam o discurso do jornalismo esportivo, fortalecem modalidades e privilegiam fatores econômicos, como audiência e anunciantes.

A força imagética de um esporte é um elemento poderoso para a prática de jornalistas esportivos e leva, inevitavelmente, a uma hierarquização constante entre as mais variadas competições nacionais e internacionais. Alguns esportes e atletas naturalmente ganham mais espaço na produção midiática do que outros, permitindo que possam ganhar mais dinheiro com publicidade e premiações e fortalecendo ainda mais a sua presença nos meios de comunicação. Já a grande maioria convive com o anonimato, à espera de uma grande vitória que possa quebrar esse círculo vicioso e, assim, atrair literalmente os holofotes sobre si e sua atividade.

O filósofo espanhol Miquel de Moragas Spa (1994, p. 5, tradução nossa¹⁷) propõe que a hierarquização esportiva não é baseada apenas no desempenho de seus competidores, mas sim pela capacidade de gerar imagens que serão transmitidas a todos os torcedores do planeta. Quanto maior for o potencial imagético de uma determinada competição, seja pela capacidade de emocionar o público, de oferecer uma visão diferente dos competidores ou pela presença de

¹⁷ Em espanhol: “Quien determina la popularidad de los deportes ya no es únicamente el espectáculo deportivo propiamente dicho, sino la espectacularidad de las imágenes televisivas, su televisibilidad”.

grandes nomes, maior a chance daquele evento ser transmitido em diferentes regiões. “Quem determina a popularidade dos esportes já não é unicamente o espetáculo esportivo propriamente dito, mas sim a espetacularidade das imagens televisivas, a sua televisibilidade”

Por conta dessa força imagética, acostumou-se a chamar a exibição esportiva nos meios de comunicação como espetáculo. No conceito desenvolvido pelo escritor francês Guy Debord (1997, p. 14), a experiência midiática não corresponde à vivida pelos torcedores no local de disputa. Na verdade, o que a produção e a distribuição imagética proporcionam é uma ilusão da experiência. Quanto mais imagens e informações o espectador tiver em mãos, menos ele vai viver e apreciar as sensações que aquele momento pode disponibilizar. “O espetáculo é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência”.

Apesar de realmente oferecer uma experiência diferente ao torcedor do que a presença no local do jogo, as imagens técnicas não podem ser consideradas apenas como ilusão. Afinal, a emoção proporcionada por uma vitória de seus atleta ou clube favorito é um sentimento bem concreto para os fãs. Assim, não importa se as imagens técnicas que transmitem o jogo do meu time favorito são conjuntos de pontos formatados por aparelhos. O que vale é a capacidade imaginística tanto daqueles que operam as máquinas quanto daqueles que recebem essas imagens. *Imaginar* a abstração e concretizá-la em experiência concreta não chega a ser ilusão, mas sim uma situação inteiramente nova proporcionada pelos meios de comunicação.

Se levarmos em consideração a comoção que a exibição de imagens esportivas pode proporcionar às pessoas, realmente fica mais fácil visualizar a experiência concreta que elas sentem. Basta conferir como ficam as ruas das grandes cidades após a final de um campeonato de futebol. Nenhum dos torcedores que comemoram estiveram presentes no local da competição. A alegria real que eles sentem só foi possível graças à imagem técnica transmitida pelos meios de comunicação.

3 OS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR

Os Jogos Abertos do Interior possuem mais de 80 anos de existência. De 1936 para cá, apenas em três ocasiões não foram realizados. A primeira foi em 1989 graças a uma greve de professores na rede estadual de ensino de São Paulo, que inviabilizou a utilização das escolas como alojamentos para as delegações – prática necessária para conter despesas e garantir efetividade na realização de um evento deste porte. Já as outras duas ocasiões foram em 2020 e 2021 por conta da pandemia de covid-19.

Ou seja, foram realizadas 83 edições da disputa, que se tornou no ponto de partida para inúmeros atletas brasileiros de destaque no cenário internacional, como Tetsuo Okamoto (primeiro medalhista olímpico da natação brasileira), Nelson Prudêncio (dono de duas medalhas olímpicas no salto triplo) e Arthur Zanetti (ginasta campeão olímpico nas argolas). Entretanto, nem mesmo esse retrospecto costuma atrair a atenção para o evento, que segue sem um registro histórico consolidado para reforçar suas características e contextos. Como consequência, não possui uma construção narrativa comum, o que leva a múltiplos entendimentos e pontos de vista sobre a origem e a formação histórica da competição.

Diferentes situações contribuem para essa dificuldade de compreensão em torno dos Jogos Abertos do Interior. As constantes mudanças no regulamento técnico nas últimas décadas, a ausência de disputa esportiva em algumas modalidades e até a perda de referência entre os meios de comunicação mais tradicionais são alguns pontos que explicam essa *invisibilidade* da competição, mesmo sendo um evento grandioso, como explica Sérgio Giglio, professor da Unicamp, em entrevista publicada na Revista Alterjor (2020). Mas uma competição esportiva que reúne mais de 10 mil atletas, incluindo estrelas das seleções brasileiras de diversas modalidades, possui seus méritos e valor enquanto objeto de estudo.

A pesquisadora Marli Hatje Hammes, da Universidade Federal de Santa Maria, e o professor sênior Wilson da Costa Bueno, da Universidade de São Paulo, apontam alguns elementos que reforçam a importância dos Jogos Abertos do Interior enquanto prática social: a importância da vida em comunidade. Marli (2020, informação pessoal¹⁸), por exemplo, identifica que “também contribuem para despertar o sentimento de pertencimento em relação às comunidades (cidades paulistas), projetando a sua identidade neste campo”.

¹⁸ HAMMES, Marli Hatje. **Entrevista – Dissertação Mestrado Jogos Abertos do Interior**. Mensagem recebida por hatjehammes@yahoo.com.br em 14 de abr. 2020.

Já Wilson da Costa Bueno (2020, informação pessoal¹⁹) destaca que os Jogos Abertos estimulam a participação. Movimentam as cidades, especialmente aquelas mais pacatas. “A comunidade se envolve. As famílias torcem pelos seus atletas. O papel é também de motivação de estímulo ao convívio, de integração, de cooperação”. A competição, portanto, ainda representa aquele ideal olímpico de participação em vez de competição.

A associação com o Olimpismo, aliás, é um dos três elementos considerados vitais no crescimento dos Jogos Abertos do Interior ao longo das décadas. A competição utilizou, de forma consciente ou não, diversos símbolos, ritos e procedimentos próprios da Olimpíada para consolidar sua “versão caipira” entre torcedores e competidores. Além disso, houve um trabalho incansável de seu fundador, Baby Barioni, para que a ideia se tornasse aceita nos meios de comunicação – inclusive o que motivou a discussão entre criador e o governo do estado de São Paulo na década de 1940. Por fim, foi um crescimento apoiado na expansão da malha ferroviária e na utilização do esporte como processo civilizatório em cidades que deixavam de ser agrícolas para se tornarem urbanas. Quando a própria ferrovia perdeu relevância, a popularidade dos Jogos Abertos do Interior também começou a cair.

Resta, portanto, compreender esse fenômeno em toda sua estrutura, identificando o contexto que está por trás da expansão dos Jogos Abertos do Interior ao torneio que chegou a essa dimensão. Fazer o que Diego Wander Thomaz, mestre em Antropologia Social pela Ufscar, propõe: “olhar para os Jogos Abertos como o que ele é de fato ou pode vir a ser. Um tradicional e importante evento esportivo interiorano, que pode jogar um bom papel no que se refere à constituição mais ampla de uma cultura esportiva” (2020, informação pessoal²⁰).

3.1 A trajetória de Baby Barioni

Em 30 de março de 2007, o Governo de São Paulo aprovou a Lei 12.553²¹ que instituiu a mudança no nome oficial dos Jogos Abertos do Interior. A partir daquela data, a maior competição esportiva da América Latina passou a incorporar o nome de seu criador: *Jogos Abertos do Interior – Horácio Baby Barioni*. É uma das maiores homenagens a este personagem que marcou a história esportiva do Brasil no século 20.

¹⁹ BUENO, Wilson da Costa **Entrevista – Dissertação Mestrado Jogos Abertos do Interior**. Mensagem recebida por wilson@comtexto.com.br em 14 de abr. 2020.

²⁰ THOMAZ, Diego Wander. **Entrevista – Pesquisa sobre Jogos Abertos e Comunicação**. Mensagem recebida por dwthomaz@gmail.com em 19 mar. 2020.

²¹ Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2007/lei-12553-30.03.2007.html>> Acesso: 30 jan. 2022

Não é possível afirmar com precisão porque Horácio Barioni resolveu dedicar grande parte de sua vida ao esporte, praticando e promovendo modalidades a partir da década de 1920. As poucas informações disponíveis sobre sua trajetória nesta época estão espalhadas em notas publicadas em jornais. Além disso, é preciso tomar cuidado com possíveis contradições e erros de grafia nesses relatos, o que também dificulta a construção de seu perfil biográfico. É o que ocorre com sua data de nascimento. Por muito tempo acreditava-se que ele tinha nascido em 18 de maio de 1905. Porém, uma nota divulgada no jornal *A Gazeta* (1926, p. 7) mostra que, na verdade, nasceu em 1906. “Baby Barioni faz annos hoje, isto é, hoje completa 20 repolhos do tamanho de 365 dias cada um²²”. Neste período, ele já era um dos principais nomes do esporte amador paulistano, demonstrando profundo apreço pelas práticas esportivas.

Figura 1. Retrato de Baby Barioni



Fonte: BARIONI, Edna

De acordo com o encarte *Jogos Abertos do Interior – Horácio Baby Barioni, o seu criador*²³, localizado no Museu dos Esportes de São José dos Campos, sabe-se que é um dos filhos mais novos do casal Orestes e Regina Barioni, italianos que chegaram ao Brasil em 1888 e que se estabeleceram na cidade de São Paulo. Foi um dos quatro filhos que nasceram na capital paulista. A família morava na rua General Carneiro, na região da Sé, e o patriarca trabalhava em um armazém de secos e molhados voltado à comunidade italiana. Dessa forma, Horácio

²² Para respeitar o contexto histórico, o trabalho vai manter a grafia da época na transcrição das notas

²³ O encarte de oito páginas foi produzido pelo Panathlon Clube de Santos e não possui marcação temporal. Traz uma breve história da organização esportiva e uma minibiografia de Horácio Baby Barioni a partir dos depoimentos de sua filha mais velha, Aurea Magda, e de Edélsio del Santoro, educador e ex-atleta de basquete em Santos. Não há informações de como esse documento chegou ao Museu dos Esportes em São José dos Campos. Uma cópia digitalizada foi cedida pela instituição para consulta.

Baby Barioni nasceu e cresceu no coração da metrópole em uma época de intenso desenvolvimento social. O apelido *Baby* (leia-se Babi) também não possui maiores explicações. Surgiu ainda na infância e o acompanhou em toda a sua história, segundo relato de sua filha mais nova, Edna Barioni²⁴ (2019, informação verbal).

Sua adolescência acompanhou o crescimento do esporte enquanto prática social no país, principalmente em metrópoles como São Paulo. O historiador e jornalista Thomaz Mazzoni (1968, p. 199) aponta que as atividades esportivas passaram a ficar mais populares a partir do fim do século 19 com as provas náuticas, o que abriu caminho para as demais modalidades. “A partir de 1874, quando se deu início à fundação de clubes para a prática do ‘rowing’, ou do ‘canotier’, enfim, do esporte das regatas, com o decorrer dos anos acabaram se tornando as competições esportivas mais populares”.

Já o surgimento do futebol, com a criação do Campeonato Paulista em 1902, foi outro elemento de popularização do esporte na sociedade paulistana. Diferentes clubes emergiram todos os anos, agrupando não apenas a elite econômica, mas também classes subalternas, como imigrantes e pequenos comerciantes em prol de uma nova opção de lazer. De acordo com o historiador Hilário Franco Júnior (2007, p. 64), “em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades”.

Entre eles estava o Palestra Itália (sem acento na grafia original), formado por imigrantes italianos em 1914. Horácio Barioni logo encontrou seu espaço na agremiação, ingressando em seu quadro associativo nos primeiros anos da década de 1920 e permanecendo nele até meados da década de 1930. Com apoio do clube, ele invariavelmente se interessava e praticava qualquer modalidade que fosse convidado a conhecer, envolvendo-se em diferentes atividades físicas como espectador, incentivador ou até mesmo como atleta.

Atletismo, basquete, rugby, ginástica, vôlei, beisebol e futebol são exemplos de modalidades que ele se envolveu entre os anos 1920 e 1930. Uma nota publicada no jornal *Folha da Manhã* (1929, p. 11) dá uma amostra da versatilidade de Baby Barioni:

O quadro do EC Paulistano da Cantareira vae jogar, disputando a taça “Villa Mazzei”, reforçado pelo athleta paulista Horacio Barioni, esportivamente conhecido por Baby, tendo já militado com destacado successo nos nossos campos de atletismo, bola ao cesto, rugby e que, ultimamente, vinha se revelando um excellente jogador de basebol. Agora no futebol, Baby está fadado a ter o mesmo progresso que teve nos outros esportes, pois, sua actuação, quer jogando na linha de medios, quer jogando na linha

²⁴ Entrevista concedida por BARIONI, Edna [nov. 2019]. Entrevistador: Gustavo de Araujo Longo. São Paulo, 2019.

atacante, de jogo para jogo, demonstra que em breve, a andar nesse passo, o veremos entre os nossos principais campeões do “soccer” paulistano.

Contudo, ele obteve destaque e reconhecimento em dois esportes específicos. O primeiro deles foi o atletismo, principalmente em provas de média e longa distância (10km a maratona). Entre 1923 e 1925 participou de diversas disputas, como a Maratona Paulista, que ia de São Paulo a Mogi das Cruzes, a Volta de São Paulo e demais provas patrocinadas pelos clubes paulistanos. Era filiado à Federação Paulista de Atletismo e também atuava como fiscal de corridas. Inscrito na São Silvestre de 1926, não pôde correr porque foi escalado para ser um dos juízes de percurso. Debutou no evento em 1930, mas naquela época já era considerado uma estrela de outro esporte.

Alto e forte, a ponto de receber a alcunha de *El Toro de Los Pampas* por conta da semelhança com o pugilista argentino Luis Angel Firpo (dono do apelido e um dos principais nomes do boxe na época), Horácio Barioni virou pivô da equipe de basquete do Palestra Itália em 1925. Seu jogo físico chamava a atenção da imprensa, ainda que rendesse advertências e punições de jogo violento pela Federação Paulista de Bola ao Cesto (como o basquete era conhecido antigamente). “É um dos melhores atacantes da turma palestrina. A sua jogada é firme e proveitosa. Baby toma o adversário pela bola, fazendo-o atravessar pelo cesto” (A Gazeta, 1925, p. 5). Com Baby no quinteto titular, o Palestra Itália foi campeão paulistano em 1928, 1929, 1931 e 1932, campeão paulista em 1932 (a primeira edição do evento estadual) e campeão do Torneio Início em 1931. Em três oportunidades anotou dez pontos por partida, seu recorde pessoal, de acordo com sua ficha na Sociedade Esportiva Palmeiras, atual nome do clube²⁵ (informação pessoal) – lembrando que a dinâmica e as regras do basquete na época eram totalmente diferentes da realidade do esporte atualmente, com placares centenários.

Horácio Barioni era reconhecidamente talentoso no basquete. Mesmo assim, não há relatos de que tenha sido convocado para a seleção brasileira e, portanto, não participou da primeira edição do Sul-americano de seleções, em 1930. Mas em 1927 ele integrou a Seleção Paulista no Campeonato Brasileiro interestadual contra o selecionado do Rio de Janeiro.

Naquela época, viver profissionalmente do esporte não era uma opção a quem se dedicava a praticá-lo. O amadorismo era a característica principal, obrigando os atletas a buscarem outras fontes de renda para se manterem enquanto treinavam e competiam. Dessa forma, o jornalismo esportivo se revelou uma alternativa interessante a estas pessoas, que

²⁵ GALUPPO, Fernando. **Informações Basquete – Baby Barioni**. Mensagem recebida por palestragaluppo@gmail.com em 08 de out. 2019.

podiam escrever sobre suas modalidades nos jornais, que aumentavam cada vez mais o espaço dado aos eventos esportivos.

Era um recurso comum no início do século 20 e que auxiliou na divulgação de atividades que eram completamente estranhas à população. A grande maioria dos competidores, dirigentes e sócios dos clubes estabeleceram uma relação de proximidade com jornalistas, fornecendo informações de interesse a suas agremiações ou, em certos casos, eles próprios atuando como cronistas devido à influência que possuíam na sociedade da época. Como explica o jornalista André Ribeiro (2007, p. 25) sobre a consolidação do futebol nos meios de comunicação:

O problema é que as redações não estavam preparadas para esse novo tema. Quem escrevia nas redações era chamado de 'noticiarista', que recebia informações externas e transformava em notícias. No assunto futebol, dirigentes e sócios dos clubes eram as principais fontes que alimentavam os noticiários.

É o caso de Baby Barioni. Ao longo da década de 1920 e início dos anos 1930, ele atuou como cronista esportivo, sendo um dos pioneiros neste ofício na cidade de São Paulo. Sabe-se que Horácio Barioni trabalhou como cronista no Diário da Noite entre 1925 e 1927, escrevendo sobre vários esportes, principalmente o basquete, sua grande paixão. Ainda em 1927, passou a trabalhar para o Diário Nacional, atuando não apenas na crônica esportiva, mas em outras editorias e funções dentro da empresa. Não há mais informações que explicam a predileção de Horácio Barioni pela crônica esportiva. Contudo, é possível afirmar que herdou da família o apreço pela educação e pelas artes. Um de seus irmãos mais velhos era Walther Barioni, advogado e destacado educador, com passagem em diversas escolas do estado de São Paulo e patrono da Cadeira nº 40 da Associação Paulista de Psicologia. Ele também foi um dos incentivadores da Semana de Arte Moderna de 1922, de acordo com o perfil escrito pelo psicólogo Nelson Pires (2003).

No meio dessa efervescência cultural, Baby revelou-se um ótimo desenhista, habilidade que adquiriu na infância. De acordo com Edna Barioni (2019, informação verbal), “era uma atividade de toda a família que ele sempre valorizou e, inclusive, passou para mim e meus primos”. Ele fazia ilustrações e desenhava até fachadas para estabelecimentos comerciais, como a Casa Bueno, de Rio Preto. “Com fachada decorada pelo desenhista Baby Barioni, com suas vitrines artisticamente arrumadas por um vitrinista de renome, é uma prova eloquente do fino gosto de seus proprietários” (CORREIO DE SÃO PAULO, 1936, p. 13).

A atuação como desenhista o fez providenciar de próprio punho os cartazes de divulgação das primeiras edições dos Jogos Abertos do Interior, um “trabalho do veterano Baby Barioni, o constante animador do certamen” (SPORT ILLUSTRADO, 1939, p. 29). Para

auxiliar na divulgação do evento, também criou o almanaque oficial, que circulava anualmente e trazia resultados e fotos da edição. Ele patenteou o projeto e fez disso seu empreendimento até os últimos anos de sua vida.

Sua atuação como cronista diminuiu a partir da década de 1930. Entretanto, na década de 1940, chegou a escrever colunas contra a Lei 3.199 de 1941, que criou o Conselho Nacional de Desporto, no Diário da Noite, o primeiro jornal em que trabalhou. Como explica a edição de 10 de janeiro de 1946 (p. 6), “o nome de Baby Barioni como cronista esportivo, mentor e estudioso dos nossos assuntos esportivos não carece de apresentação. Nestas mesmas colunas, através de colaborações das mais interessantes ele se tem revelado uma autoridade no assunto”.

Figura 2. Granada de Baby Barioni



Fonte: LONGO, Gustavo de Araujo

Mesmo afastado do jornalismo esportivo, Baby Barioni entendia a importância dos meios de comunicação na divulgação do esporte e de suas competições. Visitava redações constantemente, dava entrevistas a diversos veículos e oferecia informações não só dos eventos que ajudava a organizar, mas dos bastidores das modalidades. Entretanto, sua maior aventura como jornalista aconteceu longe das quadras e dentro das trincheiras de um conflito armado em seu próprio país: a Revolução Constitucionalista de 1932, iniciado em 9 de julho de 1932.

O combate, que se estendeu até outubro daquele ano, contou com forte apoio de civis paulistas, incluindo personalidades esportivas do estado. Eles se mobilizaram para arrecadar fundos, organizar uma estrutura para os combatentes e até mesmo lutar no *front*. No futebol, Arthur Friedenreich, principal nome do esporte no país até então, deixou a carreira de atleta de lado para lutar pelo estado. “Doou todas as medalhas conquistadas ao aderir à campanha ‘Ouro

para o bem do Brasil’, e ainda foi para frente de batalha, como sargento, num batalhão de oitocentos esportistas” (RIBEIRO, 2007, p. 79).

Baby Barioni também resolveu apoiar a luta. Nascido e criado em São Paulo, ele era um admirador convicto da metrópole, já na época um dos mais importantes centros financeiros e comerciais do país. Uma de suas principais bandeiras era justamente a independência administrativa dos estados em relação ao governo federal, principalmente na condução de políticas esportivas. Ele explica seu ponto de vista em uma coluna publicada no jornal Diário da Noite (1946, p. 7).

Mas o nosso país, desde o advento da Revolução de 1930, centralizou toda a atividade nacional no Distrito Federal, reduzindo-a a vontade de um só homem; os esportes sofreram, igualmente, essa intoxicação nazista, principalmente com a criação do perfeitamente dispensável Conselho Nacional de Desportos, cujo presidente, sozinho, legisla de meia em meia hora decretos e leis para 20 Estados, 5 Territórios, 1 Distrito Federal e para 42.000.000 de almas, como se os interesses de toda essa rede que representa o âmbito esportivo nacional pode e deve continuar a depender dos caprichos de um só homem.

Quando a Revolução Constitucionalista começou, Horácio Barioni não pensou duas vezes: logo se voluntariou no Batalhão de Emergência Borba Gato, que era composto por civis e organizado pelo 2º Batalhão de Caçadores Paulistas. “O meu pai tinha essa paixão grande por São Paulo, por tudo o que representa para o país. Foi algo que ele se orgulhou muito”, comenta Edna Barioni (2019, informação verbal).

Além de lutar no campo de batalha, resolveu colaborar com seu próprio ofício. Utilizou sua atuação como cronista e a aproximação com Cásper Líbero para atuar como correspondente de guerra no jornal A Gazeta. O veículo foi um dos principais incentivadores do conflito, mobilizando diversos profissionais para acompanhar todos os passos das forças paulistas. Como explica Gisely Valentim Vaz Coelho Hime, pesquisadora e professora do FIAM-FAAM Centro Universitário, “em 1932, após dura repressão pelos partidários varguistas, *A Gazeta*, ao lado d’*O Estado de S.Paulo* e da Rádio Record, é fundamental na propagação dos ideais da Revolução Constitucionalista, novamente na oposição”.

A Revolução Constitucionalista chegou ao fim em outubro de 1932 com vitória do governo federal. Não há registros que mostram até quando Baby Barioni. Em novembro, retornou à vida de atleta e participou das últimas partidas pela equipe de basquete do Palestra Itália na temporada, o suficiente para conquistar o quarto título em cinco anos.

Contudo, como a modalidade estava em profunda transformação e expansão no país e no interior do estado, Baby passou a atuar nos bastidores para estimular a prática em diferentes

idades. A partir de 1933, começou a peregrinar pelo estado de São Paulo, seja atuando como árbitro ou mesário em partidas da Federação Paulista de Bola ao Cesto, seja como convidado para falar sobre a modalidade em eventos de clubes ou inauguração de quadras nas mais diversas regiões. Numa dessas viagens, encontrou a oportunidade de tirar um velho sonho do papel e transformá-lo em realidade.

Cada visita a municípios menores e distantes da capital instigava Baby Barioni a realizar um sonho que cultivava desde a época em que era atleta: criar uma competição aberta interiorana para estimular a prática esportiva nestas localidades. É o que afirma em crônica publicada no jornal Diário da Noite (1946, p. 15):

Estamos em 1927 e voltávamos do 2º Campeonato Nacional de Cestobol. Éramos igualmente cronista esportivo e, pelas colunas do ‘Diário Nacional’, mantínhamos uma secção de informes por meio da qual, certa vez, esportistas de Campinas solicitavam a nossa colaboração para a construção de uma quadra de cestobol (...) O interior já estava fanatizado pelo ‘esporte-rei’ e começava, igualmente, dar os primeiros passos nos chamados então ‘pequenos esportes’, como eram conhecidas as modalidades de cestobol, atletismo e natação. Postos à disposição do Campineiro os nossos conhecimentos, fizemos mais: para a inauguração da referida quadra, levamos para Campinas todos os componentes da seleção paulista, da qual fazíamos parte, para dar uma demonstração do nosso esporte. O entusiasmo que o ‘quinteto’ despertou naquela ocasião em Campinas pareceu-nos que, tão logo, assim como os demais esportes se orientados diferentemente haveriam de tomar grande impulso no interior, onde, a nosso ver, pululavam centenas de cidades em condições de poder proporcionar aos seus habitantes a prática de vários esportes além do futebol, já perfeitamente familiarizado em todo o nosso interior.

Era uma ideia ousada, ainda mais porque não eram todas as cidades do interior que tinham estrutura esportiva além do futebol. Tanto que ele encontrou resistência. Tentou, a todo custo, envolver entidades esportivas da cidade de São Paulo na organização de um evento neste sentido. Nenhuma se interessava em apoiar e organizar uma competição aberta de basquete. Uma das últimas tentativas ocorreu em março de 1936 com Miguel Panzoni, então presidente da Federação Paulista de Bola ao Cesto, mas as conversas não foram adiante. Prosseguiu Baby em sua explicação: “tudo quanto sugeríamos nas entidades metropolitanas em benefício dos esportes interioranos era considerado, oficialmente, ‘mais uma loucura do Baby’” (ibidem).

Curiosamente, foi um caso de amor à primeira vista que mudou tudo. Baby Barioni estava de passagem em Monte Alto para São José do Rio Preto quando conheceu Esther Ferreira, uma jovem de Jaboticabal (cidade vizinha). Se apaixonou no mesmo instante e a vontade de saber mais sobre aquela moça o fez perder o trem para seu destino. “Meu pai acabou ficando mais tempo em Monte Alto porque queria conhecer minha mãe”, explica Edna Barioni (2019, informação verbal).

Obrigado a pernoitar na pequena cidade interiorana, resolveu apitar um jogo de basquete – e lá conheceu Manoel Carvalho de Lima, então presidente da Associação Atlética Montealtense. Comentou seu projeto ao dirigente, que logo gostou da proposta de realizar um torneio aberto a todas as cidades interioranas e o estimulou a realizá-lo ainda em 1936.

Enquanto Carvalho de Lima mobilizava a Câmara Municipal de Monte Alto para obter recursos financeiros ao evento, Horácio Barioni escreveu ofícios para prefeituras de diversos municípios do interior do país convidando para uma competição aberta de Bola ao Cesto. Cinco aceitaram: Franca, Mirassol, Olímpia e Piracicaba, todas de São Paulo, e Uberlândia, de Minas Gerais. Ao lado de Monte Alto, elas realizaram o primeiro Campeonato Aberto do Interior em dezembro de 1936.

Figura 3. Paulo Gatti, Baby Barioni e Manoel Carvalho de Lima, os fundadores dos Jogos Abertos do Interior



Fonte: Prefeitura de Monte Alto

O sucesso na empreitada fez Baby Barioni planejar a segunda edição em 1937. Inicialmente programado para Casa Branca, o campeonato foi realizado em Uberlândia, no Triângulo Mineiro (única vez em que foi realizado fora do estado de São Paulo). Além do basquete, houve a estreia de natação – o que levou à participação de Maria Lenk, já estrela do esporte brasileiro presente nos Jogos Olímpicos de 1932 e 1936.

O evento definitivamente caiu no gosto das cidades interioranas. Em 1938, levou a competição para Sorocaba e conseguiu incluir provas de pedestrianismo (corridas de rua no atletismo), outra grande paixão. Em 1939, o Departamento de Educação Física e Esporte (DEFE), vinculado ao Governo de São Paulo, resolveu assumir a organização a partir daquele ano, em Campinas. Em 1940, Baby Barioni seguiu na organização, agora em São Carlos.

Entretanto, ao mesmo tempo em que a entrada do governo estadual deu a estrutura necessária para suportar o crescimento do evento, Baby Barioni entrou em conflito com as autoridades políticas. Os dois lados começaram a discordar sobre a melhor estratégia de participação das cidades. O poder público queria impor regras classificatórias, mas Baby Barioni tinha outros planos. “Meu pai queria que fosse uma festa grandiosa, que todos pudessem ter a chance de participar” (ibidem).

Dessa forma, a partir de 1941, Barioni se afastou da organização dos Jogos Abertos do Interior, não sem guardar mágoas. Ele retornou somente em 1943, 1944, 1956, 1957 e 1958 a pedido das próprias cidades organizadoras. Neste período, chegou a participar da competição como membro da comissão técnica de delegações. Em 1941, por exemplo, foi técnico de atletismo de São Carlos. Também esteve à frente de equipes de basquete em Olímpia, Sorocaba e Botucatu em diferentes oportunidades. Se dedicou ao Almanaque dos Jogos Abertos e à publicidade da competição, projeto que ele iniciou ainda nas primeiras edições.

Aproveitou para viajar mais pelo país na promoção do basquete e de eventos esportivos, como torneios regionais em Minas Gerais e no Paraná entre os anos 1940 e 1950. Na década de 50, foi um dos promotores dos *tours* que o Harlem Globetrotters, famoso conjunto norte-americano que combina basquete com acrobacias, fez pelo estado de São Paulo. “Meu pai viajava muito. Na minha infância, era comum ficar em cada cidade a cada ano. Só depois que já era mais velha, por causa da escola, resolvemos ficar em São Paulo, com ele viajando constantemente” (ibidem).

Para compensar a frustração com a ausência na organização dos Jogos Abertos do Interior, passou a estimular diversas competições ao longo da década de 1950. Criou, por exemplo, os Jogos do Obelisco, uma homenagem aos fundadores dos Jogos Abertos do Interior. Também auxiliou no desenvolvimento dos Jogos Abertos da Araraquarense, que deram origem aos Jogos Regionais (curiosamente um evento classificatório aos Jogos Abertos atualmente). Foi incentivador para a criação dos Jogos Abertos do Paraná, em 1957, e de Santa Catarina, em 1960, além de iniciativas semelhantes em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Propôs a criação dos Jogos Abertos Universitários. Nos últimos anos de sua vida, organizava eventos de automobilismo em Piracicaba.

Defendia a criação de uma organização esportiva interiorana para representar os interesses dessas cidades. Chegou a divulgar a ideia em 1938, mas a Lei 3.199 de 1941, que criou o Conselho Nacional de Desporto e obrigou a instituição de uma única federação esportiva estadual para desenvolver modalidades amadoras, implodiu a iniciativa. Discute Baby Barioni no Diário da Noite (1946, p. 7):

Não tardará o dia em que, do interior, se levantará a voz para mostrar aos nossos legisladores de meia tigela que leis esportivas não se fazem de acordo com as ambições pessoais de uns trinta ‘hitleres’ e ‘mussolinis’ improvisados, mas sim obedecendo o imperativo do meio: e o interior reclama a fundação de suas entidades independentes.

Baby Barioni não conseguiu realizar esse sonho. Hipertenso, morreu inesperadamente em 6 de novembro de 1967 devido a problemas cardíacos. “Ele passou mal de madrugada. Muitos pensavam que ele tinha morrido em acidente de carro por viajar tanto”, comenta a filha Edna (2019, informação verbal). Além dela, deixou a viúva Esther Ferreira Barioni e a filha mais velha Aurea Magda (fruto de um relacionamento quando ainda era solteiro). Um mês antes, ele tinha recebido a notícia de que seria o organizador dos Jogos Abertos do Interior de 1968, de acordo com notícia do jornal Folha de S. Paulo, de 7 de novembro de 1967. Era uma tentativa de reaproximação entre as autoridades políticas estaduais e o grande idealizador do evento.

3.2 Marcha para o oeste e civilização esportiva

Mais do que a boa vontade e dedicação de seu criador, os Jogos Abertos do Interior se aproveitaram de um cenário socioeconômico vantajoso para o desenvolvimento esportivo nas cidades interioranas. A criação de diversos polos urbanos ao longo do estado de São Paulo possibilitou a expansão de práticas esportivas e, conseqüentemente, o desejo de colocar os atletas municipais em competição. Nesse sentido, um elemento serviu, ao mesmo tempo, como alavanca e conector para os esportes: a ferrovia.

Foi na década de 1930, por exemplo, que a *marcha para o oeste*, política pública de Getúlio Vargas para integrar as demais regiões, se acentuou. Houve uma expansão significativa da malha ferroviária, conectando as companhias paulistas, como Mogiana, Paulista e Noroeste, a diversas regiões dentro e fora do estado. Como já apontava o educador Fernando de Azevedo (1950, p. 48):

A importância econômica, política e estratégica dessa rede e a crescente extensão ferroviária do Estado em que se formou e das vastas regiões a que serve, ressaltam, com evidência agressiva, de uma simples observação do mapa de vias férreas no planalto, com seus troncos, ramificações e prolongamentos. (...) A rede de viação férrea de São Paulo, em menos de um século, já havia unido todos os centros de produção do interior e dos Estados vizinhos.

Como o trecho deixa claro, as ferrovias surgiram justamente para atender regiões consideradas estratégicas no cenário econômico nacional, como as grandes lavouras de café. Elas passaram a se conectar e, principalmente, encontraram um meio de escoar a produção até o Porto de Santos, principal porta de saída para a exportação. Mas a chegada dos trens também representa uma via de mão dupla, permitindo um fluxo migratório grande com a chegada de imigrantes e colonos dispostos a trabalharem nas fazendas.

Isso levou a uma estruturação entre os próprios fazendeiros e poder político local, que se organizavam e levavam estações de trens a diversas cidades interioranas. Como apontam Marco Bettine de Almeida, professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Universidade de São Paulo (USP), e Gustavo Gutierrez, professor de Educação Física da Unicamp (2018, posição 400²⁶):

Houve uma ampliação vertiginosa das estradas de ferro, pelo investimento de capital particular, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro servia regiões valorizadas, esquecendo outras, o que fez grandes fazendeiros organizar as estradas de ferro em cidades que não passavam trilhos como: Santa Bárbara, Limeira, Rio Claro e Cordeirópolis, depois Leme, Araras, Porto Ferreira e Descalvado.

O maior fluxo de pessoas entre as cidades possibilitou que atividades físicas inerentes a grandes centros pudessem encontrar novos adeptos. Baby Barioni, como já citado, visitava cidades menores para ensinar e apresentar o basquete nesse período. Agremiações esportivas voltadas para os trabalhadores ferroviários começaram a surgir, como o Noroeste (Bauru), Internacional (Limeira) e Ferroviária (Araraquara). O mesmo ocorreu com o basquete, vôlei, beisebol, entre outras modalidades, que puderam se espalhar por meio da malha ferroviária.

Dessa forma, as cidades participantes das primeiras edições dos Jogos Abertos do Interior eram aquelas que possuíam mais facilidade de deslocamento para a cidade-sede, conectadas pelas companhias Mogiana e Paulista. Como uma forma de estimular a participação, a Comissão Organizadora buscava subsidiar os passes ferroviários para segunda classe aos atletas inscritos – situação que continuou por muitos anos depois que o Governo de São Paulo

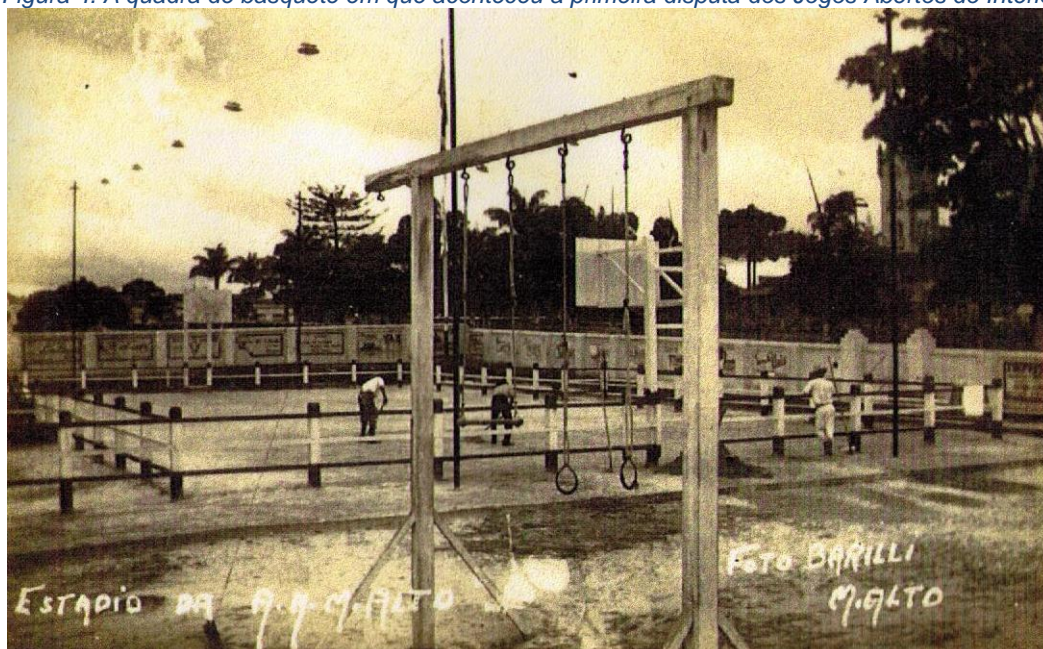
²⁶ O livro encontra-se no formato digital, em que não há separação de páginas, mas posições de acordo com o tamanho da tela.

assumiu a organização da competição, em 1941. A ferrovia teve grande impacto no desenvolvimento esportivo do interior paulista, como aponta o professor de educação física da UNESP José Maria de Camargo Barros (2005, p. 208):

Acompanhando a marcha para o oeste com a construção das estradas de ferro e a chegada de imigrantes para as lavouras do café, bem como para as indústrias de algodão e tecelagem, o esporte foi também levado ao interior paulista. Podem ser percebidas, no mapeamento do esporte no Estado de São Paulo, as marcas desse processo de progresso e desenvolvimento. A natação, o ciclismo, o judô, o futebol, o basquetebol se identificam com aspectos da colonização e desenvolvimento de algumas regiões do Estado de São Paulo. Muitos clubes surgiram acompanhando o traçado das ferrovias e o crescimento das fábricas.

A consolidação do esporte enquanto prática nas cidades por meio da ferrovia também provocou mudanças no aspecto civilizatório, ou seja, nos comportamentos e hábitos das pessoas como integrante da sociedade. As competições esportivas resultantes desse processo, em especial os Jogos Abertos do Interior, tornaram-se objetos de diversão e até de formulação de políticas públicas para melhorar a vida dos cidadãos.

Figura 4. A quadra de basquete em que aconteceu a primeira disputa dos Jogos Abertos do Interior



Fonte: Prefeitura de Monte Alto

Em suma: a atividade passou a fazer parte da rotina da cidade. Os trabalhadores e suas famílias poderiam ter acesso a diferentes modalidades graças às agremiações que surgiram no período. Foi uma transformação significativa por impactar diversas situações na vida das pessoas, como afirma o professor Ricardo Lucena (2001, p. 9 e 10):

Por isso, mudanças na forma de passatempo compõem também um quadro de mudanças nas formas de morar, no processo educativo, nas formas de trabalho, nas relações familiares e entre grupos distintos. Sendo assim, ao recortarmos o esporte nesse contexto, procuramos reinseri-lo como um componente de um processo de diferenciação que se manifesta na vida das cidades

Em uma sociedade em constante transformação, com grande massa de pessoas afluindo do campo para as cidades a partir da expansão das ferrovias, foi o esporte que auxiliou na adaptação desses indivíduos a uma realidade cada vez menos rural. O surgimento de diferentes clubes esportivos, em decorrência do grande desenvolvimento no interior, ocupava o espaço vazio deixado pela migração da zona rural para a zona urbana. Era um importante espaço de convivência aos habitantes. De acordo com o historiador Nicolau Sevcenko (1992, p. 48-49):

Fosse como simples exercício, como metáfora, como ritual ou celebração, o esporte tanto viria preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação e um novo repertório de atitudes congeniais a um mundo de imprevisível fermentação.

Essa integração foi possível pela capacidade do esporte criar suas próprias regras e, mais importante, compartilhar normas que se mantêm iguais independentemente da região, classe social ou origem do indivíduo. Quem pratica futebol pode jogar contra outras equipes porque os códigos que regem o esporte são os mesmos para ambos os lados. O mesmo vale para as demais modalidades, como natação, vôlei, basquete, atletismo, etc. O esporte possuía sua autonomia, como lembra o sociólogo Eric Dunning (1999, p. 71). “Um ingrediente importante na relativa autonomia, estabilidade e persistência das formas desportivas é a estrutura “profunda”, ou básica, que é fundamentalmente produzida e reproduzida pelas suas regras escritas e códigos não escritos” (tradução nossa²⁷).

3.3 O Imaginário Olímpico e a incorporação de “tradições”

No primeiro capítulo desta dissertação, foi abordado a influência dos *olimpianos*, isto é, os atletas considerados ídolos por suas façanhas, na construção da notícia. Isso ocorre porque o esporte exerce influência considerável no imaginário da população e eventos como Jogos Olímpicos se colocam como um de seus principais propagadores.

²⁷ Em inglês: An important ingredient in the relative autonomy, stability and persistence of Sporting forms is the ‘deep’ or basic structure which is fundamentally produced and reproduced by their written rules and unwritten codes

O conceito de imaginário atravessa muitos campos de conhecimento, como antropologia, psicologia, filosofia e semiologia, além de reunir vertentes distintas de pensamentos nestas áreas. Apesar dessas interpretações e autores, costuma levar em conta a relação que possui com questões que envolvem a realidade. Mais do que antagonista, o imaginário complementa e transforma o real. Como apontam a socióloga Liana Trindade e o antropólogo François Laplantine (1996, p. 26 e 27):

Como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real. Não se trata, contudo, da modificação da realidade, que consiste no fato físico em si mesmo, como a trajetória natural dos astros, mas trata-se do real que constitui a representação, ou seja, a tradução mental dessa realidade exterior

No caso dos Jogos Olímpicos, o Comitê Olímpico Internacional é a entidade responsável por cuidar do imaginário em torno do Olimpismo, definido como “uma filosofia de vida”, com o objetivo de “colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso da humanidade, promovendo uma sociedade pacífica e preocupada com a preservação da dignidade humana”²⁸. A proposta do Movimento Olímpico, portanto, compreende o esporte como um fenômeno de valorização da educação, lazer e saúde.

A criação dos Jogos Olímpicos como evento poliesportivo no fim do século 19 (a primeira edição foi realizada em Atenas, na Grécia, em 1896) tem como objetivo celebrar esta percepção. Idealizado pelo Barão de Coubertin, um educador francês, tinha como proposta a ação pedagógica por meio do esporte, carregando consigo os valores e características da aristocracia europeia da época. Centrado na figura heroica do atleta, o Olimpismo destacava elementos essenciais como *fair play* e o amadorismo. Neles, “estava presente o *ethos* aristocrático – atividade realizada pelo simples prazer de realizá-la, sem fins úteis, desinteressada, a arte pela arte” (BRACHT, 2005, p. 100).

A questão é que o mundo mudou muito nos últimos cem anos – e os Jogos Olímpicos acompanharam essa transformação. Se no início a disputa era restrita a amadores e tinha um forte apelo pedagógico de estímulo à prática atlética, agora tornou-se um evento espetacularizado, com audiência global, bilhões de dólares em patrocínios e direitos de transmissão e considerado o ponto máximo do planejamento da maioria das modalidades e competidores. Os valores olímpicos de amizade, respeito e excelência passaram a conviver com a pressão e a busca incessante pela vitória, o principal combustível da engrenagem do esporte contemporâneo.

²⁸ Disponível em: <<https://olympics.com/ioc/principles>> Acesso: 30 jan. 2022

O imaginário olímpico, portanto, lida com elementos que, a princípio, são contraditórios. Ao mesmo tempo em que o *fair play* e o respeito são valorizados, há uma pressão cada vez maior nos atletas e entidades para derrotarem seus rivais a qualquer custo em busca de melhores resultados – revertendo esse bom desempenho em melhores patrocínios, estrutura e treinamento e girando a roda esportiva continuamente. Kátia Rubio (2019, p. 28) afirma que “se o imaginário heroico é o mobilizador da figura espetacular do atleta, é o imaginário da vitória da terceira geração olímpica que circula no movimento olímpico contemporâneo”.

Figura 5. Da mesma forma que os Jogos Olímpicos, os Jogos Abertos também possuem tocha e fogo simbólico



Fonte: Prefeitura de Monte Alto

A exaltação do triunfo passa a integrar esse imaginário e se configura como uma das principais características esportivas atualmente. Observa-se uma necessidade latente de combinar grandes feitos atléticos ao sentimento dos torcedores. A vitória do campeão passa a ser a representação daquilo que o sujeito deseja alcançar em sua vida na sociedade contemporânea. Como aponta o sociólogo e antropólogo Roger Caillois (2017, p. 193 e 194):

A estrela representa o êxito personificado, a vitória, a revanche sobre a esmagadora e sórdida inércia cotidiana, sobre os obstáculos que a sociedade impõe ao valor. A desproporção da glória do ídolo ilustra a possibilidade permanente de um triunfo que, de certa forma, se tornou algum bem e que, de todo modo, é um pouco a obra de cada um deles que aplaudem.

Dessa forma, a vitória, por si só, tornou-se um produto importante – e desejado – dentro do fenômeno esportivo – e os Jogos Olímpicos se transformaram em evento de excelência. Estar presente significa, portanto, compartilhar esse imaginário e aproveitar do capital simbólico e financeiro que pode proporcionar – ainda que tenham que se sujeitar às normas definidas pelo Comitê Olímpico Internacional. “O fascínio exercido pelo imaginário olímpico fez com que esses grupos se rendessem às regras impostas de forma unilateral, sob uma prática discursiva que apregoava que esses valores eram universais” (RUBIO, 2019, p. 31).

Da mesma forma, diferentes eventos (esportivos ou não) apoiaram-se na construção do imaginário olímpico para se consolidarem em seus países, estados, cidades ou comunidades. Para isso, o uso de ritos e símbolos revela-se uma estratégia necessária. É uma invenção de tradições, práticas que, de acordo com o historiador Eric Hobsbawn (2012, p. 9) “visam vincular certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”.

Figura 6. Baby Barioni criou uma bandeira oficial para os Jogos Abertos



Fonte: Prefeitura de Monte Alto

No caso dos Jogos Abertos do Interior, este recurso foi utilizado por duas frentes. De um lado, os próprios meios de comunicação que realizavam a cobertura das primeiras edições utilizavam o imaginário olímpico para explicar e enaltecer a iniciativa interiorana. Do outro, os organizadores que buscavam aumentar a participação de cidades e, para isso, recorreram a esse mesmo imaginário com diferentes ritos e símbolos para se distinguirem perante o público.

A primeira menção ao imaginário olímpico aconteceu na primeira edição em 1936, na cidade de Monte Alto. José Oliveira Figueiredo, representante do fórum local, iniciou seu discurso na abertura com uma alusão às Olimpíadas da Antiguidade. Segundo relato do jornal

Folha da Manhã (1936, n.p.), ele teria dito: “Evoco, neste momento, as seintillações fulgurantes do gênio hellenico. Foi de lá que, numa feliz predestinação, partiram os primitivos estos da educação esportiva como base da actividade humana”.

O mesmo jornal, em 29 de dezembro de 1936 (p. 15), fez a primeira citação direta aos Jogos Olímpicos: “Possuindo a cidade de Casa Branca as instalações necessárias para um certame desse vulto, cogita-se iniciar-se a olympiada num sábado para terminar no domingo seguinte”. O Jornal, do Rio de Janeiro (1937, p. 4), trazia no título: “Os jogos abertos do interior virão a ser, para o futuro, uma verdadeira olympiadas”. E no texto: “O interesse que estes jogos estão tomando, de dentro de muito pouco tempo venham a constituir uma verdadeira olympiada quando nelles serão incluídas as provas de atletismo, tennis e outros sports”.

O Correio Paulistano (1938, p. 6), por sua vez, traça um paralelo entre a trajetória dos Jogos Olímpicos e os Jogos Abertos do Interior, que iria realizar sua terceira edição em Sorocaba naquele ano. “Haverá quem possa afirmar que entre as olympiadas mundiaes e os jogos abertos do interior não há certa e interressante affinidade?”.

No caso do Comitê Organizador, a incorporação do imaginário olímpico nos Jogos Abertos se deu por meio da utilização de ritos e protocolos recém-utilizados e aceitos nos Jogos Olímpicos. Na primeira edição do evento interiorano já existia um desfile das delegações na cidade-sede. Na segunda, em 1937, Baby Barioni instituiu a bandeira e o símbolo. O juramento do atleta foi introduzido em 1938 e o revezamento do fogo simbólico no ano seguinte. Por fim, em 1941, por iniciativa do Governo de São Paulo, surgiu a Cerimônia de Abertura.

No caso dos meios de comunicação, revelou-se uma retórica bastante útil para explicar o evento aos leitores; para a organização, era a alternativa para mobilizar o maior número de cidades e atletas. Em ambos, o objetivo era criar uma cultura esportiva no interior. “Do ponto de vista institucional, participar de um seletor grupo, coberto com a égide sagrada da palavra olímpica, representa o pertencimento a um grupo exclusivo composto por imortais” (RUBIO, 2019, p. 28). Portanto, não é surpreendente que os Jogos Abertos do Interior tenham cultivado a alcunha de “Olimpíada Caipira” ao longo de sua história. Ainda hoje, há um trabalho de comunicação latente para garantir esse imaginário olímpico na competição regional.

4 A COMUNICAÇÃO DOS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR DE 2019

Entre os dias 18 e 20 de novembro de 2019, foi realizada uma visita técnica à cidade de Marília, no interior do estado de São Paulo, para acompanhar a produção jornalística do Comitê Organizador dos Jogos Abertos do Interior. O principal objetivo foi o de desenvolver uma pesquisa de campo relacionado ao tema da pesquisa. Além de cuidar de todos os detalhes relacionados à gestão do evento, o órgão também é o responsável pelo planejamento e criação do conteúdo noticioso que visa alimentar os meios de comunicação das cidades participantes e os veículos especializados em esporte de todo o país.

Há peculiaridades na análise deste tipo de cobertura em relação ao trabalho desenvolvido por um meio de comunicação tradicional. A produção jornalística elaborada pelo próprio Comitê Organizador assume características inerentes à assessoria de imprensa, uma vez que, por meio dos materiais produzidos, também realizam a “intermediação das relações entre o assessorado e os veículos de comunicação, tendo como matéria-prima a informação e como processo sua abordagem na forma de notícia”, como explicam os pesquisadores Elisa Kopplin Ferraretto e Luiz Artur Ferraretto (2009, p. 10), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Por conta disso, a produção jornalística sempre fez parte da rotina das cidades-sedes dos Jogos Abertos do Interior. Nos últimos anos, os municípios passaram a investir na contratação de empresas especializadas em comunicação para terem um suporte na produção de notícias, principalmente relacionadas à cobertura esportiva, como o acompanhamento de jogos e partidas nos ginásios e estádios. Foi assim em 2018, quando São Carlos sediou a disputa e inovou ao transmitir eventos em tempo real na página da Prefeitura no Facebook, além de criar uma centena de materiais para divulgação (JOGOS ABERTOS SÃO CARLOS, 2018). Em 2019, o cenário se repetiu em Marília, com a contratação de uma agência para esse fim.

O objetivo deste acompanhamento era monitorar *in loco* como esta equipe criada pela organização se estruturou e trabalhou para transformar os Jogos Abertos do Interior de 2019 em um acontecimento esportivo noticioso. Para isso, a análise busca identificar o fluxo de trabalho entre os profissionais, principalmente entre os servidores públicos e os jornalistas contratados, a definição das pautas, o processo de produção desses materiais e a análise do conteúdo produzido ao longo do evento.

4.1 Antecedentes

Única cidade interessada em sediar os Jogos Abertos do Interior de 2019, Marília foi eleita por aclamação pelas demais delegações em 18 de novembro de 2018, em meio à disputa da edição realizada em São Carlos. Seis dias depois, o município recebeu a bandeira do evento na Cerimônia de Encerramento, um ritual que representa a troca de sede. Em nota divulgada em 19 de novembro de 2018, o prefeito Daniel Alonso afirmou: “não mediremos esforços para que Marília dê exemplo de organização e estrutura” (PREFEITURA DE MARÍLIA, 2018).

Em seu mandato, iniciado em 1º de janeiro de 2017, a cidade passou a investir continuamente na organização de eventos esportivos estaduais. Logo no primeiro ano, sediou uma das etapas dos Jogos Regionais do Idoso (JORI). Em 2018, abrigou a disputa de uma das divisões dos Jogos Regionais, torneio classificatório para os Jogos Abertos do Interior. Depois, em 2019, também organizou os Jogos Abertos da Juventude cinco meses antes da grande competição do calendário esportivo do governo estadual de São Paulo.

De acordo com informações disponibilizadas pela própria Prefeitura, Marília é uma cidade localizada na região centro-oeste do estado de São Paulo, distante 443 quilômetros da capital paulista. Foi emancipada e elevada à condição de município em 1929 e possui, atualmente, pouco mais de 220 mil habitantes. Ainda assim, configura-se como um importante polo regional, abrigando mais de 1.100 empresas de diversos setores, com destaque para o alimentício, cinco hospitais e 12 unidades básicas de saúde (UBS), 52 escolas municipais entre ensino infantil e fundamental, 46 escolas estaduais, duas faculdades, uma fundação de ensino e três universidades.

Contudo, mesmo essa infraestrutura não é suficiente para dar conta do gigantismo dos Jogos Abertos do Interior. Devido à grande quantidade de participantes (em 2018, na edição de São Carlos, foram mais de 15 mil atletas), é comum as cidades buscarem apoio de municípios vizinhos não só para a realização de algumas modalidades, mas também para fornecer alojamentos se for preciso. Matéria divulgada em 26 de agosto de 2019, relatando a visita do chefe dos Jogos Abertos do Interior no Governo Estadual, já apontava essa necessidade, afirmando que “serão utilizadas todas as escolas da Diretoria Regional de Ensino - no total são 14 municípios” (PREFEITURA DE MARÍLIA, 2019).

Programado inicialmente para acontecer entre 14 e 26 de outubro, os Jogos Abertos do Interior de 2019 sofreram uma alteração na data de realização ainda no primeiro semestre do ano, passando para o período entre 11 e 23 de novembro - tal informação não foi divulgada oficialmente nem pelo Governo Estadual e nem pela Prefeitura de Marília. O adiamento em um

mês permitiu à cidade ganhar mais tempo para acertar detalhes da organização e à pesquisa estabelecer contatos com os responsáveis tanto no Comitê Organizador de Marília quanto na Secretaria Estadual de Esportes.

Sabendo que os Jogos Regionais, realizados em julho, servem de classificação aos Jogos Abertos, era recomendado esperar seu encerramento para ter uma visão mais próxima de atletas e cidades participantes. Assim, a primeira tentativa de contato com o Governo Estadual aconteceu em 24 de julho de 2019 com a equipe de comunicação da Secretaria de Esportes. O objetivo era obter mais informações sobre a história do evento e possíveis entrevistas. Contudo, não houve resposta. Uma segunda tentativa foi feita em 17 de setembro, novamente sem retorno. Um outro e-mail foi enviado em 28 de setembro, igualmente sem qualquer interação da Secretaria de Esportes do Estado.

Apenas na quarta tentativa, em 7 de outubro de 2019, a pouco mais de um mês do início dos Jogos Abertos do Interior, foi feito contato com Anderson dos Santos Dias, coordenador de comunicação da Secretaria de Esportes. Na mensagem, ele abriu a possibilidade de entrevistar Simone Bighetti, coordenadora de esportes. Ele ainda informou que o próprio Governo Estadual não possui nenhum material informativo ou histórico sobre o evento, uma vez que “valorizamos, claro, o contexto histórico da competição” (informação pessoal)²⁹..

A partir daí, iniciou-se uma troca de e-mails com o coordenador de comunicação. Por meio dele, foi possível entrevistar Simone Bighetti presencialmente na Secretaria de Esportes no dia 8 de novembro, obtendo informações sobre a realização e organização da competição. No dia 1º de novembro, ele intermediou o contato com Edna Barioni, uma das filhas de Baby Barioni, criador dos Jogos Abertos do Interior, que foi entrevistada no dia 8 de novembro, acrescentando um relato importante na pesquisa. Encontrar descendentes vivos do fundador dos Jogos Abertos do Interior era um grande desafio, uma vez que Baby Barioni faleceu ainda na década de 1960 e faltavam relatos confiáveis sobre sua história pessoal.

A falta de informações sobre o evento no site da Prefeitura de Marília, inclusive com ausência de telefone para falar com assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude, fez com que se estabelecesse o primeiro contato com o Comitê Organizador via Facebook no dia 17 de setembro na página oficial da Prefeitura para obter telefones ou e-mail de contato com a equipe responsável.

De posse do e-mail, foi feito contato no dia 28 de setembro com o objetivo de esclarecer os objetivos desta pesquisa e a intenção de acompanhar o processo de produção jornalística -

²⁹ DIAS, Anderson dos Santos. **Solicitação Informações - Jogos Abertos**. Mensagem recebida por anderson.dias@sp.gov.br em 08 de out. 2019.

além de solicitar informações sobre o eventual processo de credenciamento dos profissionais de mídia. Diferentemente da Secretaria Estadual, o retorno foi rápido. No dia 30 de setembro, recebemos a resposta de Daniela Bueno, assessora de comunicação da secretaria e também responsável pela coordenação de comunicação dos Jogos Abertos do Interior.

Na ocasião, Bueno informou que “os processos de licitação para assessoria de imprensa, site e agência ainda não se encerraram” (informação pessoal)³⁰, o que explicaria a ausência de informações e de canais oficiais destinados aos Jogos Abertos do Interior. Praticamente um mês depois, em 23 de outubro, ela enviou o Diário Oficial de Marília com o edital de licitação para contratação de agências especializadas em assessoria de imprensa, com pregão a ser realizado em 5 de novembro - apenas seis dias antes do início oficial da competição. Um novo contato foi feito no dia 5 de novembro para saber novidades sobre a licitação e se havia alguma definição do trabalho jornalístico a ser desenvolvido pela agência vencedora da licitação. Apenas no dia seguinte, 6 de novembro, houve resposta à solicitação, informando que o processo de credenciamento seria realizado na própria sede da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude durante a realização do evento e que a própria Daniela seria a coordenadora de toda a equipe de comunicação.

No dia 15 de novembro, já com os Jogos Abertos do Interior em andamento, foi enviado um novo e-mail à Daniela Bueno, informando as datas de minha viagem e o período de estadia em Marília (18 a 20 de novembro), além de reafirmar o desejo de acompanhar o fluxo de produção jornalística da equipe de comunicação. Não obtivemos resposta, mas como ela já tinha passado o endereço do Comitê Organizador (de Marília) e do Comitê Dirigente (do Governo Estadual), a primeira tarefa da visita técnica na cidade seria visitar os dois locais para obter as informações que faltavam e iniciar o acompanhamento.

A chegada à Marília ocorreu no dia 17 à noite e, às 9h da manhã do dia 18, já estava nos dois comitês, separados por apenas 100 metros. A primeira visita foi ao Comitê Dirigente para explicar a situação do pesquisador a uma servidora pública presente na entrada. Fomos até a sala do chefe dos Jogos Abertos do Interior, Alexandre Requena, onde novamente foram colocados os objetivos e a troca de e-mails tanto com a Secretaria Estadual de Esportes quanto com a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Juventude de Marília. Informaram que não há mais processo de credenciamento de jornalistas para o evento, mas pediu para esperar porque iria resolver outros assuntos relacionados ao evento. Ao ver que iria demorar para ser atendido, aproveitou-se o intervalo para visitar o Comitê Organizador. Diante da recepcionista, relatou-

³⁰ BUENO, Daniela. **Jogos Abertos do Interior 2019**. Mensagem recebida por selj@marilia.sp.gov.br em 30 set. 2019.

se que gostaria de conversar com a Daniela, coordenadora de comunicação, sendo logo atendido e levado à sala de comunicação dos Jogos Abertos do Interior de 2019, iniciando ali mesmo a pesquisa para esta dissertação de mestrado.

4.2 Fluxo de Trabalho

A sala destinada à equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior de 2019 ficava ao fundo da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude (SELJ) de Marília - que, por sua vez, é um anexo ao lado do ginásio do Centro Esportivo Mariliense (conhecido na cidade pelo antigo nome, Ginásio do Clube dos Bancários). Entre o local e a entrada da secretaria no dia 18 de novembro estavam o cômodo destinado ao secretário municipal, Eduardo Nascimento, e a recepção, composta por um balcão metálico para atendimento (posicionado de forma a impedir o acesso de visitantes) e uma mesa com computador para a atendente.

O espaço destinado aos jornalistas, contudo, não era grande. A sala tinha menos de dez metros quadrados, com cinco mesas de escritório dispostas ao redor da parede, de forma que uma fica de frente para outra. Essa medida não proporciona maior interação entre os profissionais, uma vez que apenas três deles ficam lá com mais frequência, mas ainda assim saindo para pautas externas sempre que necessário. No total, há seis computadores disponíveis, sendo dois colocados à disposição dos fotógrafos, com especificações técnicas próprias para a edição de imagens. Ao fundo da sala há uma impressora e um arquivo não utilizado, coberto por caixas com diversos documentos. Ao lado da porta de entrada, há um sofá antigo encostado na parede, que serve mais como uma área para depositar bolsas e mochilas do que para atender possíveis visitantes.

Logo ficou claro que o fluxo de trabalho imaginado *antes* dos Jogos Abertos do Interior não seria uma realidade para esta equipe. A dimensão diminuta da sala, com pouco espaço devido à presença de mesas e equipamentos tecnológicos, impedia a realização de reuniões entre os profissionais. Dessa forma, não havia encontros de alinhamento, levantamento de pautas e tampouco para definir diretrizes e/ou analisar a produção dos materiais. Houve apenas uma atividade deste tipo entre todos e que aconteceu antes da realização dos Jogos Abertos do Interior, conforme relato de Daniela Paula Bueno (2019, informação verbal), coordenadora de comunicação do evento. “Nos encontramos apenas uma vez para passar nossos objetivos e combinarmos a melhor forma de cobertura. Depois, cada um exercia a função combinada previamente, entregando todos os materiais *online*”.

Assessora de comunicação da Secretaria de Esportes, Lazer e Juventude (SELJ) de Marília, Daniela Paula Bueno foi nomeada como Coordenadora de Comunicação dos Jogos Abertos do Interior de 2019 pela Portaria nº 37.219, de 29 de outubro. Entretanto, ela também acumulou cargos na Coordenadoria Geral do evento, de Hospedagem e Acomodação e de Praças Esportivas. Em suma, ela precisava lidar com outras questões inerentes à competição, o que fazia com que a sala destinada à equipe de comunicação se transformasse em espaço para resolução de demais questões e tivesse um trânsito grande de pessoas de diversas áreas. Na manhã do dia 18 de novembro, logo no início da investigação, Daniela dividia sua atenção entre um problema com links antigos no site oficial dos Jogos, a falta de fornecimento de marmitas a um alojamento e questões com a manutenção de outro prédio.

Para auxiliá-la no trabalho de comunicação, Daniela conta com o apoio de William César Ramos Lima, nomeado Assistente de Comunicação e Imprensa dos Jogos Abertos do Interior pela mesma portaria. Ele a ajuda em todas as questões inerentes à estratégia de divulgação do evento, além de ser responsável pela produção de matérias jornalísticas que envolvem os parceiros da competição. Além deles, a equipe municipal também conta com o apoio de José Carlos Firme, assessor especial da Prefeitura e deslocado para atuar como repórter. Os três (Daniela, William e José Carlos), até por questões trabalhistas e obrigatoriedade de baterem ponto, ocupavam três das cinco mesas disponíveis na sala de comunicação. Por fim, Christian Cabrini, fotógrafo da Prefeitura de Marília, foi nomeado Coordenador de Fotografia e Filmagem - ele também utilizava o computador disponível aos fotógrafos no local, mas apenas no fim do expediente após realizar seu trabalho.

A equipe externa era formada por três profissionais da ComTexto Comunicação Integrada, empresa de Araraquara, também no interior de São Paulo e vencedora da licitação para assessoria de comunicação dos Jogos Abertos do Interior. Jaqueline Fonseca, Fernanda Chiossi e Vitor Tavares se deslocaram até a cidade-sede e foram responsáveis por grande parte das notícias divulgadas no site oficial e nos perfis das mídias digitais. Já a empresa Fischer Produções atuou na produção audiovisual. Ida Fischer foi a responsável pela coleta de imagens para a realização de dois minidocumentários: um sobre a Cerimônia de Abertura e outro sobre o evento em si, com entrega após o encerramento das competições. Além dela, a equipe era composta por Tassya Gonzales e Mateus Dahsan, fotógrafos *freelancers* que auxiliavam Christian na produção de fotografias disponibilizadas em todos os canais de divulgação.

Com uma equipe diversa, composta por dez profissionais de três organizações diferentes, sem espaço para a realização de reuniões e com uma área de cobertura formada por 32 locais de competições, incluindo cidades da região como Pompéia, Oriente, Garça e Bauru

(esta última distante 107 quilômetros da sede), o Comitê Organizador precisava encontrar um meio capaz de manter o relacionamento entre todos os integrantes da equipe de comunicação e garantir o andamento do trabalho. Dessa forma, o WhatsApp, aplicativo de mensagens para celulares e *smartphones*, se revelou como a grande ferramenta para organizar o fluxo e o processo de produção jornalística nos Jogos Abertos do Interior.

Daniela Bueno apontou a agilidade e a eficiência na comunicação interna como as duas principais justificativas pela escolha do aplicativo. Antes da abertura, ela criou um grupo na plataforma e incluiu todos os jornalistas, fotógrafos e servidores públicos que iriam trabalhar no evento. O objetivo era centralizar a troca de conversas entre as pessoas, permitindo um maior controle não só na circulação interna da informação, mas também na própria dinâmica dos profissionais. Todas as conversas relativas ao trabalho de comunicação deveriam ser feitas neste grupo, seja por texto ou por áudio, para que todos pudessem ter conhecimento do assunto.

A escolha do WhatsApp também possuía uma justificativa econômica. Por ser uma ferramenta gratuita e presente na grande maioria dos celulares brasileiros, com abrangência em 99% dos aparelhos, de acordo com a Pesquisa Panorama Mobile Time/Opinion Box de 2020 (TECMUNDO, 2020), o Comitê Organizador não precisava gastar com alternativas para manter o relacionamento com os jornalistas contratados e, ao substituir os encontros presenciais pela conversa digital, ainda poderia garantir que os profissionais passassem mais tempo na cobertura esportiva. Como afirma o professor de MBA da Fundação Instituto de Administração (FIA), Robert Srour (apud KUNSCH, 2007, p. 42), “as organizações não mais ocupam lugares específicos e tendem a tornarem-se virtuais, porque é mais fácil e mais barato transportar a informação do que as pessoas, através das tecnologias do teleprocessamento e da computação”.

Por conta disso, não é exagero dizer que o WhatsApp atuou como a principal ferramenta de organização do fluxo de trabalho da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior de 2019. Era por meio dele que acontecia a definição da escala de cobertura diária, a comunicação sobre os assuntos e modalidades mais importantes, a aprovação de alguns materiais e possíveis solicitações e dúvidas que pudessem surgir entre os profissionais.

Na rotina estipulada pela equipe de comunicação, a escala era projetada em dois momentos do dia via WhatsApp. O primeiro deles consistia no período entre 22 e 23 horas com a publicação do Boletim Oficial dos Jogos Abertos do Interior pelo Comitê Dirigente (vinculado à secretaria estadual de esporte). Daniela Bueno compartilhava esse documento e a programação esportiva para o dia seguinte no grupo. O objetivo era permitir que os profissionais tivessem conhecimento do que seria disputado e comesçassem a planejar suas dinâmicas. Depois, às 7h do dia seguinte, a coordenadora enviava áudios informando os principais assuntos

do dia e delegando tarefas a todos os repórteres. Antes das 8h, quando começavam as primeiras disputas do dia, todos já sabiam onde iriam trabalhar.

A determinação das tarefas era feita de acordo com as funções estipuladas antes dos Jogos Abertos do Interior para cada um dos integrantes da equipe. William Lima, assistente de comunicação, era o auxiliar da Daniela Bueno na organização do evento e realizava matérias pontuais com parceiros do Comitê Organizador. Assim, ele saía pouco da sede e foi o responsável pelas notícias vinculadas ao trabalho científico desenvolvido pelas faculdades e universidades. José Carlos Firme, deslocado à SELJ, assumiu a responsabilidade de identificar entre as principais delegações atletas e ex-atletas de destaque no cenário esportivo nacional para realizar matérias e auxiliar na produção de postagens nas redes sociais.

Fernanda e Jaqueline, integrantes da ComTexto Comunicação Integrada, eram as responsáveis pela cobertura da competição nos locais de disputa, acompanhando o maior número de modalidades e, principalmente, provas em que Marília, cidade-sede dos Jogos, possuía chances de conquistar resultados positivos. Além disso, elas também desenvolveram pautas diversas que abordam questões econômicas e fatos curiosos sobre a competição (como o dia a dia das maiores delegações). Vitor Tavares, também integrante da ComTexto, foi o responsável pela atualização das mídias sociais digitais e, para aproveitar a melhor conexão de Internet, ficou a maior parte do tempo no hotel - apesar de auxiliar as duas colegas com matérias e apuração por telefone sempre que necessário.

O trabalho da equipe audiovisual seguia um fluxo diferente. Ida Fischer, responsável pelos dois minidocumentários, possuía liberdade para circular entre as arenas esportivas e captar imagens do maior número de modalidades possível – as únicas determinações eram privilegiar provas em que atletas marilienses poderiam ganhar medalhas e os atletas de renome que estivessem competindo na cidade. Para isso, ela era informada via WhatsApp por Daniela Bueno e ainda contava com o apoio dos demais profissionais.

Foi o que ocorreu no dia 20 de novembro pela manhã. Ela esteve na abertura da natação para acompanhar as provas de Nicholas Santos, dono de três medalhas no Mundial da modalidade, e contou com a colaboração da dupla Fernanda e Jaqueline para captação de imagens e de sonoras para o seu trabalho. Os três fotógrafos se dividiram por localização geográfica para facilitar a circulação e cobrir todos os locais de competição. Tassy, residente de Vera Cruz (cidade vizinha distante 16 quilômetros de Marília), foi a responsável pelas fotos das provas na Zona Sul. Christian e Mateus se revezavam nas demais, com Christian privilegiando as provas com presença de atletas marilienses.

Era comum o fluxo de trabalho sofrer mudanças repentinas ao longo do dia, sempre com comunicação via WhatsApp. No dia 18 de novembro, José Carlos Firme esteve de manhã no estádio Bento de Abreu Sampaio Vidal (conhecido como Abreuzão) para acompanhar as finais do futebol feminino e fazer matérias com atletas das equipes de Araraquara e Santos, reconhecidamente dois dos principais polos da modalidade no país e com jogadoras da seleção brasileira. No início da tarde, ele se deslocou à escola Amilcare Mattei, local das provas de boxe, para entrevistar Luiz Oliveira, neto de Servílio Oliveira (primeiro medalhista olímpico do Brasil na modalidade) e ele próprio medalhista de bronze nos Jogos Olímpicos da Juventude de 2018. Entretanto, foi informado de que precisaria retornar ao estádio de futebol para acompanhar a final masculina, que teria a presença do Marília na disputa pelo título.

Outro exemplo de que a escala era mutável aconteceu no dia 20 de novembro à tarde. Escaladas para cobrir vôlei de quadra e natação, que aconteciam no mesmo local (Yara Clube), Jaqueline e Fernanda precisaram remanejar a programação após conversarem com Daniela no WhatsApp. O jogo de vôlei feminino do Marília, previsto para começar às 18h, coincidiria com o jogo de futsal feminino, também com a presença do time mariliense. Como no dia anterior as duas já realizaram a cobertura desse esporte, e com a determinação de atender o maior número de modalidades, elas combinaram de ir até o ginásio do futsal para fazer reportagem e conteúdo para as mídias sociais digitais.

Por meio do aplicativo de mensagens, também havia um controle maior no fluxo produtivo dos profissionais. Sempre que necessário, Daniela Bueno solicitava informações e materiais à equipe. No fim da tarde do dia 19 de novembro, ela precisava de fotos do time de Marília no vôlei, a grande atração esportiva da cidade no dia. Pelo WhatsApp, ela não só comunicou a equipe sobre essa necessidade, como também recebeu os materiais solicitados.

Como a equipe pouco se encontrava (com exceção de alguns locais de competição), a plataforma também se tornou no principal espaço para troca de materiais e informações necessárias para a produção jornalística diária. Todos os materiais produzidos pelos profissionais com foco em mídia sociais digitais, como texto, fotos e pequenos vídeos, eram compartilhados no grupo para que Vitor Tavares pudesse postá-los nos perfis. Contatos de personagens e possíveis fontes também eram divulgados no grupo, principalmente entre Daniela, coordenadora de comunicação dos Jogos Abertos, e as duas profissionais da ComTexto. Além disso, os principais links com postagens das mídias sociais e notícias publicadas no site oficial também eram compartilhados para conhecimento de todos.

Dessa forma, no período de análise entre 18 e 20 de novembro, a troca de mensagens no grupo era constante no período das 7h às 22h/23h. Ou seja, em dois terços do dia, as pessoas

precisavam ficar atentas à conversa que acontecia na plataforma para não perderem informações importantes sobre sua rotina de trabalho. Os repórteres precisavam conciliar as técnicas produtivas com a observação de seus celulares, desenvolvendo métodos para realizarem suas tarefas e atenderem as demandas que eventualmente podem surgir na plataforma. Em troca da eficiência e agilidade na comunicação interna, os profissionais passaram a dedicar grande parte dos seus dias no processo jornalístico. Como afirma o pesquisador bielorrusso Evgeny Morozov (2018, posição 661³¹):

A dialética do empoderamento atua por vias misteriosas: não há dúvida de que os dispositivos inteligentes poupam tempo - a fim de que possamos dedicá-lo ao trabalho que nos permite pagar por seguros personalizados e mais caros, ou enviar mais e-mails relacionados ao trabalho, ou preencher outros formulários requeridos por algum sistema burocrático recém-computadorizado

O fluxo de trabalho, portanto, não atendia uma organização predefinida e dependia exclusivamente do WhatsApp. Era planejado diariamente em função da programação estipulada pelo Boletim Oficial dos Jogos Abertos do Interior. Não havia encontros presenciais e os profissionais seguiam suas rotinas de acordo com a escala definida de manhã e eventuais mudanças que pudessem surgir ao longo do dia. Essa rotina acabou impactando na definição de pautas a serem abordadas e no próprio processo de produção das notícias veiculadas pelo Comitê Organizador.

4.3 Definição da pauta

A partir da definição da escala de cobertura às 7h no WhatsApp, normalmente uma hora antes do início das primeiras provas esportivas, a equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior começava a trabalhar em cima das modalidades e assuntos elencados como prioritários para o dia pela coordenadora Daniela Bueno. Essa era a única recomendação proveniente do Comitê Organizador. Além da produção das notícias, os profissionais também possuíam autonomia no planejamento da cobertura, na pesquisa sobre o assunto e na identificação de possíveis fontes para o desenvolvimento de suas matérias.

Esse é um hábito rotineiro no cotidiano dos repórteres. Toda produção jornalística começa com a definição e pesquisa do objeto a ser abordado. Antes mesmo da entrevista e da

³¹ Posição refere-se à contagem do documento em livros digitais. Como a paginação é diferente da versão física e até mesmo de acordo com o aparelho, as plataformas de *e-book* utilizam 'posições' de acordo com a quantidade de dados no arquivo.

redação, é preciso programar a reportagem, conhecer as melhores fontes sobre o tema e pesquisar informações correlatas que possam acrescentar no desenvolvimento da narrativa. Dentro do jornalismo, essa atividade é conhecida como pauta e integra o processo de construção da notícia, atuando como guia e orientação aos responsáveis. Uma boa pauta facilita o trabalho e possibilita o desenvolvimento completo do relato.

É uma função primordial até mesmo para a cobertura de um evento específico, como no caso dos Jogos Abertos do Interior. Ainda que o grande foco de uma competição esportiva seja a divulgação dos resultados obtidos ao longo da disputa, os profissionais podem explorar diferentes categorias e temas no dia a dia, aprofundando ainda mais as notícias. Um acontecimento esportivo, como explicado no primeiro capítulo, possui diversas particularidades que podem, ou não, ser de interesse dos torcedores e jornalistas.

Assim, torna-se essencial que a equipe de comunicação estabeleça uma padronização que contemple esse planejamento e pesquisa acerca de temas e ideias que podem acrescentar na cobertura proposta anteriormente. É algo que deve ser efetuado *antes* da apuração e redação da notícia - de fato, a investigação começa justamente quando a notícia ainda é uma proposta de trabalho em cima de um acontecimento. É um processo contínuo ao ofício de jornalista, feito a todo momento durante a construção do relato, como afirma o professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Ronaldo Henn (1996, p. 13-14):

A atividade da pauta não se esgota na produção propriamente dita, mas dilata-se no decorrer dos dias nas transformações que a notícia vai sofrendo dentro das editorias. Dessa forma, além de ser mediação entre repórter e ocorrência, ela é um projeto em constante execução no encaminhamento dessa ocorrência rumo à notícia.

Tradicionalmente, a pauta é debatida e pensada em reuniões entre os jornalistas (ou pelo menos entre os editores e repórteres de cada área), possibilitando que diferentes pontos de vista possam contribuir no desenvolvimento da matéria. Por muito tempo, também existiu um profissional específico para esta tarefa nos principais meios de comunicação: os pauteiros nos jornais impressos e produtores nas emissoras de rádio e televisão.

A questão é que o avanço da tecnologia remodelou esta prática, fazendo com que a pauta se tornasse uma atividade considerada obsoleta na práxis jornalística. A chegada da internet, com a possibilidade de publicação de notícias praticamente em tempo real, fez com que a maioria dos veículos e equipes abdicasse desse tempo a mais de pesquisa para divulgar logo determinado acontecimento. De acordo com a professora da Universidade Federal do Rio de

Janeiro, Cristina Luz (2005, p. 5), “o fluxo contínuo e acelerado de notícias está provocando o desaparecimento da pauta como etapa inicial de todo o processo jornalístico”.

Tal situação ocorreu com os profissionais de comunicação dos Jogos Abertos do Interior de 2019. Como as reuniões presenciais entre os integrantes não faziam parte da dinâmica do trabalho, os repórteres eram os responsáveis pelas próprias pesquisas de suas matérias, realizando contatos para entrevistas e organizando todos os materiais necessários para o desenvolvimento da notícia.

Foi observado um estímulo para o compartilhamento de fontes e informações entre o grupo, principalmente no caso dos jornalistas provenientes da agência ComTexto Comunicação Integrada - por serem de outra cidade, precisavam da ajuda dos servidores públicos no levantamento de possíveis personagens em seus relatos. Contudo, esse fluxo também migrou para o ambiente digital. Qualquer conversa nesse sentido era mantida no WhatsApp, seguindo a dinâmica já observada. Essa discussão era mais intensa no período da manhã, após a definição da escala entre 7h e 8h, mas não era raro encontrar algo semelhante no período da tarde com as possíveis mudanças sugeridas pelo Comitê Organizador.

Pelo aplicativo de mensagens, os repórteres e profissionais audiovisuais também poderiam sugerir mudanças nas pautas comunicadas pela Daniela Bueno se julgassem interessantes dentro da cobertura jornalística estipulada para o dia. Entretanto, a decisão final sobre a produção, ou não, sempre é da coordenadora de comunicação do evento. Nestes casos, é comum os pedidos e questionamentos serem direcionados nominalmente às pessoas dentro do grupo de WhatsApp. No dia 19 de novembro de manhã, Daniela solicitou que um fotógrafo acompanhasse as provas de Ciclismo de Estrada por conta da presença de atletas de Marília na disputa por medalhas tanto na prova masculina quanto na feminina. Nenhum dos três fotógrafos da equipe estava programados para cobrir esta modalidade. Dessa forma, Tassya Gonzales precisou se deslocar rapidamente ao local da prova em vez de fazer o giro nos demais ginásios de sua área de cobertura como havia planejado anteriormente.

A falta de reuniões e de debates presenciais para levantar novos temas impediu um maior desenvolvimento de pautas sobre os Jogos Abertos do Interior. O Comitê Organizador definiu três categorias principais para a cobertura jornalística: 1) acompanhar os atletas e times de Marília, principalmente aqueles que tiverem chances de medalhas; 2) cobrir o maior número de modalidades em textos e imagens para evidenciar o aspecto poliesportivo do evento; 3) destacar a presença de atletas de destaque no cenário nacional e internacional que estiverem competindo no evento. Tal medida atende três das sete categorias elencadas no primeiro capítulo: Modalidades, Resultados e Olimpianos.

Outros assuntos importantes para compreender a importância dos Jogos Abertos do Interior em Marília foram ignorados ou colocados em segundo plano na cobertura realizada. Com a necessidade de conciliar as mensagens trocadas no WhatsApp com sua própria rotina, os profissionais não encontravam o tempo necessário em seus dias para elencar e sugerir temas que poderiam ser mais interessantes do que simplesmente a divulgação de resultados e modalidades. A agilidade proporcionada pelo aplicativo substituiu o processo criativo necessário para a produção jornalística.

Evidentemente, os repórteres poderiam aproveitar a autonomia no desenvolvimento de seu trabalho para sugerir as pautas não-factuais, isto é, que extrapolassem as três determinações do Comitê Organizador - mas era raro tal iniciativa. Sem o alinhamento presencial das pautas por meio de reuniões, apesar do Comitê Organizador passar recomendações ao longo do dia no WhatsApp e estimular a troca de mensagens entre os profissionais, percebe-se que não houve uma preocupação central no levantamento de temas que retratassem os Jogos Abertos do Interior além de seus resultados esportivos. As poucas atitudes neste sentido partiram da autonomia que os profissionais adquiriram em suas rotinas, sugerindo abordagens e solicitando à coordenadora de comunicação do evento.

A dupla Jaqueline e Fernanda resolveu produzir duas notícias que não estavam na programação do Comitê Organizador: uma delas sobre os impactos econômicos da competição em Marília; a outra sobre o dia a dia do alojamento na maior delegação desta edição. A iniciativa foi aprovada pela equipe da SELJ e, ainda que tenha contado com o apoio do órgão na busca por contatos e fontes, o desenvolvimento destas pautas não poderia impedir a cobertura diária dos locais de competições. Dessa forma, as duas profissionais tiveram que coincidir a apuração e pesquisa com a elaboração de diferentes matérias, como pôde ser observado na tarde de 19 de novembro. Na ocasião, enquanto aguardavam o início de jogo do Marília no vôlei, elas aproveitaram para fazer contatos via WhatsApp com outras fontes. Era a única forma de não atrapalhar as demais demandas.

A recomendação de acompanhar os atletas marilienses na cobertura jornalística também exigiu preparo e atenção dos profissionais no desenvolvimento de suas pautas. A cidade não possui tradição recente de bons resultados nos Jogos Abertos do Interior e a ausência de grandes feitos fez a equipe de comunicação buscar alternativas na construção de suas notícias. No primeiro dia da nataçãõ, em 20 de novembro, não havia perspectiva de medalhas para competidores locais (ainda que a disputa tenha sido no mesmo local em que Tetsuo Okamoto, primeiro medalhista olímpico do país na modalidade, treinava). Fernanda e Jaqueline, responsáveis pela cobertura, resolveram desenvolver o texto em cima da presença de grandes

nomes do esporte no Brasil, como Nicholas Santos, dono de três medalhas em Mundial de Natação, e Leonardo de Deus, tricampeão pan-americano nos 200 metros borboleta. Ambos representavam a delegação de Santos e foram as principais atrações do dia.

Entretanto, nem mesmo a chance de título para Marília em um determinado esporte fez com que esta pauta merecesse atenção por parte do Comitê Organizador, uma vez que observa-se também uma hierarquização na cobertura de acordo com a importância e apelo das modalidades. No dia 20 de novembro de manhã, a cidade-sede disputava uma vaga à semifinal da Malha, prática pouca conhecida entre os torcedores, e apenas um fotógrafo se deslocou até o local (no fim, a Marília perdeu e a matéria foi abortada). A mesma coisa aconteceu na tarde de 18 de novembro. Escalado de última hora para acompanhar a final do futebol masculino e um eventual título de Marília, José Carlos Firme precisou alterar seu trabalho após a inesperada vitória de 1 a 0 do Tanabi na decisão. O profissional coletou entrevistas com atletas do time vencedor para postagem em mídias sociais digitais, mas a produção jornalística em si também foi suspensa pela equipe.

Essa liberdade na hora de construir as pautas pode ser prejudicial ao trabalho de comunicação, uma vez que a práxis jornalística torna-se inviável quando os repórteres mudam constantemente os valores que norteiam a cobertura. O segredo, portanto, é “rotinizar tal tarefa, de forma a torná-la exequível e gerível. Os valores/notícia servem, exactamente, para esse fim”, como aborda o pesquisador italiano Mauro Wolf (1999, p. 196-197). Dessa forma, o processo de produção da notícia coincide com a pesquisa e apuração dos fatos, fazendo com que os profissionais desenvolvessem técnicas e métodos para cumprirem suas demandas da melhor forma possível.

4.4 Produção das notícias

No fim da manhã do dia 20 de novembro, Jaqueline e Fernanda tiveram uma rara ocasião na cobertura jornalística dos Jogos Abertos do Interior de 2019: tempo livre. Com essa oportunidade, elas não pensaram duas vezes: entraram no carro que utilizavam e voltaram ao hotel com o objetivo de adiantar a produção das notícias apuradas pela manhã. Elas queriam ganhar tempo, uma vez que suas rotinas impediam o ato de sentar e escrever as matérias com calma à tarde e à noite.

A falta de unidade no fluxo de trabalho e na própria definição das pautas a serem trabalhadas fez o processo de produção na competição ser difuso. Como cada profissional possuía uma agenda diferenciada, eles desenvolveram técnicas próprias para apurar, pesquisar

e levantar informações, além de utilizarem seus próprios equipamentos para redação e desenvolvimento das notícias. Elas poderiam ser produzidas em qualquer lugar. Bastava ter um notebook e uma conexão com a internet para começarem a escrever, seja em suas casas, no hotel, no local de competição, entre outros.

Também não havia um *deadline*, jargão jornalístico que explica o limite máximo para produção das matérias, bem definido - ainda que a equipe precisasse produzir todos os dias e entregar materiais para divulgação no site oficial e no *mailing* distribuído aos demais veículos de comunicação. Diferentemente da definição das pautas, em que o Comitê Organizador exercia certo controle na escolha dos temas a serem produzidos, os profissionais realmente possuíam liberdade na forma como apuravam e escreviam as matérias - o que explica a falta de padronização encontrada na redação do texto.

Basicamente, a organização dos Jogos Abertos do Interior de 2019 não previa um grande trabalho jornalístico. Por contrato estabelecido com as empresas vencedoras da licitação, os profissionais externos tinham a obrigação de entregar **um texto por dia** para divulgação, **60 fotos por modalidade** no fim do evento e, ao menos, **cinco fotos por dia**, além da produção em mídias sociais digitais **sem quantidade especificada**, e **dois minidocumentários**, um para a Cerimônia de Abertura e outro para ser entregue após a conclusão da competição a ser veiculado nos perfis do evento.

Com objetivos tão distintos e sem um controle central, era natural esperar que os profissionais de comunicação seguissem rotinas tão diferentes uns dos outros. No caso da produção dos materiais, os jornalistas confiavam em seus próprios instintos no momento da apuração, entrevista e redação do material. Afinal, quando “colocado perante o dilema, o jornalista invoca de novo o seu *news judgement* profissional - entendido como a sua experiência e senso comum que lhe permitam atribuir aos ‘factos’ o valor de ‘importantes’ e ‘interessantes’”, conforme explica a socióloga norte-americana Gaye Tuchman (1993, p. 85).

No caso da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior, o processo de produção da notícia era altamente influenciado pelo perfil e pela origem dos profissionais. Como citado anteriormente, os 10 profissionais disponíveis eram de três grupos diferentes: os servidores públicos ligados à Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude de Marília, os jornalistas da ComTexto Comunicação Integrada, vencedora da licitação para realizar o serviço de reportagem durante o evento, e a equipe de audiovisual da Fischer Produções, com fotógrafos e cinegrafistas que complementam o trabalho noticioso. Cada um deles precisava seguir uma rotina e possuíam horários diferenciados para realizarem suas tarefas.

Apenas dois servidores atuavam como repórteres: William Lima e José Carlos Firme. William, que também tinha como função auxiliar Daniela Bueno na coordenação de comunicação dos Jogos Abertos do Interior, assumiu a produção apenas das matérias relacionadas aos parceiros da Prefeitura de Marília na realização da competição, como as universidades e faculdades da região que realizaram diversos trabalhos científicos ao longo da disputa. Dessa forma, sua rotina produtiva foi bem mais tranquila em relação a dos demais profissionais. Basicamente ele fazia uma ronda entre estas instituições para levantar as novidades, principalmente nos primeiros dias, e fazia o texto a partir desta apuração, combinando um horário posterior para os fotógrafos realizarem as fotografias.

José Carlos Firme, por sua vez, se comprometeu a realizar notícias a partir da presença de grandes atletas e ex-atletas nos Jogos Abertos de 2019 e, por conta disso, tinha uma rotina mais atribulada. Todos os dias, o servidor aproveitava o período da manhã para telefonar nas principais delegações em busca de informações e curiosidades sobre os seus representantes mais relevantes. Ele conseguia a lista com o Comitê Dirigente. O objetivo dos telefonemas era manter contato com os atletas, dirigentes ou, dependendo do caso, de seus assessores de comunicação. A partir daí, buscava estabelecer um relacionamento mais próximo com os possíveis personagens de suas matérias. Foi assim que conseguiu conversar com Edinanci Silva, veterana judoca brasileira campeã pan-americana e medalhista do Mundial que representou Santo André na disputa, e com Danielle Zangrando, ex-atleta de Judô também campeã pan-americana e medalhista em Mundial e que era dirigente da delegação de Santos.

Ao conseguir avançar com a matéria, ele tinha duas opções: ou ia até o alojamento para conversar com o atleta se não tivesse competição agendada para o dia, ou ia até o local da prova em que o personagem ia participar para conversar antes ou depois da disputa. Nesse último caso, além da entrevista, aproveitava o encontro para realizar pequenas gravações para postagem nos perfis do evento nas mídias sociais digitais. O restante do dia era dedicado para escrever suas matérias na secretaria ou, se fosse o caso, cobrir pautas que apareciam e não tinham algum profissional dedicado.

A equipe audiovisual possuía uma dinâmica diferente. Ainda que dois computadores estivessem à disposição dos fotógrafos para edição das imagens técnicas produzidas, apenas Christian Cabrini, que era servidor público da prefeitura, ia até lá para utilizá-los, normalmente na hora do almoço para passar as imagens da manhã, e no início da noite, com as provas realizadas no período vespertino. Os demais profissionais (Ida Fischer, Tassy Gonzales e Matheus Dahsan) preferiam utilizar seus próprios equipamentos tanto para a captação do material quanto para o processo de edição antes do envio ao Comitê Organizador. Essa medida

dava a eles maior autonomia para a realização de seu trabalho, uma vez que precisavam passar por diferentes locais de competições para realizar todas as imagens do dia.

Basicamente, grande parte do dia era dedicado à cobertura das pautas programados às 7h e, no fim do dia, todos realizavam o processo de edição e tratamento das fotografias. O horário, contudo, dependia da escala diária e da quantidade de modalidades. Tassya Gonzales normalmente cumpria a maioria das tarefas até às 14h, aproveitando o restante do dia para realizar esse processo de edição em seu trabalho. Mateus e Christian costumavam se alternar, principalmente à tarde, e entregavam seus trabalhos à noite, entre 19h e 20h. A entrega era feita diretamente na plataforma de hospedagem do site por meio de um *login* criado especialmente para este fim a todos os profissionais de comunicação.

Em muitos casos, para economizar tempo, os fotógrafos realizavam uma pré-edição ainda no local de competição, excluindo imagens que julgavam não estarem adequadas à cobertura. Tassya aproveitou muito bem esse tempo durante a prova de Ciclismo de Estrada. Como a disputa se estendeu por toda a manhã e ela ficou posicionada apenas em um ponto do percurso (a linha de chegada), pegava situações em que não tinha competidores para fotografar, deletava fotografias ruins e marcava outras mais interessantes.

Como a tarefa de Ida Fischer consistia produzir dois minidocumentários e não possuía influência no trabalho jornalístico, sua rotina produtiva era independente. Ela simplesmente fazia uma ronda entre os locais de competições e, respeitando a determinação passada pelo Comitê Organizador de valorizar atletas de Marília e um número grande de modalidades, realizava a coleta de imagens e de sonoras para compor a produção audiovisual. Para facilitar esse deslocamento, utilizava sua própria câmera e carro, circulando livremente. Ela era a única da equipe que não precisava entregar materiais diários para aprovação da Daniela Bueno.

A equipe proveniente da ComTexto Comunicação Integrada era a que tinha maior quantidade de trabalho jornalístico nos Jogos Abertos do Interior de 2019. Jaqueline e Fernanda foram designadas para realizarem a produção noticiosa *nos* locais de competição. Logo, elas se deslocavam com frequência aos espaços que o Comitê Organizador julgava mais interessante em cima da pauta passada pela manhã. Era comum as duas frequentarem até três disputas esportivas diferentes em um mesmo dia, como observado em 20 de novembro, quando elas acompanharam natação, vôlei e futsal.

As duas trabalhavam juntas. Como havia apenas um carro disponível, para não perder tempo no deslocamento, elas resolveram cobrir as mesmas pautas, mas dividir as tarefas. Enquanto uma conversava com membros das equipes participantes, outra checava informações com arbitragem e o Comitê Dirigente. Quando precisavam fazer materiais para os perfis nas

mídias sociais digitais, uma fazia as perguntas aos personagens e outra cuidava da gravação dos vídeos. Isso possibilitava o desenvolvimento de conteúdos mais completos em relação aos outros membros da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior.

Para dar conta dessa demanda, Jaqueline e Fernanda desenvolveram métodos para agilizar o processo de apuração e obtenção de informações sobre o evento. A primeira coisa que ambas faziam ao chegarem a um local de disputa era conversar com os árbitros e membros do Comitê Dirigente. Com essa tática, conseguiam levantar os assuntos mais importantes do dia naquela modalidade e ainda pegavam o contato deles para checarem os resultados após a disputa - já que normalmente não poderiam ficar até o fim para cumprirem outra demanda. Dessa forma, era comum trocarem mensagens por WhatsApp com esses profissionais para pegarem os resultados. No dia 20 à tarde, no encerramento do primeiro dia da Natação, elas nem precisaram retornar às piscinas porque as árbitras compartilharam o documento por meio do aplicativo, poupando o tempo delas enquanto desenvolviam outras pautas.

Com as informações preliminares em mãos (e sabendo que conseguiriam o resultado à tarde), elas conversavam rapidamente e definiam o assunto a ser abordado na notícia (o *gancho* no jargão jornalístico). As recomendações passadas pelo Comitê Organizador eram seguidas, evidentemente, mas o foco final do texto costumava variar de acordo com o que foi apurado no local. No dia 19, por exemplo, o destaque escolhido para a cobertura do vôlei foi a participação das equipes de Marília entre os homens e as mulheres. Já na Natação, em que os atletas marilienses não possuem expectativa de bom desempenho, o foco foi escrever sobre a presença de atletas da seleção brasileira presentes no evento.

“Toda a produção informativa se reduz a dois processos: o de seleção e o de hierarquização. Trata-se de selecionar a informação e de determinar a importância de cada uma das informações, estabelecendo assim, sua hierarquização”, explica o professor e pesquisador espanhol Miquel Rodrigo Alsina (2009, p. 185).

Esse debate era feito rapidamente para poder dar tempo de realizar as entrevistas. A conversa com os personagens acontecia antes ou até mesmo durante a disputa. No caso do vôlei, em que os atletas precisam se concentrar durante todo o tempo da partida, as entrevistas foram realizadas *antes* do início da partida. Já na natação, em que há várias provas no dia e um maior tempo de intervalo entre elas, era comum as duas conversarem com os personagens enquanto as disputas aconteciam na piscina. A primeira conversa sempre era com o técnico ou com membros da delegação, permitindo uma aceitação maior da equipe com o trabalho jornalístico e garantindo informações mais claras sobre a participação e os objetivos da equipe. Depois disso, conversavam com atletas considerados de destaque e renome por estas pessoas.

Não havia uma área específica para o trabalho jornalístico em nenhum local de competição nos Jogos Abertos do Interior de 2019. As disputas costumavam ser isoladas com fitas de segurança, o que dava uma ligeira proteção ao quadro de arbitragem, mas as duas profissionais poderiam circular livremente neste espaço e onde ficavam as delegações. Se por um lado isso impedia um ambiente mais tranquilo para o processo de apuração, por outro realizou uma aproximação maior entre jornalista e fonte, garantindo uma melhor coleta de informações.

Após as entrevistas, as jornalistas ficavam um tempo a mais nos locais de competição acompanhando as modalidades que interessavam no dia. Esse período, contudo, era marcado pela oportunidade que possuíam de rascunhar e elencar os pontos principais dos textos que iriam desenvolver no dia. Em 19 de novembro, durante as partidas de vôlei no ginásio do Yara Clube, as duas revisavam as anotações e trocavam ideias para construir a matéria. Uma delas ficava com a notícia central do dia, normalmente mais elaborada, enquanto a outra não só contribuía com assuntos secundários na construção do relato como também realizava outras notícias para complementar a cobertura do dia.

Esse padrão de coleta e apuração da notícia seguia em todos os locais esportivos que Fernanda e Jaqueline visitavam no dia. Quando não havia evento noturno, retornavam ao hotel por volta das 18h30 e começavam a redação dos materiais, entregando-os diretamente na plataforma de hospedagem do site entre 21h e 22h - a partir daí, Daniela Bueno realizava a publicação no site e disparava o *mailing* aos jornalistas cadastrados. Quando tinham eventos noturnos, buscavam realizar algumas matérias no início da tarde e o restante no fim de noite, entre 22h e 23h. Importante ressaltar que, apesar do horário avançado, a cobertura jornalística dos Jogos Abertos do Interior não tinha prazos e horários predefinidos. Assim que os textos estavam prontos, poderiam ser colocados na plataforma para publicação e distribuição.

Nos últimos dias dos Jogos Abertos do Interior, quando o número de disputas esportivas era bem menor do que na primeira semana, Fernanda e Jaqueline conseguiam ter mais espaço na agenda. Isso dava a elas uma liberdade maior para desenvolverem suas matérias. No dia 20, as provas de natação terminaram às 11h30 e seriam retomadas somente às 15h. Com mais de três horas disponíveis, voltaram ao hotel onde estavam hospedadas para almoçarem e começarem a escrever. Uma medida adequada, uma vez que neste dia elas foram escaladas repentinamente para o jogo de futsal à noite, o que comprometeria a entrega dos textos.

Vitor Tavares, também da ComTexto Comunicação Integrada, possuía uma rotina diferenciada. Responsável pelas mídias sociais digitais, ele basicamente não saía do hotel para aproveitar a melhor conexão *wireless* e conseguir fazer todas as postagens a partir dos materiais

disponibilizados por todos os profissionais. Era função de quem ia aos locais realizar a apuração e produção destes conteúdos. Afinal, hoje esse profissional “precisa desenvolver competências e se dedicar a todas as linguagens midiáticas, além de conhecimentos suficientes no ambiente digital, pois ele, muitas vezes, após o processo jornalístico de investigação e produção, deverá editar, publicar e distribuir”, segundo os professores da ESPM Enio Moraes Júnior e Maria Elisabete Antonioli (2016, p. 49). Ele também realizava algumas matérias que poderiam ser desenvolvidas pelo telefone e auxiliava no processo de apuração e levantamento de informações.

Assim como os fotógrafos, as repórteres da ComTexto Comunicação Integrada também utilizavam seus próprios equipamentos. Primeiro, um carro próprio para se deslocar mais rapidamente entre os diferentes ginásios (a tática se mostrou acertada no dia 18 de manhã, quando a equipe de comunicação e a de coordenação estavam apenas com um veículo disponível para levar todos os profissionais). Elas também usavam seus *notebooks*, mas deixavam guardados no hotel em vez de carregarem em mochilas e bolsas. Nos locais de competição, as únicas ferramentas eram os blocos de anotações para escrever e os *smartphones*, utilizados para gravarem entrevistas e depoimentos em áudio e texto.

Com rotinas produtivas de acordo com o perfil de cada profissional, a produção de notícias dos Jogos Abertos do Interior de 2019 foi dependente da atuação dos jornalistas integrantes da equipe. Cada um deles possuía autonomia para desenvolver técnicas e métodos que auxiliavam na captação das informações e na redação dos relatos, mas pouco interferiam na abordagem dos acontecimentos. A definição dos assuntos mais importantes era tarefa do Comitê Organizador que, como vimos, também controlava o fluxo de trabalho por meio do ambiente digital com o aplicativo WhatsApp. As matérias produzidas e publicadas refletiam, portanto, estas particularidades entre a dinâmica do dia a dia, os temas elencados e a capacidade dos jornalistas de produzi-los diariamente.

4.5 Análise das notícias

O trabalho da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior de 2019 resultou na produção e publicação de 43 notícias no site oficial do evento ao longo dos 12 dias - uma média diária de sete matérias a cada dois dias. Com exceção de 12 de novembro, quando não havia nenhuma atividade relacionada ao evento (nem administrativa e nem esportiva), todos os dias registraram divulgação de relatos. As datas mais produtivas foram 14 de novembro (um dia

após a Cerimônia de Abertura) e 22 de novembro (encerramento da competição), com seis publicações em cada.

Quadro 1 - Notícias publicadas no site oficial dos Jogos Abertos do Interior de 2019

Data de publicação	Título da matéria
11/11/2019	Cerimônia de abertura da 83ª edição dos Jogos Abertos do Interior acontece nesta quarta-feira à noite
13/11/2019	Programação esportiva do 83º Jogos Abertos de Marília têm início hoje
13/11/2019	Bocha: emoção e partidas acirradas já no primeiro dia de competição
13/11/2019	Cerimônia de Abertura dos Jogos Abertos do Interior lota centro esportivo mariliense na quarta-feira
13/11/2019	Atletismo ACD/AMEI/SELJ fatura 32 medalhas no primeiro dia da modalidade nos Jogos Abertos do Interior
14/11/2019	Capoeira: arte afro-brasileira também está presente nos Jogos Abertos do Interior
14/11/2019	Em convênio inédito com a SELJ, alunos da Famema compõem equipe de primeiros socorros
14/11/2019	Parceria com Fisioterapia da UNESP e da FAIP garante atendimento aos atletas
14/11/2019	Seleções de Marília esquentam as areias do vôlei de praia
14/11/2019	Equipes masculina e feminina de futebol de Marília avançam nos Jogos Abertos
14/11/2019	Atletismo de Marília garante a primeira medalha de prata nos Jogos Abertos
15/11/2019	Inclusivo: Jogos Abertos de Marília têm contação de histórias com tradução em libras
15/11/2019	Nutrição da Unimar participa dos Jogos Abertos do Interior
15/11/2019	Basquete feminino: partida entre Marília e Araras tem momento solidário
16/11/2019	Ex-árbitra FIFA dá o tom do apito nos campos dos Jogos Abertos de Marília
16/11/2019	São José dos Campos é a grande campeã da ginástica rítmica dos Jogos Abertos de 2019

16/11/2019	Handebol feminino: Marília perde jogo contra Atibaia, mas se classifica para a segunda fase
16/11/2019	Artur Zanetti e Danielle Hypólito são as grandes atrações da ginástica artística dos Jogos Abertos de Marília
16/11/2019	Biribol de Marília está nas semifinais dos Jogos Abertos
17/11/2019	Medicina da Unimar realiza levantamento de lesões nos Jogos Abertos de Marília
17/11/2019	Olímpicos são destaque nos Jogos Abertos do Interior
17/11/2019	Tênis de mesa de Marília perde na estreia dos Jogos Abertos
17/11/2019	Jogos Abertos: Marília é bronze no tênis de campo feminino
18/11/2019	Emoção e euforia: alunos do Colégio Cristo Rei vibram aos assistirem disputas dos Jogos Abertos de Marília
18/11/2019	Jogos Abertos do Interior movimentam a economia de Marília
18/11/2019	Ex-técnico da seleção brasileira de basquete feminino, Barbosa destaca a importância dos Jogos Abertos
19/11/2019	Natação ACD de Marília dá show em sua estreia nos Jogos Abertos
19/11/2019	Equipes masculina e feminina de vôlei de Marília avançam para as quartas de finais nos Jogos Abertos
20/11/2019	São José dos Campos é maior delegação dos Jogos Abertos de Marília
20/11/2019	Jogos Abertos: Araçatuba é ouro nas damas
20/11/2019	Estrelas da natação brasileira brilham nas piscinas dos Jogos Abertos
20/11/2019	Futsal feminino de Marília está na semifinal nos Jogos Abertos
21/11/2019	Boxe: neto de Servílio de Oliveira vence mais uma nos Jogos Abertos de Marília
21/11/2019	Continuando a série “Olimpíada Caipira” – Danielle Zangrando
21/11/2019	Marília faz dobradinha nas semifinais do vôlei nos Jogos Abertos
21/11/2019	Jogos Abertos do Interior vira tema de dissertação de Mestrado na USP
21/11/2019	Modalidade extra, Skate também está presente nos Jogos Abertos
22/11/2019	Marília disputa medalhas de bronze no vôlei masculino e feminino

22/11/2019	Atletas de São Bernardo conquistam medalhas nos Jogos Abertos em Marília
22/11/2019	Fato inédito nos Jogos Abertos, São José dos Campos e Santos iniciam Dia 'D' empatados
22/11/2019	Com vitória no vôlei masculino, São José dos Campos é a tricampeã dos Jogos Abertos
22/11/2019	Jogos Abertos chega ao fim com grande festa de encerramento em Marília
22/11/2019	83º Jogos Abertos do Interior em Marília movimentam a cidade e região

Fonte: Site Oficial dos Jogos Abertos do Interior de 2019

A equipe de jornalistas da ComTexto Comunicação Integrada iniciou seu trabalho no dia 13 e encerrou no dia 22 de novembro. Esse grupo foi responsável por 27 publicações (muito acima do limite estipulado em contrato, de um texto por dia). Os profissionais da Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude de Marília (SELJ) produziram os outros 16 textos divulgados no site oficial dos Jogos Abertos do Interior.

Percebe-se também uma preocupação com a qualidade jornalística dos conteúdos. Das 43 notícias, 26 delas (60,5%) possuem duas ou três fontes explícitas na redação. Em outras 11 publicações (25,6%) havia a citação de um personagem entrevistado. Só em seis notas (13,9%) não houve qualquer menção a fontes e entrevistas.

Do universo de 27 matérias desenvolvidas pela agência ComTexto, 12 delas (44,4%) possuíam duas fontes, 8 possuíam apenas um entrevistado (29,6%), 6 notícias tinham três personagens (22,2%) e apenas uma (3,8%) não tinha citação de fontes. Já nas notícias produzidas pelos servidores da SELJ, sete delas tinham duas entrevistas (43,7%), cinco não possuíam fontes (31,3%), outras três tinham apenas uma citação (18,8%) e apenas uma incluiu três personagens diferentes (6,2%). Curiosamente, das 11 matérias produzidas por eles com fontes, em dez delas um dos entrevistados era o secretário da pasta, Eduardo Nascimento.

Por fim, analisando as matérias produzidas dentro das categorias listadas no primeiro capítulo desta dissertação, observamos que seis dos sete tópicos foram utilizados pelos profissionais na elaboração de seus textos.

Quadro 2 - Notícias publicadas no site oficial dos Jogos Abertos do Interior de 2019 de acordo com as categorias listadas no processo de produção da notícia esportiva

Título da matéria	Categorias
Cerimônia de abertura da 83ª edição dos Jogos Abertos do Interior acontece nesta quarta-feira à noite	Modalidade
Programação esportiva do 83º Jogos Abertos de Marília têm início hoje	Modalidade
Bocha: emoção e partidas acirradas já no primeiro dia de competição	Modalidade, Olimpiano
Cerimônia de Abertura dos Jogos Abertos do Interior lota centro esportivo mariliense na quarta-feira	Modalidade
Atletismo ACD/AMEI/SELJ fatura 32 medalhas no primeiro dia da modalidade nos Jogos Abertos do Interior	Resultado
Capoeira: arte afro-brasileira também está presente nos Jogos Abertos do Interior	Modalidade
Em convênio inédito com a SELJ, alunos da Famema compõem equipe de primeiros socorros	Ciência
Parceria com Fisioterapia da UNESP e da FAIP garante atendimento aos atletas	Ciência
Seleções de Marília esquentam as areias do vôlei de praia	Modalidade, Resultado
Equipes masculina e feminina de futebol de Marília avançam nos Jogos Abertos	Modalidade, Resultado
Atletismo de Marília garante a primeira medalha de prata nos Jogos Abertos	Resultado
Inclusivo: Jogos Abertos de Marília têm contação de histórias com tradução em libras	Valores Olímpicos
Nutrição da Unimar participa dos Jogos Abertos do Interior	Ciência
Basquete feminino: partida entre Marília e Araras tem momento solidário	Valores Olímpicos
Ex-árbitra FIFA dá o tom do apito nos campos dos Jogos Abertos de Marília	Olimpianos
São José dos Campos é a grande campeã da ginástica rítmica dos Jogos Abertos de 2019	Resultado, Modalidade
Handebol feminino: Marília perde jogo contra Atibaia, mas se	Resultado

classifica para a segunda fase	
Artur Zanetti e Danielle Hypólito são as grandes atrações da ginástica artística dos Jogos Abertos de Marília	Olimpianos, Modalidade
Biribol de Marília está nas semifinais dos Jogos Abertos	Modalidade, Resultado
Medicina da Unimar realiza levantamento de lesões nos Jogos Abertos de Marília	Ciência
Olímpicos são destaque nos Jogos Abertos do Interior	Olimpianos
Tênis de mesa de Marília perde na estreia dos Jogos Abertos	Modalidade, Resultado, Olimpianos
Jogos Abertos: Marília é bronze no tênis de campo feminino	Resultado
Emoção e euforia: alunos do Colégio Cristo Rei vibram aos assistirem disputas dos Jogos Abertos de Marília	Valores Olímpicos
Jogos Abertos do Interior movimentam a economia de Marília	Gestão
Ex-técnico da seleção brasileira de basquete feminino, Barbosa destaca a importância dos Jogos Abertos	Olimpianos, Resultado
Natação ACD de Marília dá show em sua estreia nos Jogos Abertos	Modalidade, Resultado
Equipes masculina e feminina de vôlei de Marília avançam para as quartas de finais nos Jogos Abertos	Resultado
São José dos Campos é maior delegação dos Jogos Abertos de Marília	Gestão
Jogos Abertos: Araçatuba é ouro nas damas	Resultado, Modalidade
Estrelas da natação brasileira brilham nas piscinas dos Jogos Abertos	Resultado, Olimpianos
Futsal feminino de Marília está na semifinal nos Jogos Abertos	Resultado
Boxe: neto de Servílio de Oliveira vence mais uma nos Jogos Abertos de Marília	Olimpianos, Resultado
Continuando a série “Olimpíada Caipira” – Danielle Zangrando	Olimpianos
Marília faz dobradinha nas semifinais do vôlei nos Jogos Abertos	Resultado
Jogos Abertos do Interior vira tema de dissertação de Mestrado na USP	Ciência

Modalidade extra, Skate também está presente nos Jogos Abertos	Modalidade
Marília disputa medalhas de bronze no vôlei masculino e feminino	Resultado
Atletas de São Bernardo conquistam medalhas nos Jogos Abertos em Marília	Olimpianos, Resultado
Fato inédito nos Jogos Abertos, São José dos Campos e Santos iniciam Dia 'D' empatados	Resultado
Com vitória no vôlei masculino, São José dos Campos é a tricampeã dos Jogos Abertos	Resultado
Jogos Abertos chega ao fim com grande festa de encerramento em Marília	Modalidade
83º Jogos Abertos do Interior em Marília movimentam a cidade e região	Gestão

Fonte: Site Oficial dos Jogos Abertos do Interior de 2019

A categoria mais utilizada pela equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior na construção da notícia esportiva foi *Resultado*, aparecendo em 21 publicações (48,8%). Depois, o foco em *Modalidade* esteve presente em 15 matérias (34,9%) e a valorização de personagens, os *Olimpianos*, em 10 produções (23,6%). Esse desempenho não surpreende, uma vez que as três recomendações do Comitê Organizador aos profissionais eram justamente focar nos resultados obtidos no evento, na descrição do maior número de modalidades possível e nos atletas de destaque no cenário nacional e internacional. Outras três categorias aparecem com menos frequência. O tópico *Ciência*, com métodos científicos relacionados à competição, está em cinco notícias (11,6%). Já a descrição dos *Valores Olímpicos* e da *Gestão e Marketing* aparecem em três relatos cada (7%).

A categoria *Imagem Técnica*, também listada como importante elemento para a construção da notícia esportiva, é a única que não foi utilizada no desenvolvimento das notícias nos Jogos Abertos do Interior. Contudo, isso não significa que ela não tenha sido levada em consideração na estratégia de comunicação. Todas as 43 publicações no site oficial contam com imagens de ilustração das modalidades e personagens citados. Além disso, há um espaço específico no site para a publicação das fotografias, na aba Menu, com 1.156 fotos de todas as modalidades, das Cerimônias de Abertura e de Encerramento e do Congresso Técnico.

A utilização das categorias pelos profissionais respeitou a dinâmica de trabalho idealizada pela equipe durante a competição. A SELJ possuía um servidor específico para a produção de materiais com parceiros e outro que rondava as delegações para encontrar atletas

de renome. Dessa forma, a instituição foi responsável por quatro das cinco notícias em *Ciência* e quatro das dez com foco em *Olimpianos*. A divisão também é equilibrada em *Gestão* e *Valores Olímpicos*: em cada categoria os jornalistas da ComTexto desenvolveram dois textos contra um dos membros do Comitê Organizador.

A agência externa, responsável pelo giro nos locais de competição, ficou com a maior parte das notícias relacionadas às práticas esportivas e o desempenho em cada uma delas. Das 21 matérias com foco em *Resultado*, 16 foram feitas pela empresa. Já das 15 que possuíam foco na história das *Modalidades*, 12 foram de responsabilidade dos profissionais externos.

Mesmo com uma produção noticiosa imprecisa, com reuniões presenciais substituídas pelo controle das plataformas digitais, pautas focadas em poucas determinações e profissionais desenvolvendo sozinhos suas rotinas produtivas, observa-se que a equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior recorreu aos elementos principais de construção da notícia esportiva para desenvolver seu conteúdo. São categorias inerentes à cobertura de um acontecimento relacionado ao esporte, incorporadas por jornalistas e demais profissionais que precisam retratar todas as particularidades inerentes a esta área de atuação.

5 A PRÁXIS JORNALÍSTICA NOS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR

A visita técnica aos Jogos Abertos do Interior, realizado na cidade de Marília (SP) de 18 a 20 de novembro de 2019, possibilitou a observação sobre o trabalho jornalístico desenvolvido pela equipe de comunicação do Comitê Organizador. A produção das notícias ao longo da competição apresentou as peculiaridades apresentadas no capítulo teórico desta dissertação, como as principais categorias que pautam a cobertura esportiva e o fluxo diferenciado entre os jornalistas.

Sendo assim, realizou-se uma análise semelhante entre os profissionais que realizaram uma cobertura *externa* dos Jogos Abertos. Ou seja, os repórteres que não possuem relação com o Comitê Organizador e se deslocam ao evento para produzirem notícias em diferentes meios de comunicação. Com isso, possuem uma certa liberdade editorial em suas pautas e a responsabilidade com a divulgação verídica dos fatos, como salienta o jornalista e teórico Luiz Beltrão (1992).

Importante para a consolidação dos Jogos Abertos do Interior no cenário paulista e brasileiro, a cobertura jornalística dedicada ao evento passou por profundas transformações técnicas, econômicas e sociais. O avanço das telecomunicações, sobretudo com a Internet a partir da década de 1990, impactou a forma como os veículos jornalísticos se envolviam com o evento esportivo. A maior facilidade de comunicação em longa distância com as fontes também implica no esvaziamento dos jornalistas em grandes eventos, uma vez que podem realizar a apuração das próprias redações.

São mudanças que impactaram na própria percepção dos jornalistas sobre os Jogos Abertos do Interior. A diversidade de opções na cobertura esportiva cresceu, com as principais ligas de diferentes modalidades à disposição na televisão e internet (MARQUES, 2020, informação verbal). Assim, se até os anos 1990 era comum encontrar repórteres de diferentes meios de comunicação no evento, como o jornal A Gazeta Esportiva e a emissora ESPN Brasil, observa-se uma queda nesta prática, com o próprio governo estadual confirmando que não realiza mais credenciamento para jornalistas, de acordo com informação passada pelo Comitê Dirigente durante a visita técnica realizada em 2019.

Diante disso, encontrar repórteres que tenham realizado a cobertura *in loco* da competição revelou-se uma tarefa difícil ao longo da pesquisa. A proposta inicial era acompanhar os jornalistas presentes na edição de 2019, em Marília, mas diante da ausência de profissionais durante a visita técnica, o foco da investigação na época foi alterado para a equipe de comunicação. Depois, o objetivo era acompanhar aqueles que iriam trabalhar na edição de

2020, em Sorocaba, mas o avanço da pandemia de covid-19 cancelou a disputa. Assim, a alternativa encontrada foi encontrar jornalistas que tenham participado da cobertura em edições recentes dos Jogos Abertos do Interior.

Para selecionar possíveis entrevistados para esta dissertação, foi adotado três critérios. O primeiro deles – e mais importante – é a participação da cobertura *in loco* de alguma edição recente dos Jogos Abertos do Interior. Foi escolhido como recorte temporal a última década, que englobaria as disputas entre 2011 e 2020 (esta última não chegou a ser realizada devido à pandemia de covid-19). Essa definição se faz necessária para diferenciar justamente a cobertura realizada por jornalistas que já tinham à disposição diferentes recursos tecnológicos em sua estrutura de trabalho.

Além disso, para garantir a multiplicidade de vozes, outros dois critérios foram levados em consideração na seleção das fontes. Primeiro: era necessário respeitar a quantidade de regiões dentro do estado de São Paulo. Cada uma delas possui diferenciações em relação às demais e, com esse contraponto de visões, é possível determinar a influência que a realidade local pode ter na práxis jornalística. Além disso, a diversidade também deveria abranger os próprios meios de comunicação. A notícia é o produto básico para qualquer jornalista, mas a forma como ela é estruturada depende das singularidades de cada formato. Assim, com a presença de diferentes perfis entrevistados, é possível identificar essas características.

5.1 Os profissionais entrevistados

A amostra convergiu, assim, para a realização de sete entrevistas em 2021 após pesquisa de jornalistas e definição de critérios de seleção. A lista inicial continha dez nomes, mas dois deles desistiram de participar de última hora e um não atendeu às diretrizes estabelecidas pela pesquisa. A busca pelos entrevistados foi possível pela vivência prévia do pesquisador como repórter esportivo em sua rede de contatos. A organização descentralizada, uma vez que as decisões sobre a comunicação ficavam concentradas nas cidades-sede, e a ausência de credenciamento fizeram com que essa busca demandasse mais tempo do que o esperado.

Devido à pandemia de covid-19 e a recomendação de distanciamento social como forma de prevenção, as entrevistas foram realizadas remotamente com o apoio de ferramentas tecnológicas, como a plataforma Google Meet de videoconferência. Os sete entrevistados estão listados abaixo de acordo com a presença nos Jogos Abertos do Interior (da edição mais antiga à mais recente):

Bruno Belomi: jornalista esportivo que trabalha em Ribeirão Preto, na região nordeste do estado de São Paulo. Ele começou a carreira como repórter policial em 2008, mas dois anos depois o desejo de trabalhar com esportes o fez migrar para a Rádio 79. Em 2011, foi contratado pelo jornal A Cidade, onde cobriu os Jogos Abertos do Interior de 2011 e 2013, ambos em Mogi das Cruzes. Após uma saída rápida para atuar com assessoria de comunicação em 2013, retornou ao jornal e ficou por lá até 2017. Passou também pela redação do Globo Esporte, em Ribeirão Preto, e atualmente trabalha como assessor freelancer para equipes de handebol e judô.

Alexandre Azank: jornalista que trabalha em Bauru, na região central do estado. Também formado pela UNESP, ele começou a carreira na Rádio 710 AM, no município. Depois de formado, entrou para a TV TEM, afiliada da Rede Globo na região e trabalha na empresa até a conclusão desta dissertação. Passou por diversas áreas na emissora, mas desde 2016 é o chefe da editoria de esportes e também acumula a função de apresentador. Esteve presente nas coberturas dos Jogos Abertos do Interior de 2014, em Bauru, e de 2019, em Marília.

Rodrigo Pessoa: jornalista que trabalha em Barretos, na parte norte de São Paulo. Formado em jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), em 2012, teve uma experiência de estágio na TV Unesp, mas depois de formado entrou para o jornal O Diário, de Barretos, e trabalha na empresa até a entrega desta dissertação. Começou na editoria de esportes, onde cobriu os Jogos Abertos do Interior de 2015, realizados na cidade, mas também faz reportagens sobre negócios, cultura e saúde, além de contribuir com produções audiovisuais para as plataformas de rádio e internet da empresa.

Anderson Fattori: jornalista esportivo que atua em Santo André, na região metropolitana da capital paulista. Ele é formado pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, em 2004, e acumula passagens em diversos meios de comunicação na região. Trabalhou em portais de notícias locais no ABC e por dois anos atuou como assessor de imprensa do Esporte Clube Santo André. Também trabalhou com revistas e comunicação interna em empresas até entrar no jornal Diário do Grande ABC em 2009, onde trabalha até hoje. Pelo veículo, realizou a cobertura dos Jogos Abertos do Interior de 2017, realizados na região.

Marcelo Schaffauser: jornalista que trabalha em meios de comunicação em São José do Rio Preto, na região noroeste do estado. Ele possui mais de dez anos de experiência no jornalismo na região. Passou pelos principais jornais, como a Rede Bom Dia, o De Hoje, onde realizou as

coberturas dos Jogos Abertos do Interior de 2016, em São Bernardo do Campo, e 2017, no Grande ABC, e também no Diário da Região, onde realizou as coberturas dos Jogos Abertos do Interior de 2019, em Marília. Em 2017, também realizou uma contribuição com a Rádio CBN de Rio Preto.

Valda Rocha: jornalista que trabalha em São Carlos, na região centro-leste do estado de São Paulo. É uma das entrevistadas mais experientes da lista: foi assessora de imprensa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e coordenou uma agência de divulgação científica no *campus* da USP na cidade. Além disso, trabalhou com escolas públicas e chegou a dar aulas no UNIMEP, em Piracicaba. Trabalhou como editora na EPTV, afiliada da Rede Globo na região, e também na TV Record. Atualmente, possui uma empresa especializada em assessoria de imprensa e atuou como *freelancer* para o site GloboEsporte.com durante os Jogos Abertos do Interior de 2018, realizados no município.

Jorge Luiz Micheli: jornalista esportivo que trabalha em Marília, na região centro-oeste de São Paulo. Ele é formado pela Unimar e possui mais de dez anos de experiência nos meios de comunicação na cidade. Começou a carreira na Folha de Marília e também trabalhou nas principais emissoras de rádio, como Dirceu de Marília e Itaipu, quase sempre com foco no Marília Atlético Clube, a equipe de futebol da cidade. Em 2008, ingressou no Jornal da Manhã, onde trabalha até hoje, e também colabora com a TV Canal Quatro, emissora regional. Cobriu *in loco* os Jogos Abertos de 2019.

5.2 Análise e exposição dos dados

O principal objetivo desta análise é apresentar o fluxo de trabalho dos jornalistas nos Jogos Abertos do Interior e realçar elementos que se assemelham à fundamentação teórica exposta no capítulo inicial da dissertação. Não se trata, portanto, de uma investigação de causas e consequências sobre a atuação do jornalismo durante a competição esportiva, mas simplesmente expor as práticas utilizadas a partir da própria descrição dos entrevistados.

A realização de entrevistas semiestruturadas (BERNAL, 2010), a partir de um roteiro prévio de perguntas, revelou-se a técnica mais recomendada para levantar os dados necessários a partir da conversa remota realizada com os personagens selecionados. Essa medida permitiu a eles descreverem e de forma minuciosa suas rotinas de trabalho ao mesmo tempo em que

proporcionava a oportunidade de lembrar outros fatos que poderiam contribuir com a compreensão do contexto e/ou fenômeno.

Nesse sentido, a utilização do **método fenomenológico** para realização das entrevistas e análise dos dados também contribuiu com a melhor percepção sobre o objeto. Para os professores Monica Martinez e Paulo Celso Silva, (2014, p. 6), da Universidade de Sorocaba (Uniso) “o que se busca, portanto, é uma descrição direta, intuitiva, da experiência baseada na observação, ainda assim sabendo que ela permite várias interpretações”.

Fabiola Possamai (2002), professora da Universidade Regional de Joinville, em Santa Catarina, também argumenta que, neste método, a própria vivência do pesquisador (com suas subjetividades e consciência) influencia na forma como os dados são levantados. Os valores e visões de mundo fazem parte deste processo de construção do conhecimento a partir da pesquisa empírica. Nesta pesquisa, o próprio autor realizou a cobertura *in loco* dos Jogos Abertos do Interior no período – experiência levada em conta na definição dos critérios e nas entrevistas.

Para realizar este trabalho, foi utilizado como base a tese de doutorado do pesquisador Enio Moraes Júnior, defendida em 2011. Na ocasião, ele detalha como a inferência e a enunciação auxiliam na interpretação dos dados a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas. Foi realizada uma entrevista com o autor em janeiro de 2021 por meio de videoconferência para detalhamento das melhores técnicas e, principalmente, dos critérios a serem utilizados como base em um trabalho deste tipo.

Dessa forma, a exposição dos dados foi tabulada em duas colunas. Na esquerda estarão os principais trechos das entrevistas realizadas. Na direita, a descrição analítica e as inferências de acordo com a fundamentação teórica abordada anteriormente na dissertação sobre a produção da notícia esportiva e as categorizações utilizadas pelos jornalistas.

A organização e a separação dos trechos seguem a mesma lógica utilizada na criação de projetos radiofônicos veiculados no Programa Universidade 93,7, da Rádio USP. Seis das sete entrevistas gravadas foram divulgadas entre junho e julho de 2021 – a exceção foi a conversa com Anderson Fattori por problemas na captação do áudio. Além de contribuir com a divulgação científica, este recurso auxiliou na pré-análise de todo o material coletado.

5.3 Enunciados e inferências

As tabelas seguem a mesma ordem utilizada para exposição dos entrevistados, ou seja, a partir de quem realizou a cobertura mais antiga até a mais recente. Elas representam as contribuições de cada entrevistado sobre o fluxo de trabalho realizado nas edições dos Jogos

Abertos do Interior em participaram. A transcrição completa está disponível nos anexos da dissertação. Para facilitar a compreensão, os trechos não foram editados e apresentam os recursos estilísticos próprios da comunicação oral.

Quadro 3 – Bruno Belomi

Enunciado	Descrição analítica e inferência
<p>Trecho 1 “O jornal A Cidade sempre teve uma cobertura muito ampla, de todos os esportes. Ele não era focado apenas no futebol. Então assim, eu fazia tanto matéria de futebol, né, era setorista do Botafogo na época, mas eu fazia tanto matéria da parte política e esportiva, (...) eu era sempre pautado para fazer. Então assim, o jornal A Cidade sempre foi muito focado em cobrir todos os esportes possíveis, todos os esportes que tinham resultados interessantes para a cidade. Eu fiz muita matéria de atletismo, muita matéria de handebol, de basquete praticamente amador aqui da cidade (...) A gente fazia matéria no dia a dia. Como fazia esse trabalho anualmente, durante o ano todo, a gente também se empenhava para participar dos Jogos Abertos. Era do próprio jornal, da própria diretoria do jornal, era focado nisso”.</p> <p>Trecho 2 “Pediam para o repórter: pega a programação, vê certinho os dias que a cidade tem mais disputa, assim né, até para fazer mais conteúdo de foto também, de diversas modalidades, e a gente separava alguns dias durante uma semana, sei lá, dois, três, quatro dias, e ficava cobrindo esse evento in loco principalmente nos dias onde a cidade tinha mais disputas envolvidas e de diversas modalidades”.</p> <p>Trecho 3 “É organização, eu sempre fui muito organizado nesse sentido. Então eu pegava a programação, eu sempre mantinha o contato... aqui em Ribeirão Preto eles sempre mandavam um diretor que era responsável por toda a programação dos eventos da cidade, das disputas da cidade, aí eu tinha contato</p>	<p>Inferência 1 Aqui o repórter explica porque os Jogos Abertos do Interior eram eventos importantes na cobertura jornalística do jornal em que trabalhava. Ele ressalta a cultura poliesportiva que possuía, uma vez que não era pautado apenas para acompanhar o futebol masculino. Dessa forma, já fica evidente alguns assuntos tratados como prioritários por ele, como a parte política (que pode se enquadrar na categoria de gestão) e as modalidades focadas nos resultados mais expressivos para a cidade.</p> <p>Inferência 2 Percebe-se mais uma vez como a categoria <i>modalidades</i> exerce influência neste caso. A cobertura era definida de acordo com o número de disputas que Ribeirão Preto iria participar para otimizar a produção de notícias e de imagens técnicas, outra categoria importante nessa definição.</p> <p>Inferência 3 Bruno comenta um pouco do seu fluxo de trabalho durante os Jogos Abertos do Interior. O repórter demonstra certa liberdade para montar sua própria programação, mas também reforça a dependência que possuía de certas</p>

com ele diretamente, da secretaria de esportes daqui, e eu sempre falava com ele, da programação do outro dia, e também tinha contato com praticamente todos os técnicos de todas as modalidades. (...) O que eu fazia? Eu entrava em contato, pegava a programação oficial no site, eu fazia essa soma de conteúdo e me organizava no dia para cobrir a maior parte possível. (...) Eu pegava os horários, eu pegava os locais, colocava num mapa para ver a distância de um local a outro, a distância de deslocamento, e fazia toda essa programação por mim mesmo”.

Trecho 4

“Quando eu estava in loco, eu falava diretamente com o atleta exatamente porque ele era o, quando não era modalidade coletiva, mas individual, era ele o foco do evento. O principal era realmente com os técnicos porque era aquele contato anual, durante toda a semana, mas eu falava com os atletas também, principalmente quando estava no evento.

Trecho 5

“Dava prioridade para finais, onde se conquistava medalhas. A gente não tinha uma, como posso dizer, não tinha uma modalidade principal. Independente da modalidade, se tivesse alguém que iria disputar medalha, alguma final, alguma coisa desse tipo, a gente dava prioridade para isso. E era realmente o foco do jornal. O próprio jornal também pedia isso”.

Trecho 6

“Quando eu ia cobrir in loco, era só eu de repórter e um fotógrafo. A pauta estava na minha mão. Eu falava com a diretoria todo dia, falava com o editor quando chegava para a edição ou no dia anterior e falava ‘amanhã a programação é essa, assim, assim, assada, tem isso’ e aí eu sugeria, ‘olha, eu acho que vale a pena focar nisso daqui, nessa pauta, nessa disputa, e aí era passado para esse editor e esse editor passava para a diretoria na reunião de pauta de todos os dias. (...) Era uma decisão coletiva, tem que dar foco maior nisso ou maior naquilo, mas geralmente a informação

fontes, como os treinadores (normalmente responsáveis pela modalidade inteira em cidades do interior) e servidores públicos que atuavam como gestores da delegação.

Inferência 4

Aqui fica evidente a importância da categoria *atletas* no trabalho jornalístico. Na cobertura in loco, o atleta sempre era o foco da entrevista. Contudo, o repórter deixa claro que, enquanto fonte de informação, preferia conversar com os treinadores.

Inferência 5

Se a categoria *modalidades* definia a escala de trabalho, os “Resultados” determinavam a pauta daquilo que seria produzido pelo repórter. Finais e chances de bons resultados recebiam maior atenção do profissional.

Inferência 6

Nesse trecho fica claro que a escolha das pautas baseadas nos resultados seguia a experiência prévia do repórter, acostumado desde o início com o *modus operandi* do jornalismo esportivo de valorizar os grandes campeões e feitos esportivos da sociedade. Ainda que fosse uma decisão coletiva, essa bagagem cultural era respeitada na definição dos temas.

que eu passava para eles, a programação que eu passava, a informação do que ia ser disputado, geralmente era respeitado”.

Trecho 7

“O foco era realmente a disputa. O maior foco, o principal foco, era conquistas (...) era o ponto mais alto da pauta. (...) Se surgisse uma história de persona (...) Essa história, se a gente soubesse, a gente guardava para um especial. (...) A gente sempre ficava atento às histórias que surgiam. Pegava essa história, fazia entrevista, mas guardava para fazer uma matéria especial de domingo, alguma coisa deste tipo”.

Trecho 8

“Eu levava o computador, trabalhava diretamente com o notebook. Ainda tinha complicação com acesso à internet na época. (...) Meu trabalho era mais ou menos assim: eu pegava os eventos que tinham de manhã, o fechamento do jornal era dez da noite (...), e depois das seis horas da tarde já não tinha mais jogo (...). Eu trabalhava de manhã, o que tinha de principal, fazia as entrevistas, e ia para horário de almoço e já deixava escrito. (...). Durante a tarde, se tivesse evento maior ou se Ribeirão conquistasse algo maior, eu voltava a escrever sobre aquilo e (...) separava as matérias pela importância do factual. (...) Antes das dez eu mandava tudo por e-mail (...) as fotos também eram por e-mail específico que tinha especialmente para os Jogos. (...) E eu sempre em contato direto com o editor”.

Trecho 9

“Não tive contato com ninguém da assessoria dos Jogos Abertos. Não tive mesmo! Não cheguei nem a conhecer quem era o responsável por lá. Confesso que não conheci. O único material que usava de assessoria era no site. Abria o site, pegava a programação, alguma coisa mais importante que via de Ribeirão, mas eu usava muito pouco porque estava com o fotógrafo, então ele fazia as fotos que a gente precisava e o texto era meu, as entrevistas eram minhas, as aspas eram minhas”.

Inferência 7

Para não deixar dúvidas, Bruno reforça que os *resultados* constituíam no principal assunto de sua cobertura nos Jogos Abertos do Interior. Temas como “valores olímpicos”, que sempre rendem histórias inspiradoras, ficavam em segundo plano na atenção do jornal.

Inferência 8

O repórter detalha sua estrutura de trabalho, ou melhor, o fluxo de produção durante a cobertura in loco. O expediente girava em torno da especificidade do meio de comunicação. Como os jornais possuíam horário de fechamento à noite, o repórter escrevia suas matérias ao longo do dia e praticamente logo após o acontecimento com equipamento próprio.

Inferência 9

Sobre o trabalho da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior, Bruno admite que não teve contato com os profissionais justamente por estar lá fazendo suas próprias pautas. Entretanto, aproveitou o site oficial para se manter informado sobre o evento.

Quadro 4 – Alexandre Azank

Enunciado	Descrição analítica e inferência
<p>Trecho 1 “Em 2014, eu tinha acabado de chegar em Bauru. (...) Naquela época a gente tinha um programa de esportes, separado do TEM Notícias, (...) e na época dos Jogos Abertos aquele programa ganhou uma roupagem dos Jogos Abertos. Oitenta, noventa por cento da programação era voltado para os Jogos Abertos, com vinheta, diversos repórteres mandando reportagens, então era uma cobertura muito grande. Isso com o tempo foi diminuindo. (...) Em 2019, quando eu já estava como editor de chefe de esportes, a gente teve que fazer uma cobertura bem mais enxuta, diferenciada, já dentro do telejornal, não tinha mais o programa separado”.</p> <p>Trecho 2 “Na verdade, como todo grande evento, tem que planejar a cobertura de forma antecipada. Então junto ao Comitê Organizador você precisa ter acesso a todas as tabelas, como vai funcionar as arenas. O trabalho com os Jogos Abertos começa muito antes da competição começar. Envolve entrar em contato com os comitês das cidades-sede, com o comitê estadual, para você saber onde vão ser essas arenas, como essas obras estão sendo feitas para chegar e receber os atletas, os alojamentos, então o trabalho começava a ser feito uns dois meses antes do evento começar”.</p> <p>Trecho 3 “Na medida em que a competição está prestes a começar, nosso trabalho é conseguir levantar todos os horários de jogos, onde as praças esportivas vão receber esses jogos, e consegue fazer um cronograma de cobertura para que a gente não fique fazendo que nossas equipes fiquem se deslocando demais de um polo esportivo para outro – isso é desgastante para a equipe e acaba perdendo muito material. Então, a gente fazia o cronograma onde já dava o direcionamento de horário e localização onde nossas equipes estariam para</p>	<p>Inferência 1 Presente em duas coberturas dos Jogos Abertos, o repórter detalha as diferenças na abordagem entre a primeira edição (2014) e a segunda (2019). Antes havia um programa próprio de esportes, o que permitia um trabalho mais completo do que na edição mais recente, com tempo mais apertado e disputado para reportagens.</p> <p>Inferência 2 Diferentemente dos demais, a necessidade de escalar toda uma equipe de televisão fez com que o profissional se dedicasse ao planejamento dos Jogos Abertos muito tempo antes. O trecho também salienta a importância do Comitê Organizador, da equipe de comunicação e até dos dirigentes locais como parceira nessa estratégia da emissora.</p> <p>Inferência 3 Alexandre Azank aborda a estrutura (ou fluxo) de trabalho durante os Jogos Abertos do Interior. A produção para a televisão segue a mesma lógica dos jornalistas analisados. Ou seja, a necessidade de se inteirar sobre a lista de jogos e localização das arenas por meio dos boletins oficiais e dos contatos com os responsáveis pela organização do evento.</p>

cobrir os melhores atletas, aqueles mais renomados, as finais, então tudo isso é feito com antecedência. No caso de Marília a gente tentou, até por questão logística, mas não tinha condição de estar todos os dias acompanhando os Abertos. Tentava ir um dia sim, dia não, porque tinha limitação de equipe na cidade de Marília”.

Trecho 4

“Já em 2014 tinha uma diferença enorme. Além de ter mais jornalistas, mais equipes presentes para estarem acompanhando diariamente os Jogos, as outras afiliadas enviaram jornalistas para cá. Era muito comum nos Jogos Abertos. Pessoal da EPTV mandava gente de Piracicaba, de Campinas, o pessoal de Sorocaba mandava repórter. Então tinha várias modalidades sendo cobertas não só pela nossa equipe da TV TEM, mas por outras afiliadas de todo o estado. Isso ia municiando a gente com aquele programete. (...) Então existiam reuniões diárias para se traçar, fazer essa reunião de pauta para (...) cada praça fazer uma matéria e no final você ter um jornal praticamente fechado só de Jogos Abertos”.

Trecho 5

“Existem pautas que já estão direcionadas. Então você sai com a pauta, ‘ah, o Arthur Zanetti vai se apresentar hoje na ginástica artística e vai competir em Bauru’, então você já sai com a pauta. (...) Você já tem os horários que ele vai se apresentar e fica lá acompanhando essa grande estrela se apresentando. (...) Foram vários atletas durante os Jogos Abertos que a gente fez a cobertura e foi mais ou menos assim, direcionado dessa forma. Existem outras pautas que são direcionadas de maneiras diferentes. Por exemplo: hoje a gente vai falar sobre malha. Então você coloca para o repórter que vai fazer a cobertura as informações básicas sobre uma competição de malha. (...) Só que esse repórter ele vai chegar naquela arena, campo de malha, e vai ter que se virar, encontrar os personagens ali. (...) Ele vai ter que criar ali em campo a visão dele, o que ele encontrou naquele local para a

Inferência 4

Se na edição de Marília, em 2019, a emissora não conseguiu ir todos os dias cobrir o evento, em 2014 contou com a colaboração das demais afiliadas. O trabalho jornalístico foi diferenciado e conseguiu produzir diferentes reportagens para o programa de esportes que era inteiramente dedicado aos Jogos Abertos.

Inferência 5

O trecho mostra que os repórteres possuíam pouca autonomia na definição das pautas. Eles tinham liberdade maior apenas nas matérias de curiosidades, aquelas que não fazem parte do dia a dia do público. Já as reportagens mais rotineiras e/ou consideradas mais importantes recebiam um cuidado maior e um direcionamento prévio dos produtores com todas as informações necessárias.

reportagem. Existem essas diferenças. A cobertura esportiva tem esses dois diferenciais, aquela cobertura que a gente faz já direcionada e aquela que a gente espera acontecer para poder contar”.

Trecho 6

“Normalmente os produtos e editores-chefes sentam para poder elaborar como vai ser a exibição do jornal, né. Então todo jornal, diariamente, existe uma reunião de pauta por volta das oito, nove da manhã. (...) No caso dos Jogos Abertos, existia uma produção um pouco antecipada para não ficar aguardando no dia do evento saber o que vamos fazer. Você precisa se antecipar a isso. Já era feito esse cronograma como falei. (...) Você já ia fazendo, ao longo de 15 dias, o mapeamento de onde nossas equipes deveriam estar. E com isso os editores-chefes dos jornais já conseguiam ter uma ideia do que seria exibido naquele determinado dia. A partir do momento em que as pautas são aprovadas (...), você elaborava o direcionamento das pautas e a partir desse momento as pautas iam sendo finalizadas pelos produtores para justamente no dia que chegasse o evento o repórter destinado à cobertura tivesse o máximo de informações possível”.

Trecho 7

“Acaba pesando muito os esportes de grande expressão. Os Jogos Abertos, não adianta, tem alguns esportes que são meio irrelevantes assim de fazer a cobertura. Então você tem que buscar aqueles esportes onde realmente existem estrelas olímpicas, existem estrelas ou times fortes da nossa região, tem que pensar tudo isso. (...) Você tem coberturas maiores no atletismo, na natação, no tênis de mesa, por exemplo, quando o Hugo Hoyama vinha, e você dava projeção, coisa que de repente ao longo do ano você não consegue dar uma projeção”.

Trecho 8

“É uma característica que tem a ver com a cobertura de todo grande evento. Se verificar Jogos Olímpico, vai ser assim de forma macro. Sempre vai direcionar para aqueles

Inferência 6

A escolha da pauta, aliás, é outro diferencial entre a realidade de Alexandre Azank e os demais repórteres entrevistados. Neste caso, havia uma reunião própria com esse objetivo para elencar não só os principais temas a serem abordados, como também as formas como elas deverão ser conduzidas até chegar tudo nas mãos dos repórteres designados para a cobertura.

Inferência 7

Aqui, o jornalista expõe de forma clara quais são os assuntos mais importantes na cobertura dos Jogos Abertos para a televisão. Os *olimpianos*, representados pelos grandes campeões, estão no topo das prioridades, além dos *resultados*, principalmente com equipes e atletas da região onde o meio de comunicação atua.

Inferência 8

Mas aqui ele também mostra que há espaço para as *modalidades*, principalmente aquelas que normalmente não têm espaço na

<p>esportes que trazem mais audiência, esportes que trazem alguma curiosidade. (...) Os Jogos Abertos trazem essa possibilidade por conta da curiosidade de uma modalidade. Você abre alguns espaços para modalidades que tenham alguma curiosidade, mas você sempre tem que estar atento para aquelas modalidades onde existem grandes estrelas (...) Se tiver algum atleta olímpico disputando os Jogos Abertos, você é obrigado a saber”.</p> <p>Trecho 9 “Sempre foi muito tranquilo. (...) Existe uma via de duas mãos, as assessorias de atletas e municípios já procuram a gente (...) já vão abrindo as portas. E os comitês e assessorias dos Jogos Abertos ajudam a gente demais. O site dos Jogos Abertos tem muita informação e ajudava a direcionar pautas, buscar dados. (...) Essas informações nunca foram problemas para nós”.</p>	<p>cobertura rotineira e ganham destaque pelas curiosidades que costumam despertar. Nesse sentido, outras categorias ganham projeção, como <i>valores olímpicos</i> e, claro, a valorização de <i>imagens técnicas</i> com o apoio de recursos audiovisuais.</p> <p>Inferência 9 Alexandre Azank volta a destacar a relação de parceria com a equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior. É o único profissional que realçou esse trabalho, principalmente com a atualização do site e a publicação de notícias adicionais.</p>
---	--

Fonte: Levantamento do autor

Quadro 5 – Rodrigo Pessoa

Enunciado	Descrição analítica e inferência
<p>Trecho 1 “A gente trabalha hoje com o impresso, nosso portal de notícias e rádio. Na época da cobertura dos Jogos Abertos eram esses três pilares. Agora recentemente a gente introduziu o vídeo, mas na época não teve nada de vídeo relacionado à cobertura dos Jogos Abertos. O carro-chefe até então era o jornal impresso, o material do impresso a gente adaptava e dava vazão ao portal e também ao rádio. No rádio não houve nenhuma cobertura ao vivo, nem nada, na verdade o material que a gente produzia para o impresso direcionava para outras plataformas”.</p> <p>Trecho 2 “O jornal Diário é um jornal local, no máximo regional da nossa microrregião, e tinha uma equipe bem pequena. Na verdade, o profissional que cobria esporte era somente eu. A gente é o repórter, é o editor, enfim, e é sempre eu e um repórter fotográfico”.</p>	<p>Inferência 1 O repórter explica a preparação do meio de comunicação para a cobertura de um grande evento esportivo na cidade. Mesmo com recursos multimídia, como rádio e portal de notícias na internet, a empresa optou por manter a cobertura tradicional com foco principal no jornal impresso.</p> <p>Inferência 2 Aqui ele expôs uma realidade bem comum ao jornalismo no interior: as equipes reduzidas, que impedem a realização de um trabalho maior e de fôlego em grandes eventos esportivos.</p>

Trecho 3

“Eu lembro bem que quando eu me pautava, eu sempre pegava no dia anterior a relação dos eventos esportivos do dia seguinte. Lembro que não tinha uma programação além do dia seguinte bem definida. Então eu lembro que na primeira semana era a primeira divisão e na segunda semana a segunda divisão. (...) Uma fonte bastante comum nesse período foi (...) a secretaria de esportes de Barretos. (...) A partir daí, eu meio que direcionava por conta própria, auxiliado às vezes com os profissionais da secretaria de esportes local”.

Trecho 4

“Eu lembro de pegar a relação das atividades e, por conta própria, eu e o repórter fotográfico cobríamos alguma modalidade diferente das habituais. Aqui em Barretos é muito forte o futebol (...) e também o basquete de categoria de base. Ia por conta própria para os ginásios e lembro de fazer cobertura de ginástica, achei bem legal, cobertura de luta olímpica e boxe também lembro de ir na primeira semana. Como não tinha Barretos, o foco era trazer uma modalidade diferente para a gente. Então foi assim durante essas duas semanas. A primeira focada nas equipes de fora e segunda focada nos competidores da cidade. Durante o ano inteiro a gente tenta ter uma cobertura local bem forte, então durante a segunda semana foi praticamente estruturar as matérias com base em participantes, técnicos e profissionais de Barretos”.

Trecho 5

“Como o horário de fechamento do jornal eu considero cedo, a gente tinha que entregar tudo entre sete, sete e meia da noite, tinha um compromisso de atualizar em tempo real as notícias. Então eu tentava trazer histórias porque o factual mesmo a gente não conseguia trazer. Eu tentava me programar tanto no dia anterior com as tabelas, vendo as fontes no dia anterior para fazer de manhã, ou fazer as ligações de manhã para preparar a tarde. Nunca de noite por conta desse horário. Eu consegui seguir o horário mais ou menos que já tinha. Sempre nesse sentido: quando

Inferência 3

O repórter mostra sua relação com as fontes para pegar as informações necessárias para o trabalho. A separação das divisões durante a edição dos Jogos Abertos em Barretos fez ele contar, basicamente, com o apoio da secretaria de esportes da cidade para conseguir contatos e informações de modalidades. É uma tática que converge com o trabalho de Bruno Belomi.

Inferência 4

O trecho destaca qual foi o tema principal na cobertura jornalística da primeira semana: as modalidades esportivas. O repórter aproveitou a realização de um grande evento na cidade para conhecer e abordar atividades que normalmente não acontecem no dia a dia. Já na segunda semana, com atletas da cidade, ele utiliza sua experiência na cobertura rotineira para conseguir as informações com os profissionais e atletas das equipes locais *in loco*.

Inferência 5

A característica do jornal onde Rodrigo trabalhava impactou na sua estrutura de trabalho. Sem cobrir eventos noturnos e grande parte dos resultados, buscava trazer histórias que fugiam do acontecimento factual, ainda mais durante a primeira divisão, com modalidades diferentes como ele já evidenciou. Dessa forma, faz sentido em buscar algo diferente do que o público está acostumado a acompanhar.

<p>era de manhã, me preparava no dia anterior; quando o evento era tarde, eu fazia esse agendamento de manhã”.</p> <p>Trecho 6 “Nesse sentido, o editor-chefe do jornal sempre me deu bastante liberdade para poder trabalhar. Digamos aí que a obrigação era entregar algum material feito in loco a cada dia e eu tinha total autonomia. (...) “Como eu tive carta branca para poder trabalhar, eu quis fazer um desafio a mim próprio de poder acompanhar essas modalidades. Nos Jogos Regionais eu já tinha me proposto a isso. (...) Eu me desafiei a trazer modalidades diferentes porque não é da realidade daqui”.</p> <p>Trecho 7 “Eventualmente sim, lembro de ir nos eventos tanto de manhã quanto à tarde. À noite lembro de só ir na Abertura. Eu sempre voltava para o jornal. Aqui, como é cidade pequena, em 15 minutos você vai de qualquer lugar a qualquer outro ponto. Dava para voltar tranquilo”.</p> <p>Trecho 8 “Era uma página por dia e eu lembro de fazer uma ou duas matérias in loco por dia. O restante da página eu tentava preencher com o material que a assessoria mandava de algum evento que talvez eu não conseguia cobrir ou com algum dado do boletim oficial. (...) Não tinha muito contato com eles, mas aproveitava os materiais. Não lembro de pedir alguma matéria e eles me ajudarem”.</p>	<p>Inferência 6 O repórter deixa claro que as decisões de pauta eram tomadas por ele mesmo, ainda que passasse o material para o editor-chefe posteriormente. Assim, a opção de cobrir modalidades diferentes está relacionada a sua experiência enquanto jornalista e sua vontade de trazer algo novo para o público.</p> <p>Inferência 7 O fato de estar cobrindo o evento em sua própria cidade fez o jornalista dedicar mais dias à cobertura e manter sua rotina de produzir as notícias no próprio jornal onde trabalhava.</p> <p>Inferência 8 Aqui ele explica a quantidade de notícias que produzia diariamente durante os Jogos Abertos e, diferentemente de Bruno Belomi, afirma que utilizava os materiais da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior como apoio em sua produção.</p>
---	--

Fonte: Levantamento do autor

Quadro 6 – Anderson Fattori

Enunciado	Descrição analítica e inferência
<p>Trecho 1 “O Diário do Grande ABC é um jornal regionalizado, envolve sete cidades, o ABC inteiro. Então, nosso foco era nos atletas das nossas regiões. A nossa pauta nos Abertos era tentar agendar alguns jogos e fazer alguns especiais, cobrir os atletas de prestígio e outros que poderiam despontar. Isso tinha uma lapidação antes dos Jogos para saber esses nomes. É o grande momento dos atletas,</p>	<p>Inferência 1 O repórter explica um pouco a dinâmica adotada pelo jornal na cobertura dos Jogos Abertos do Interior. Diferentemente de outros exemplos retratados aqui, o Diário do Grande ABC garantiu uma estrutura completa e vários jornalistas para realizar a melhor cobertura do evento. Isso permitiu</p>

então muito comum participar antes do evento. Para dar conta, a gente tinha uma divisão na arena para cobrir o factual do dia a dia e o especial no fim de semana, além de focar em esportes e resultados com histórias de personagens. Era uma parte bem definida antes”.

Trecho 2

“A escala dependia do calendário de jogos. Ficava à mercê do calendário. Às vezes eu ia trabalhar de manhã, às vezes à tarde. O jornal fechava meia-noite, então dava tempo de cobrir tudo. O que pegava mais era o boletim. Demorava para sair, aí a pontuação e agenda ficavam no dia seguinte. Essa foi a grande dificuldade, mas não tinha dia e horário para produzir as matérias”.

Trecho 3

“Eu era repórter na época e tinha um editor imediato. Mas como eu sempre gostei de esporte olímpico, então eu tinha um feeling e eu conhecia mais. Também já participava da vida dos atletas no dia a dia. Então eu sugeria e tinha liberdade. Eu que acabava contribuindo na pauta. Sempre cobria mais de um e até sugeria para os outros”.

Trecho 4

“O grande barato é contar histórias, né. O factual ficava em segundo plano. Cobria até internamente na redação. Quando ia na arena, estava em busca de boas histórias. E os Jogos Abertos do Interior sempre davam isso. São pessoas abrigadas nas escolas, principalmente cidades menores... Tinha essa pauta, mas na arena sempre descobria outras histórias. Na região acaba sendo relevante isso e eu conseguia trazer para o jornal”.

Trecho 5

“Como eu fazia matéria especial, tinha pelo menos duas páginas por dia dos Jogos e buscava fazer personagens. Isso porque eu tinha retaguarda na redação que fazia o factual, né. Eu ia no local do jogo, eu cobria as partidas, conversava com os personagens e sempre acompanhado do fotógrafo para fazer

uma preparação mais adequada para o jornalista e um plano de trabalho já consolidado.

Inferência 2

A escala dos jornalistas no jornal era definida pelo andamento da competição. Percebe-se uma valorização maior dos resultados e das modalidades na produção de notícias do jornal.

Inferência 3

Ainda que tivesse um editor imediato para coordenar o fluxo de trabalho (algo raro neste levantamento), Anderson pontua que também teve a liberdade para propor e seguir suas pautas durante a cobertura dos Jogos Abertos

Inferência 4

Anderson explica os assuntos mais importantes em seu trabalho nos Jogos Abertos do Interior. Sem se preocupar com o factual, o repórter pôde dedicar sua cobertura às histórias dos atletas e aos exemplos de superação, que são retratados como valores olímpicos.

Inferência 5

Anderson também tinha um fluxo de trabalho maior do que os demais jornalistas entrevistados. Eram duas páginas diárias, o que exigia dele um deslocamento maior entre as arenas para coletar as histórias.

<p>os registros. Era muito valioso para a história”.</p> <p>Trecho 6 “No caso dos Jogos, o trabalho de comunicação da organização melhorou muito e é fundamental. No início eu lembro que era mais complicado. Nos Regionais eu chegava a ir nos locais para pegar folhas impressas. Nos últimos anos eles melhoraram, informatizaram tudo. Ajuda demais. E aqui eles também colaboravam com pautas. (...) Avisavam, agendavam entrevistas, autorizava os alojamentos. São características específicas e próprias do trabalho”.</p>	<p>Inferência 6 Anderson explica a relação que possuía com a equipe de comunicação dos Jogos. Também teve uma postura diferenciada dos demais jornalistas, utilizando esse recurso para levantar pautas e agendar entrevistas. Foi uma postura colaborativa, com troca de ideias e informações entre as duas partes.</p>
---	--

Fonte: Levantamento do autor

Quadro 7 – Marcelo Schaffauser

Enunciado	Descrição analítica e inferência
<p>Trecho 1 “Fazia algum tempo que não ia repórter cobrir os Jogos Regionais. Perguntei se tinha essa disponibilidade para ir e acabaram me liberando. Lá nos Regionais em 2016, em Araçatuba, abriu a oportunidade para ir aos Jogos Abertos. Foi a partir dos Regionais que entrei para fazer os Abertos. Deu muito certo a cobertura em Araçatuba e fui para os primeiros Jogos em 2016, que foi em São Bernardo do Campo”.</p> <p>Trecho 2 “Nos dois primeiros anos eu fui pelo De Hoje, fiz matérias, foi bacana. Nos outros anos eu fui por conta e, conseqüentemente, acabava ajudando a redação que eu estava na época, o Diário. Além do Diário e do De Hoje, em 2017 eu fazia participação para a rádio CBN, entrava ao vivo para comentar os Jogos, foi bem legal. As fotos que fazia também acaba ajudando a prefeitura de Rio Preto, o pessoal da secretaria de esportes. Como eles não tinham quem mandar e fazer, acaba cedendo material para eles para ajuda-los também”</p> <p>Trecho 3 “Como eu sou de Rio Preto, eu sempre conversei com a delegação de Rio Preto se</p>	<p>Inferência 1 Aqui o repórter explica o motivo que fez o jornal em que trabalhava na época liberar sua cobertura in loco dos Jogos Abertos. Percebe-se a importância da experiência prévia do jornalista em realizar uma cobertura similar e conhecer a realidade da competição.</p> <p>Inferência 2 Marcelo fala sobre o trabalho que fazia para garantir sua ida aos Jogos Abertos. Além do jornal, ele costumava auxiliar a equipe de comunicação da prefeitura da cidade com fotos e também participava de outros veículos, como emissora de rádio. Atuava, assim, em importantes meios de comunicação da cidade.</p> <p>Inferência 3 Para conseguir ir em edições mais distantes e economizar custos,</p>

havia espaço para ficar no alojamento (...) Eles sempre me abriram as portas e me facilitou muito ficar alojado junto com eles”

Trecho 4

“O fato de estar no alojamento ajudava muito. Você sentia o clima ali de como estava uma modalidade e até expectativa de resultado mesmo, sabe? Você está próximo, você sente se o cara está ali para ganhar ou se está só para participar. Eu pegava e escolhia a modalidade, no máximo três ou quatro por dia, que é o que dava para acompanhar. Então meu dia começava bem cedo ali. (...) Meu primeiro jogo normalmente era 7h30, 8h, que era algum jogo de vôlei ou de basquete. Depois, acabava aquele jogo, eu me deslocava de volta para o alojamento e ia com outra equipe que ia para outra modalidade. (...) No meio da tarde tinha outra modalidade (...) E a noite sempre tinha algum joguinho, alguma outra coisa. (...) Procurava pegar o máximo possível, mas sempre de acordo com o cronograma definido pelos Jogos. Sempre no final do dia eles liberam um boletim que vem a programação do dia seguinte. Então sabe quem vai jogar e aonde, e eu me pautava por isso”.

Trecho 5

“Para eu pegar matérias diferentes, personagens diferentes, enfim, coisas fora do padrão de só cobrir o jogo, me facilitava muito o fato de estar ali no alojamento. Estando lá, eu conseguia trocar ideia com os atletas. Então combinava com eles, via o melhor horário para não atrapalhar (...) e eles sempre foram muito receptivos. (...) Mas ficar no alojamento te dá essa facilidade e você percebe que tem horas que eles ficam com tempo ocioso. Às vezes ele vai competir à noite e passa o dia todo no alojamento. Isso te facilita e para ele é um modo de aliviar a tensão. Ele fala, a gente conversa, dá para balancear bem”.

Trecho 6

“A minha liberdade sempre foi total. Como eu era o editor e o repórter de esportes, o meu editor-chefe confiou muito no meu trabalho.

Marcelo dividia o alojamento nas escolas com os atletas.

Inferência 4

A estadia no alojamento também facilitava o fluxo de trabalho do repórter nos Jogos Abertos. Com essa proximidade, ele conseguia acompanhar um número maior de modalidades ao se deslocar com as equipes. A ideia era valorizar atletas e modalidades de Rio Preto que estivessem mais em evidência na programação.

Inferência 5

Marcelo reforça que os atletas eram os principais assuntos de sua cobertura nos Jogos Abertos. Ele aproveitava a proximidade no alojamento para descobrir mais histórias dos personagens.

Inferência 6

O repórter confirma que possuía liberdade para planejar e realizar suas próprias pautas. Para isso,

(...) Tinha total liberdade para escolher, o que obviamente facilita muito. O fato de ficar dentro do alojamento te mostra qual caminho seguir para buscar as melhores histórias e ir atrás dos jogos mais importantes. Você sente o que está acontecendo ali. (...) Eu tinha total liberdade para fazer as matérias que eu bem entendesse e achava que seriam importantes”.

Trecho 7

“Eu acabei fazendo matérias com eles depois dos Jogos. Durante os Jogos eu focava especificamente na cobertura de Rio Preto. (...) No caso dos Jogos eu focava em Rio Preto e o que cercava ali ao redor do Rio Preto. Com os outros atletas que você vai vendo nos Jogos Abertos, e os Jogos Abertos te dá essa liberdade, então eu me apresentava, fazia contato, pegava contato, depois dos Jogos fazia entrevistas. Entrevistei Arthur Zanneti, entrevistei Hugo Hoyama (...) tudo pós-Jogos, não durante os Jogos. (...) Durante os Jogos não dá tempo, até gostaria, mas é humanamente impossível. Não tinha essa capacidade de fazer e ampliar essa cobertura para outros atletas que são de suma importância”.

Trecho 8

“Eu tinha por dia duas páginas cheias ali de esporte, então eu mandava todo material e o pessoal na redação editava. O meu tempo era o tempo vago entre uma modalidade e outra, uma competição e outra. Então por que eu pegava logo de manhã? (...) Então eu fazia cálculo. (...) Nesse intervalo era o tempo de se deslocar para o alojamento, escrever e enviar minha matéria para o jornal. Era assim todo dia. Tinha dia que não funcionava e aí tinha que ser à noite. (...) Muitas vezes eu chegava e pensava ‘vou escrever’, mas aí tinha outra equipe saindo e precisava ir junto para não perder a viagem porque não teria como fazer a cobertura. Ou fazia entre os intervalos ou no final da noite quando acabava tudo mesmo. (...) O que sempre saía era o resumo e as matérias às vezes dava para fazer as duas páginas, mas às vezes era uma, uma e meia, e o restante ia para o site do jornal”.

aproveitava a proximidade que usufruía no alojamento.

Inferência 7

Os atletas de renome faziam parte de sua cobertura, especialmente com as matérias especiais durante os Jogos. A cobertura do dia a dia ficava restrita à delegação de Rio Preto, valorizando os *olimpianos*, modalidades e resultados.

Inferência 8

Por ser o único repórter do jornal no evento, Marcelo cobria um grande número de eventos e detalha sua rotina para conseguir escrever e atender as demandas da redação.

<p>Trecho 9 “Foi muito bacana, muito legal, divertido. Conheço, tenho grande amizade com os meninos daqui. (...) Enfim, eles me ligaram durante os Jogos, normalmente pouco antes da hora do almoço, meio-dia mais ou menos, que é quando acontecia o programa de esportes na CBN em Rio Preto. Sempre entrava ao vivo, ou fazendo resumo do dia, ou entrevistando alguém. (...) Durava uns dez minutos, cinco a dez, foi bem interessante. (...) Acaba sendo um grande bate-papo. Então ou era um resumo do que estava acontecendo no dia, as expectativas do esporte rio-pretense, ou trazia alguém que já tinha competido ou iria competir, era muito variado”.</p> <p>Trecho 10 “A equipe de comunicação dos Jogos é basicamente a equipe de comunicação do estado. O que eles mandavam necessariamente não ajuda tanto o repórter que está cobrindo lá. Por quê? Eles fazem um resumo geral da competição. Falavam de outras cidades que não teria interesse aqui em Rio Preto. (...) Quem faz a comunicação dos Jogos, tem que esperar todos os eventos do dia terminar. (...) Então para nós era meio que perdido. (...) Não adiantava para nós esse resumo deles.</p>	<p>Inferência 9 Marcelo foi o único jornalista entrevistado que realizou algum projeto com emissora de rádio nos Jogos Abertos do Interior. Era uma espécie de complemento ao seu trabalho, não havia um planejamento especial para isso.</p> <p>Inferência 10 Da equipe de comunicação dos Jogos, Marcelo aproveitava basicamente a programação e os boletins para organizar seu fluxo de trabalho no dia.</p>
---	---

Fonte: Levantamento do autor

Quadro 8 – Valda Rocha

Enunciado	Descrição analítica e inferência
<p>Trecho 1 “O processo, quando veio o convite para fazer a cobertura, minha primeira ação foi ligar para algumas cidades que trariam equipes grandes, isso eu consegui com a Prefeitura de São Carlos, e acionar os chefes de equipes de cada uma das cidades que eu poderia achar pautas interessantes. Conversei com cada uma delas, eu procurei mais de uma dezena de chefes de equipes para me inteirar de quais modalidades são comuns, o que trariam, quantos atletas trariam, e coisas assim. Outras coisas eu consegui em campo mesmo, quando</p>	<p>Inferência 1 A repórter detalha um pouco de sua preparação para a cobertura dos Jogos Abertos do Interior. Ela buscou fontes primárias (chefes de delegações) para se inteirar das principais novidades sobre o evento. A tática é comum a todos os profissionais entrevistados para esta dissertação e representa uma forma de ganhar tempo no levantamento de temas.</p>

encontrava algum atleta, eu perguntava, ou perguntava para os chefes das equipes, as equipes que iam chegando nos alojamentos, e achei personagens dessa forma”.

Trecho 2

“O GE me deu autonomia. Assim, eles me mandaram um esquema de trabalho para mim, o que eles queriam diariamente, e me deixaram sugerir pautas, é óbvio que todo texto, toda sugestão era submetida a eles, mas me deixaram livre para encontrar essas histórias interessantes”.

Trecho 3

“O esquema estruturado foi esse: eu não iria no factual, só iria no factual para colocar atualizações no Twitter. Aí também essa rede de contatos que eu fiz antes do início dos Jogos me ajudava muito. Porque eles me mandavam... eu acionava, ‘e aí, está competindo hoje, o que você tem, tem algum destaque para me passar ou como vocês se saíram no futebol feminino’(...) e eles me municavam e eu atualizava o Twitter. Em relação às reportagens, como não poderia fazer factual porque deixaria muita gente de fora (...), eu ia atrás de personagens. É óbvio que no dia de competição que veio o Hoyama no tênis de mesa, o Hoyama ia ser o personagem, né, ou o Diego Hypólito. (...) Não era algo ‘a competição foi essa, essa, essa’... eu ia atrás da história das pessoas, porque a história é que me foi pedido”.

Trecho 4

“Dependia da programação. Eu chegava nas competições de natação e era o dia todo, por exemplo. Aí eu estruturava o dia e via se, por exemplo, nos paratletas, que rende pautas interessantes, e deixava para cobrir nesse momento. Mas isso não significa que eu não estava acompanhando as outras competições. Mas o horário era muito variado. Às vezes tinha competição de manhã que me interessava ir, às vezes era só para o Twitter mesmo, para atualizar, às vezes tinha competições à tarde que eu poderia acompanhar, tinha competições que eu recebia destes contatos que eu estabeleci (...)

Inferência 2

As pautas eram definidas pela repórter, mas seguia o esquema recomendado pelo site antes dos Jogos Abertos do Interior. O foco em histórias foi uma medida para driblar a dificuldade de realizar a cobertura factual.

Inferência 3

Neste trecho a repórter explica os assuntos mais importantes em seu trabalho. Ela buscava as histórias focadas na história dos *atletas* e nos *valores olímpicos*, ou seja, trazendo feitos inspiradores do esporte, como fica evidente no trecho em que fala sobre o mesatenista Hugo Hoyama. Entretanto, parte do trabalho também era dedicado aos *resultados* e à cobertura factual, principalmente para atualização do Twitter, um dos requisitos da cobertura para o portal de notícias.

Inferência 4

Mesmo com o foco nas histórias de personagens, o fluxo de trabalho da repórter apresentava similaridades com o dos outros profissionais. Ela também ia a arenas esportivas e nos alojamentos para pegar resultados e/ou fazer entrevistas com as fontes.

e as reportagens, que eram diárias também, eu sempre tentava falar com a pessoa pessoalmente. Eu ia ao encontro ou no alojamento ou nas competições”.

Trecho 5

“Eu olhava a programação do dia seguinte, sempre lia. E de repente achava, via, por exemplo, o Supino, o que teria no Supino. Às vezes conversando com o atleta, eu descobria que tinha uma história interessante que eu poderia fazer um contraponto com outra pessoa que era mais notória no esporte. Variava muito, por isso que foi um trabalho muito importante, foi basicamente de comunicação. Eu recebi, por exemplo, da assessoria da Prefeitura, o aviso do dia do Hoyama aqui em São Carlos, mas o resto todo era cada um fazendo seu trabalho. Importante para mim foram esses contatos com as delegações. Isso eu acho que foi um insight que deu um norte para minha cobertura, seja ela por modalidade, seja ela por cidade (...) Foi um quebra-cabeça, que foi se montando a partir de falar com as pessoas, de ter os contatos para poder fazer as pautas e criar a partir disso”.

Trecho 6

“O Twitter foi uma novidade, aprendi a lidar com o Twitter nos Jogos Abertos. A demanda era diária, eu tinha que atualizar o Twitter, seja com um resultado de uma competição, a participação de um atleta importante, eu tinha que atualizar. Esse fluxo era o que mais demandava porque a gente não podia ficar muito sem colocar um post lá. A primeira coisa da manhã era dar uma olhada na programação e ver se poderia pedir para alguém me mandar algo (...) ou se teria que ir até o local fazer essa demanda no Twitter. E isso rolava também à tarde, eu tinha que ir algumas vezes até a arena duas vezes ao dia. E não era uma arena só né. (...) Tinha muitos locais de provas, mas não era todo dia que tinha que ir a dois ou três lugares diferentes. Às vezes era municada com esses contatos”.

Inferência 5

Valda tenta explicar os assuntos que ela buscava abordar na construção de sua pauta. Sem conhecimento prévio em jornalismo esportivo, ela se valeu da rede de contatos que estabeleceu antes dos Jogos Abertos do Interior para obter as informações necessárias. Isso a fez apostar na conversa e no relacionamento com atletas e demais pessoas envolvidas para encontrar histórias não factuais, quase sempre pautadas na figura do *atleta* ou nos *valores olímpicos* da competição, justamente categorias que não dependem exclusivamente do factual.

Inferência 6

O Twitter foi uma ferramenta importante para o trabalho de Valda – e item obrigatório em sua cobertura. Era nessa rede social que ela deveria dar vazão aos *resultados* e demais eventos factuais. A atualização era constante e diária, mas a ajudava a manter contato com sua rede de fontes para encontrar temas para suas reportagens maiores.

<p>Trecho 7 “De uma a duas matérias, dependendo do dia de competições e do que eles estavam querendo. Na maioria dos dias eu fazia uma matéria grande e uma pequena. Por conta do conteúdo ser um tanto flexível, não tinha aquela necessidade de sair na hora do almoço ou à noite, eles pediam para entregar até o meio da tarde. Às vezes, quando entregava duas, eles subiam no site uma à noite e outra só de manhã para ter uma gaveta para eles trabalharem”.</p> <p>Trecho 8 “É óbvio que é um apoio (...), mas eles faziam a cobertura diária, tinham uma equipe grande e muitas das coisas eu não conseguia fotos e pedia para eles. (...) Não é que havia uma distância da equipe de comunicação, é que o jeito que foi estabelecido a cobertura do GE, que às vezes essa relação não ajudava tanto. Tinha outro tipo de obrigação diária para fazer. (...) Eles geravam releases todos os dias, mas com o factual. (...) Tem uma relação de cooperação, mas como as nossas formas de cobertura foram diferentes, não pude contar tanto com o material que produziram”.</p>	<p>Inferência 7 Sem o foco no acontecimento factual, o trabalho da repórter era mais flexível que os demais. Não possuía um horário específico para o fechamento. Isso a permitia se deslocar para as arenas e conversar com as pessoas para fazer as matérias que julgava mais importantes.</p> <p>Inferência 8 Da mesma forma que os demais entrevistados, Valda fala sobre a equipe de comunicação dos Jogos como uma ferramenta de apoio. No caso dela foi útil para pegar fotos e atualizações factuais para postagens no Twitter.</p>
--	---

Fonte: Levantamento do autor

Quadro 9 – Jorge Luiz Micheli

Enunciado	Descrição analítica e inferência
<p>Trecho 1 “No começo foi muito empolgante, cara. Confesso que quando a divulgação de que Marília seria sede, que a secretaria municipal de esportes conseguiu trazer para cá o evento, eu fiquei muito empolgado. Mas infelizmente a estrutura do Jornal da Manhã, onde eu trabalho, é bastante limitada. O certo seria contratar uma equipe ou dispor de uma equipe para fazer uma cobertura mais intensa por se tratar de um evento tão grandioso como esse, né. Uma competição que tem mais modalidades do que as Olimpíadas. Ao mesmo tempo que foi emocionante, foi bastante frustrante porque a gente não conseguiu fazer aquela cobertura que se esperava, principalmente de uma cidade que é</p>	<p>Inferência 1 O repórter detalha as dificuldades da cobertura no jornal em que trabalhava. Com equipe reduzida e sem estrutura, ele era o único profissional dedicado ao evento na redação. Assim, muitos temas não foram abordados do jeito que gostaria.</p>

sede da competição. Foi bastante frustrante porque era praticamente só eu e é humanamente impossível você acompanhar muita coisa sendo apenas um”

Trecho 2

“Você ainda ter que lidar com a pauta dos outros colegas, né. Na época a gente tinha dois fotógrafos e somos em cinco jornalistas. Então eu entrava, por exemplo, no período da tarde (...), geralmente quando chegava às 14h, eu já saía com o fotógrafo e a gente rodava os locais de competições para tentar buscar as informações, registrar momentos, né, saber um pouco das pessoas daqui da cidade que estavam acompanhando os Jogos o que eles estavam achando de tudo isso. Mas foi uma cobertura bastante limitada né, porque nem todos os dias dos Jogos eu consegui passar a tarde inteira acompanhando. Eu tinha que voltar porque o repórter de polícia tinha outra matéria e o outro fotógrafo já tinha saído para fazer uma matéria comercial. Então eu fiquei muito restrito nessa condição. O jornal não priorizou o evento como na minha visão deveria ter priorizado. Confesso que foi um pouco frustrante e aí a gente se vira com o que tem, né”.

Trecho 3

“Vai através dos contatos das delegações, mais ou menos tinha a ideia de alguns atletas com renome nacional e até internacional. (...) Procurou tentar também acompanhar um pouco das competições desse pessoal porque eles chamam mais a atenção. Mas no mais, eu fiquei mais restrito. Eu tive que dar um foco mais exclusivo para algumas modalidades de Marília, então confesso que foi uma cobertura bastante restritiva nesse sentido e que precisei, no fim das contas, improvisar bastante”.

Trecho 4

“No começo, até mesmo antes do início dos Jogos, quando as primeiras delegações começaram a chegar aqui na cidade, eu sabia em quais escolas as principais delegações, as favoritas ao título (...) ficariam e sabia que se tivessem atletas de destaque nacional, de

Inferência 2

Jorge detalha um pouco das dificuldades de sua rotina e de seu fluxo de produção. Ele trabalhava no período da tarde e tentava rodar as arenas com o fotógrafo logo no início da tarde para fazer os registros. Como em muitos casos não poderia continuar nas arenas, grande parte de seu trabalho foi realizada com o auxílio do telefone e as ligações para os contatos.

Inferência 3

Com um evento deste porte na sua cidade, Jorge decidiu focar a cobertura não apenas nos atletas e modalidades locais, mas também nos grandes campeões, os *olimpianos*, que chamam a atenção dos torcedores. Também reforçou a obrigatoriedade de acompanhar as modalidades locais e não explorou tudo o que queria em seu trabalho.

Inferência 4

Para fazer a cobertura dos Jogos Abertos em Marília, o repórter montou uma rede de contatos antes do evento para dar conta das demandas e dos obstáculos que normalmente surgem.

renome, seriam essas delegações. Então consegui entrar em contato, fui até essas escolas, mas era também bastante complicado porque não vem a delegação toda ao mesmo tempo. Vem uma parte porque primeiro tem as modalidades coletivas, depois as individuais, então eu também tive essa certa dificuldade de conversar com algumas personalidades por conta disso. (...) Ficou difícil até mesmo de fazer uma grande entrevista. (...) E muitas vezes o evento desse pessoal era no domingo, quando eu estava de folga e não trabalhava. (...) Enfrentei uma série de dificuldades para fazer um material, uma cobertura legal nesse sentido de pelo menos destacar algumas estrelas e foi mesmo na base dos contatos. Eu pegava dos chefes de delegações algum contato (...) e tentava dessa maneira conseguir essas informações. Com a organização mesmo do evento era um pouco mais difícil porque não tinha muitas informações. (...) Fora as modalidades que adiam. Até mesmo a organização desses Jogos Abertos eu fiquei bastante decepcionado, mas também compreendo que é um evento enorme para colocar numa cidade de médio porte que é Marília, de 240 mil habitantes, que até tem estrutura legal para receber”.

Trecho 5

“Eu sou o editor, eu sou o repórter, às vezes sou o fotógrafo também, então eu que definia tudo. Tem um editor-geral aqui, mas não se envolve muito nessas questões. Cada repórter aqui tem meio que sua autonomia para definir sua pauta. Então eu me baseava na programação, eu costumava de, além dessas personalidades, focar mais nos resultados de Marília, as competições que Marília participava, principalmente aquelas com condições de brigar por algo. (...) Meu foco era mais ou menos esse. E em alguns dias eu pautei de entrevistar alguns atletas de outras cidades, principalmente de quem vinha de muito longe (...) para saber o que eles estavam achando da cidade, da estrutura da cidade”.

Inferência 5

Jorge também trabalhava sozinho na elaboração de suas pautas, com uma liberdade para planejar e buscar os assuntos que interessavam em sua cobertura. Exercia várias tarefas ao mesmo tempo, uma característica cada vez mais comum no meio jornalístico. Como já citado, ele buscava falar dos olímpicos e dos atletas e modalidades mais populares de sua cidade.

Trecho 6

“Geralmente, como entrava 14h, às vezes até entrava mais cedo porque não dependia só de mim. Queria até chegar mais cedo para começar a acompanhar e começar a escrever depois, mas dependia aqui da questão do fotógrafo. É o fotógrafo que dirige o carro para ir aos locais, então eu dependia muito dele para fazer a minha programação do dia. E além do fotógrafo ter outros compromissos com outros repórteres aqui da redação, eles não abriam mão de chegarem 14h. (...) Então eu chegava antes para já ir ligando, acompanhando direto a atualização da programação para saber o que eu iria fazer em termos de cobertura, já deixava pronto para quando ele chegava, eu já subia no carro e falava ‘vamos aqui’ e ‘vamos ali’. Então assim, eu geralmente ia de três a quatro lugares e não tinha mais ou menos um tempo específico para ficar em cada lugar. E eu não ficava esperando o resultado. O resultado eu aguardava mais para o final do dia. Então eu passava mais pelo registro. Às vezes ia para os locais só para registrar foto (...). Eu me programava nesse sentido para o fotógrafo fazer algumas fotos que eu não usaria no dia, usaria dois, três dias depois para ilustrar uma matéria de uma eventual final, por exemplo. Então eu ia de três a quatro lugares, entrevistava algumas pessoas”.

Trecho 7

“Várias vezes eu não conseguia sair 21h daqui. Eu falo 21h, mas a gente sabe muito bem, jornalista né, que tem horário para entrar, mas não tem horário para sair né. (...) Essa questão do horário para fechar eu não tinha muito não. O pessoal daqui até ficava bicudo comigo, o diagramador para o pessoal rodar, mas era uma realidade. Então às vezes eu conseguia essa autonomia para segurar um pouco mais o jornal né. Não podia ser tanto por conta de ter um prazo aqui para começar a rodar também, mas o máximo que eu conseguia, pelo menos nesses onze dias, eu consegui segurar para conseguir informações, trazer mais conteúdo da competição”.

Inferência 6

Para conseguir cobrir os Jogos Abertos da melhor forma possível, Jorge acompanhava o maior número possível de competições, principalmente com o fotógrafo. Quando ele precisava voltar à redação, complementava seu trabalho com as ligações aos contatos que tinha estabelecido anteriormente.

Inferência 7

Com uma rotina corrida e fluxo de trabalho apertado, Jorge deixava para escrever suas matérias apenas no período da noite, quando já estava mais tranquilo e tinha uma visão mais detalhada das páginas que seriam dedicadas aos Jogos Abertos.

<p>Trecho 8 “Dependia muito. Eu recebia o boneco da página geralmente lá por umas 17h e ia saber se tinha uma ou duas páginas, se tinha anúncios. (...) Quando eu saía para a rua, eu não tinha nada pronto para saber se deveria ocupar tal espaço e o quanto teria para escrever. Eu colhia todas as informações e depois chegava e via o boneco das páginas para saber quanto de espaço eu teria. E aí assim, minha prioridade, obviamente, era Jogos Abertos. Eu escrevia tudo o que tinha em mãos. Se eventualmente não tinha espaço para colocar outras matérias ou até mesmo nacionais, eu não colocava, eu só preenchia de Jogos Abertos. Nossa prioridade sempre foi o local”.</p> <p>Trecho 9 “Eu entrei pouco em contato (...) porque é impossível cobrir todo o evento. E outra, tem a questão dos boletins. Eles são computados no fim do dia e já passam de nove, dez horas da noite, quer dizer, muitos dos resultados que você queria publicar já para sair no dia seguinte, você não tinha a informação porque não havia terminado alguns jogos. (...) Tinha alguns releases da comunicação de repente até mesmo para um preenchimento de página porque eram assuntos gerais, às vezes eram interessantes. (...) Mas também para eles é muito difícil. (...) É muito burocrático ter os resultados no fim do dia. (...) É muito complicado. Já sentia isso aqui com os Regionais, imagina com os Abertos”.</p>	<p>Inferência 8 Para potencializar o seu trabalho, Jorge escrevia tudo o que ele tivesse apurado nas arenas e pelo telefone. Para isso, possuía a liberdade de derrubar matérias nacionais, como as dos clubes de futebol, e focar apenas na cobertura local dos Jogos Abertos do Interior.</p> <p>Inferência 9 Jorge também confirmou que utilizou pouco o trabalho da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior. O apoio se resumia ao aproveitamento de um ou outro release para completar a página. Nem mesmo o boletim com resultados conseguia aproveitar por causa do horário de fechamento do jornal.</p>
---	---

Fonte: Levantamento do autor

5.4 Interpretação dos Dados

A análise e as inferências realizadas nas sete entrevistas reforçam a visão exposta no primeiro capítulo desta dissertação: os jornalistas esportivos possuem uma maior liberdade na elaboração de suas pautas e na construção de suas notícias quando não estão vinculados diretamente à organização do evento. Essa autonomia vem de diferentes formas, como a falta de estrutura do veículo de comunicação, com o repórter realizando tarefas de edição (casos de

Marcelo Schaffauser, Rodrigo Pessoa e Jorge Luiz Micheli) ou até pela confiança dos editores no trabalho do profissional (exemplos de Bruno Belomi, Valda Rocha e Anderson Fattori).

A única exceção é observada no relato de Alexandre Azank. O jornalista confirma que parte da cobertura dedicada aos Jogos Abertos já possuía uma pauta estruturada pela equipe de editores e produtores, ainda que o profissional escalado pudesse desenvolver reportagens consideradas especiais. “A cobertura esportiva tem esses dois diferenciais, aquela cobertura que a gente faz já direcionada e aquela que a gente espera acontecer para poder contar” (trecho 5, quadro 4). Entretanto, essa hierarquia na produção noticiosa decorre, principalmente, das peculiaridades que cercam a televisão, meio onde ele trabalha e cobriu os Jogos Abertos do Interior. A necessidade de adequar a programação e de enviar materiais para outras regiões exigem maior planejamento e, conseqüentemente, o envolvimento de mais profissionais.

Outros profissionais também tiveram que adequar o fluxo de notícias às particularidades dos veículos. Valda Rocha, por exemplo, precisava dedicar atenção especial à cobertura dos Jogos Abertos do Interior no Twitter, uma exigência do portal Globoesporte.com. “A demanda era diária, eu tinha que atualizar o Twitter, seja com um resultado de uma competição, a participação de um atleta importante, eu tinha que atualizar” (trecho 6, quadro 8).

Numa de suas coberturas, Marcelo Schaffauser fez participações especiais em uma emissora de rádio na cidade de São José do Rio Preto. “Sempre entrava ao vivo, ou fazendo resumo do dia, ou entrevistando alguém” (trecho 9, quadro 7). Dessa forma, ele precisava reservar o horário do almoço para isso. Outro exemplo inerente ao meio de comunicação foi encontrado na rotina de Rodrigo Pessoa. Além do jornal impresso, sua produção era destinada ao rádio e ao site do local em que trabalhava. “Na verdade, o material que a gente produzia para o impresso direcionava para outras plataformas” (trecho 1, quadro 5).

A liberdade proporcionada no jornalismo esportivo não se refletia apenas na elaboração da pauta, mas na forma como os repórteres conduziam seu próprio trabalho durante os Jogos Abertos do Interior. Cada um deles criava uma rotina produtiva que se adequava às demandas que possuíam na competição. Enquanto existiam repórteres que começavam cedo porque o *deadline* de entrega das reportagens era menor (como é o caso de Rodrigo Pessoa), outros preferiam dedicar atenção apenas à tarde (Jorge Luiz Micheli) e ainda havia aqueles que trabalhavam praticamente o dia inteiro (Bruno Belomi e Marcelo Schaffauser). Existia quem trabalhava sozinho, mas também quem contava com o apoio de outros na redação para fazer a cobertura (Anderson Fattori e Alexandre Azank). São situações que interferem na produção jornalística, uma vez que a cobertura do repórter fica à mercê da agenda e dos horários que o veículo de comunicação disponibiliza a ele – como já explicado no primeiro capítulo.

Entretanto, a maior autonomia dos profissionais na cobertura *in loco* não resultou em coberturas diferenciadas. A despeito das diferenças regionais de cada jornalista entrevistado (um dos critérios para esta seleção), todos concentraram seu trabalho nas principais categorias da notícia esportiva elencadas na primeira parte desta dissertação. Observa-se uma predominância dos *Resultados* e das *Modalidades*, com foco justamente nas vitórias e nos destaques da cidade onde o veículo de comunicação do repórter estava inserido. Não muito diferente das coberturas esportivas internacionais, em que grande parte das notícias é destinada às vitórias dos representantes nacionais – como também observado no primeiro capítulo.

A maior produção de notícias de resultados e de modalidades se refletia direta e indiretamente no trabalho do jornalista esportivo. A forma direta acontecia pelo próprio direcionamento da pauta, ou seja, o repórter decidia cobrir eventos em que a delegação de sua cidade possuía chances de um bom desempenho. Bruno Belomi, Marcelo Schaffauser e Jorge Luiz Micheli explicitaram essa condição. Mas a valorização dos resultados também aparecia na organização do fluxo noticioso. Valda Rocha, que direcionava os resultados diretamente no Twitter, Anderson Fattori, que complementava sua pauta com os resultados das modalidades, e Alexandre Azank, que precisava dedicar espaço para as modalidades fortes de sua região, são exemplos dessa situação. Dessa forma, os sete entrevistados dependiam dos resultados e das modalidades para organizarem sua cobertura.

Como os Jogos Abertos do Interior reúnem grandes nomes do esporte brasileiro todos os anos, as notícias em torno dos *Olimpianos*, ou seja, os ídolos esportivos também exerciam grande impacto no trabalho jornalístico desenvolvido pelos profissionais. Com maior ou menor atenção, a presença destes competidores foi motivo de interesse para todos os entrevistados.

Porém, apenas dois jornalistas explicitaram que a presença de atletas de renome fazia parte de seu trabalho nos Jogos Abertos do Interior: Jorge Luiz Micheli e Valda Rocha. Ambos buscavam o apelo que esses personagens poderiam acrescentar na cobertura do dia a dia. Já repórteres como Bruno Belomi, Rodrigo Pessoa, Alexandre Azank e Marcelo Schaffauser buscavam entrevistar os grandes atletas como forma de elaborar reportagens especiais – em alguns casos até mesmo depois dos Jogos Abertos do Interior, como foi o caso de Schaffauser.

Nesse sentido de escapar da cobertura factual de resultados e ampliar o trabalho em torno da competição, a categoria *Valores Olímpicos* também apareceu com certa frequência na inferência das entrevistas. Valda Rocha e Anderson Fattori, principalmente, confirmaram que os objetivos principais de seus trabalhos eram retratar essas histórias. “Quando ia na arena, estava em busca de boas histórias. E os Jogos Abertos do Interior sempre davam isso” (trecho 4, quadro 6). Outros, como Alexandre Azank e Bruno Belomi, confirmaram que se tratava de

um assunto secundário dentro de suas pautas, sendo produzido e elaborado como “reportagem de gaveta”, jargão jornalístico para notícias atemporais que poderiam ser publicadas em outra ocasião ou até para preencher espaço caso aparecesse algum infortúnio.

As outras duas categorias retratadas no capítulo inicial (*Gestão* e *Ciências*) não foram mencionadas pelos jornalistas de forma direta. Apenas Jorge Luiz Micheli destaca que buscava conversar com membros de outras delegações que visitavam Marília, cidade-sede da edição que ele cobriu *in loco*, para saber a opinião deles sobre a estrutura oferecida pelo município (trecho 5, quadro 9). A parte científica, que engloba questões médicas, *doping* e até planejamento das delegações, não foi lembrada pelos repórteres como um assunto relevante em suas coberturas.

A categoria *Imagens Técnicas* aparece nas inferências não como elemento na elaboração da pauta, mas sim na rotina produtiva. Dois deles (Bruno Belomi e Jorge Luiz Micheli) confirmaram que a escala de trabalho durante os Jogos Abertos do Interior dependia da disponibilidade de fotógrafos. “Geralmente quando chegava às 14h, eu já saía com o fotógrafo e a gente rodava os locais de competições para tentar buscar as informações, registrar momentos” (trecho 2, quadro 9). Já Marcelo Schaffauser, além da cobertura noticiosa, também fazia fotografias. “As fotos que fazia também acaba ajudando a prefeitura de Rio Preto, o pessoal da secretaria de esportes” (trecho 2, quadro 7). Rodrigo Pessoa também comenta que em seu trabalho estava acompanhado de um repórter fotográfico (trecho 4, quadro 5).

Curiosamente, Alexandre Azank, único profissional de televisão, que em tese depende de boas imagens para estruturar a programação, não menciona as imagens como elemento importante na definição da escala produtiva e tampouco na elaboração das pautas. Entretanto, fica subentendido essa necessidade, principalmente com a combinação de outras categorias, como modalidades populares da região de cobertura e a presença de grandes ídolos. “Sempre vai direcionar para aqueles esportes que trazem mais audiência” (trecho 8, quadro 4).

A importância das categorias, portanto, segue a mesma lógica da estrutura de trabalho da equipe de comunicação dos Jogos Abertos do Interior de 2019. Ainda que possuam objetivos diferentes, tanto os repórteres de veículos quanto os profissionais que atuavam na divulgação do evento valorizavam certos assuntos, como a presença de grandes campeões do esporte nacional (os *Olimpianos*), os resultados e as modalidades – além de depender do trabalho fotográfico para registro desses momentos. Temas como *Ciência* e *Gestão* tiveram espaço reduzido, apesar da sua reconhecida importância para os participantes e para a própria cidade-sede. Os *Valores Olímpicos*, por sua vez, apareciam mais como curiosidade e um objeto complementar na cobertura jornalística – uma tentativa de “suavizar” a cobertura factual.

A similaridade entre os trabalhos, contudo, não aproximava jornalistas e profissionais da equipe de comunicação dos Jogos. Dos sete entrevistados, cinco (Bruno Belomi, Rodrigo Pessoa, Marcelo Schaffauser, Valda Rocha e Jorge Luiz Micheli) confirmaram que não tinham relacionamento próximo com esse serviço de divulgação. Entre os motivos mencionados estão a diferença do foco nas pautas trabalhadas (Marcelo Schaffauser e Valda Rocha), a falta de espaço para as notícias e fotos (Rodrigo Pessoa e Bruno Belomi) e até o fato de não cobrir tudo o que o repórter queria (Jorge Luiz Micheli). Mesmo assim, todos reconheceram a importância dessa função nos Jogos Abertos do Interior, sobretudo com a divulgação do boletim oficial, que servia de planejamento de escala de trabalho.

Na tentativa de diferenciar seu trabalho jornalístico, a produção de notícias consideradas curiosas, também chamadas de *fait-divers* (LAGE, 1985), foram lembradas por alguns dos entrevistados. Valda Rocha reforça que seu foco estava nos personagens. “Eu ia atrás da história das pessoas, porque a história é que me foi pedido” (trecho 3, quadro 8). Anderson Fattori também destaca essa característica. “O grande barato é contar histórias, né. O factual ficava em segundo plano. (...) Quando ia na arena, estava em busca de boas histórias” (trecho 4, quadro 6). Categorias como *Valores Olímpicos* aparecem com frequência nesses casos.

Apenas dois profissionais entrevistados destacaram a importância da equipe de comunicação do evento. Alexandre Azank afirma que as informações divulgadas pelos profissionais ajudavam no direcionamento dos assuntos a serem trabalhados pela emissora de televisão. “E os comitês e assessorias dos Jogos Abertos ajudam a gente demais. O site dos Jogos Abertos tem muita informação e ajudava a direcionar pautas, buscar dados” (trecho 9, quadro 4). Anderson Fattori ia além das informações passadas por releases e contava com o apoio até para agendar e marcar entrevistas, funções típicas da assessoria de imprensa. “Aqui eles também colaboravam com pautas. (...) Avisavam, agendavam entrevistas, autorizava os alojamentos. São características específicas e próprias do trabalho” (trecho 6, quadro 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate em torno do esporte nos mais diversos campos de atuação ganhou espaço considerável nos últimos anos, com o surgimento de diversas pesquisas acadêmicas, incluindo às ciências da comunicação, que exploram diferentes questões sociais, como gênero, racismo, valores esportivos, entre outras. O jornalista que cobre esportes cada vez mais precisa prestar atenção aos elementos fora do campo do jogo do que, de fato, ao que acontece exclusivamente dentro das quatro linhas. A pauta precisa ser ampliada, o que passa pela experiência e pela dedicação do repórter.

Essa dissertação buscou compreender como esses novos elementos inseridos no cotidiano do jornalista esportivo aparecem em sua cobertura diária, especialmente durante a construção das pautas em um evento como os Jogos Abertos do Interior. Para isso, foi dividida em quatro capítulos temáticos. No primeiro deles foi realizada uma revisão bibliográfica em torno do jornalismo esportivo e as técnicas de produção da notícia. Identificou-se a maior autonomia de jornalistas desta editoria em relação às técnicas produtivas e definição de temas. Depois, foi organizado um levantamento bibliográfico em torno dos Jogos Abertos do Interior, fundamental para contextualizar a disputa e fornecer base histórica.

Os dois últimos capítulos refletem justamente a pesquisa desenvolvida. No terceiro há o estudo produzido pela visita técnica realizada entre 18 e 20 de novembro de 2019 em Marília, sede dos Jogos Abertos do Interior naquele ano. A partir do acompanhamento dos profissionais que trabalharam na equipe de comunicação dos Jogos, foi possível identificar similaridades na cobertura jornalística, mostrando que mesmo os profissionais voltados à assessoria de imprensa utilizam as mesmas técnicas na hora de construir seus relatos.

Por fim, para compreender como se dá a prática jornalística de repórteres especializados, buscou-se fazer entrevistas semiestruturadas com profissionais que realizaram a cobertura *in loco* do evento em alguma edição recente. A partir da exposição de seus relatos, foi possível cruzar e interpretar as informações, identificando elementos presentes na construção da notícia esportiva em todos eles - apesar das diferenças regionais e dos próprios veículos.

Dessa forma, chegou-se a um denominador comum de sete categorias latentes à produção de notícias no âmbito esportivo: *atletas* (batizado de *olimpianos*), valores olímpicos, resultados, modalidades, gestão, ciência, imagens técnicas, entre outras. Cada uma delas, em maior ou menor grau, são temas que permeiam o trabalho do jornalista na área esportiva, independentemente do repórter de um veículo especializado ou de um assessor de comunicação interessado em divulgar algum evento específico.

A dissertação também buscou compreender o fluxo de produção de um grande acontecimento esportivo. É a partir daí que os jornalistas definem os caminhos de suas coberturas, escolhendo este ou aquele assunto como o mais importante. Portanto, a escolha dos Jogos Abertos do Interior como objeto de estudo justifica-se por, entre outros motivos, ter a realização de diferentes modalidades simultâneas em um curto espaço de tempo (o que obriga o jornalista a tomar decisões), mas também por se tratar de um assunto ignorado no ambiente acadêmico estadual e nacional. Mesmo que reúna mais de dez mil atletas todos os anos, há poucas pesquisas científicas em torno do evento conhecido como “Olimpíadas Caipiras”.

Entretanto, apesar da evidente característica regional, observa-se que o processo de produção jornalística dos Jogos Abertos do Interior tenta reproduzir a mesma dinâmica observada em grandes eventos, como Jogos Olímpicos. A análise das entrevistas com os repórteres e a observação empírica da equipe de comunicação indicam a valorização de temas sobre as demais, notadamente *olimpianos, modalidades e resultados*.

A valorização dos grandes campeões no trabalho jornalístico se notabiliza pelo apelo que esses personagens exercem nos torcedores, permitindo uma maior aceitação da notícia na recepção. Isso vale tanto para o repórter, que busca mostrar os feitos dos grandes atletas da sua cidade e/ou região quanto da equipe de comunicação que deseja divulgar a importância dos Jogos Abertos.

A lógica é praticamente a mesma no quesito *modalidades e resultados*. O processo de produção jornalística busca essas duas categorias para valorizar suas comunidades, cidades e regiões. Dá-se predileção aos esportes já conhecidos e/ou que possuem maiores chances de bons resultados. A proposta é mostrar os feitos esportivos, identificando conquistas e ídolos. É uma característica mais evidente entre os jornalistas de veículos especializados, mas que também aparece com frequência para os repórteres da equipe de comunicação, uma vez que eles também precisam divulgar os principais resultados por meio de *releases* e sites oficiais.

Já assuntos como gestão, ciência e valores olímpicos possuem um espaço menor por serem vistos como *matérias de gaveta*, jargão jornalístico para notícias que não possuem uma data específica para publicação. Ainda que alguns repórteres valorizem a arte de contar histórias inspiradoras e/ou curiosas sobre os Jogos Abertos do Interior, esses temas são considerados secundários diante da presença de um grande atleta ou de um grande resultado alcançado pela cidade em questão. Nem mesmo na equipe de comunicação, que poderia valorizar mais pautas desse tipo, há um apelo maior. No caso da edição de Marília, os temas foram pensados mais pela liberdade de produção dos profissionais do que por uma orientação editorial.

Por fim, a categoria *imagens técnicas* foi lembrada como um complemento necessário para a produção jornalística, garantindo o *registro* dos eventos retratados pelo repórter. Para alguns profissionais, esses registros eram tão importantes que a escala era definida de acordo com a disponibilidade do fotógrafo. Já aqueles que se deslocavam a outras cidades para a cobertura dos Jogos Abertos ou estavam acompanhados de algum profissional de foto ou ele mesmo exercia o cargo de fotógrafo. O assunto também era importante para a equipe de comunicação. Ainda que não definida quais pautas seriam produzidas, havia uma equipe separada apenas para fotos e a ideia era registrar todas as modalidades possíveis para disponibilizar o material no site oficial.

Portanto, ainda que diferentes temas surjam no debate do jornalismo esportivo, a análise da cobertura realizada nos Jogos Abertos do Interior indica que os profissionais adotam uma padronização, valorizando certos temas em detrimento de outros – ainda que a maioria dos jornalistas entrevistados, tanto de veículos especializados quanto da equipe de comunicação, tivesse uma certa liberdade e autonomia na definição de suas pautas.

Isso indica que o jornalismo esportivo ainda reproduz as mesmas técnicas que são utilizadas em grandes eventos, como Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, em seus eventos regionais, estaduais e municipais. No fundo, o jornalismo esportivo não aproveita a liberdade que oferece aos seus profissionais e apenas reproduz as mesmas técnicas de produção da notícia observadas em grande escala.

REFERÊNCIAS

82º JOGOS ABERTOS DO INTERIOR. **82º Jogos Abertos do Interior de São Carlos tiveram números grandiosos.** Disponível em: <<http://jogosabertos.saocarlos.sp.gov.br/82o-jogos-abertos-do-interior-de-sao-carlos-tiveram-numeros-grandiosos/>> Acesso em: 17 abr. 2020

A Casa Bueno, uma magazine completo. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 6 jun. 1936, p. 13.

ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Gustavo. **A bola, os trilhos e as cidades: os caminhos do futebol pelo estado de São Paulo.** São Paulo: Phorte Editora, 2019.

AZEVEDO, Fernando de. **Um Trem corre para o Oeste:** estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1950.

Baby Barioni e o Diário da Noite. **Diário da Noite**, São Paulo, 10 jan. 1946, p. 6.

Baby Barioni faz annos hoje. **A Gazeta.** São Paulo, 19 mai. 1926, p. 7

BARBANTI, Eliane Jany. Esporte e Psicologia. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; SOBRINHO, José Coelho. **Esporte e Jornalismo.** São Paulo: CEPEUSP, 1997.

BARIONI, Edna. Entrevista 2. [nov. 2019]. Entrevistador: Gustavo de Araujo Longo. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (24 min.).

BARIONI, Horácio Geraldo. Colaborar com quem?. **Diário da Noite**, São Paulo, 11 mar. 1946, p. 15.

_____. Haverá lei que possa impedir a fundação de uma entidade interiorana?. **Diário da Noite**, São Paulo, 13 fev. 1946, p. 7.

BARROS, José Maria de Camargo. Clubes – Interior de São Paulo. In: COSTA, Lamartine Pereira da. **Atlas do Esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Shape, 2005.

BARTHES, Roland. **Ensayos críticos.** Buenos Aires: Seix Barral, 2003.

_____. O que é o esporte? In: **Revista Serrote**, São Paulo, nº 3, p. 97-105, 2009.

BAZIN, André. Ontologia da imagem fotográfica. In: XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema.** Rio de Janeiro: Edições Graal, Embrafilme, 1983.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** São Paulo: Edusp, 1992.

BERNAL, César Augusto. **Metodología de la investigación:** administración, economía, humanidades y ciencias sociales. Bogotá: Pearson Educación, 2010.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontología das mídias.** Bauru: Edusc, 1999.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Esporte na Mídia ou Esporte da Mídia?** Revista Motrivivência. Ano XII, nº 17, p. 107 – 112, Setembro de 2001.

BOTTON, Alain de. **Notícias: manual do usuário**. São Paulo: Intrínseca, 2015.

BOURDIER, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte – uma introdução**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

BUENO, Daniela. **Jogos Abertos do Interior 2019**. [mensagem pessoal] Recebida por selj@marilia.sp.gov.br em 30 set. 2019.

BUENO, Wilson da Costa. Chutando Prá Fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sergio; CAMARGO, Vera Regina Toledo (org.). **Comunicação e Esporte – Tendências**. Santa Maria: Pallotti, 2005.

_____. **Entrevista – Dissertação Mestrado Jogos Abertos do Interior**. [mensagem pessoal] Recebida por wilson@comtexto.com.br em 14 de abr. 2020.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Petrópolis: Vozes, 2017.

CASTRO, Moacyr. **Guarda...** 2017. Disponível em: < <http://moacyrcastro.com.br/guarde/>> Acesso em: 4 fev. 2022.

CHANG, F. “Jornalismo Olímpico”. In: DA COSTA, L.; HATZIDAKIS, J. **Estudos Olímpicos 2001**. Revista Coletânea de Textos. São Paulo: UNIBAN, 2001.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Olimpismo - sua origem e ideais**. 2016. Disponível em: <<https://mid.curitiba.pr.gov.br/2016/00178170.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2020.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Who We Are**. Disponível em: <<https://www.olympic.org/about-ioc-olympic-movement>> Acesso em: 23 mar. 2020.

COUCHOT, Edmond. Da representação à simulação. In: PARENTE, André (org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. São Paulo: Editora 34, 1993, p. 37-48.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE, Fábila Angélica. **O Jornal Diário Impresso e a prática do Infotainment: o caso da Gazeta Mercantil**. 2003. 262 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa

de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DIAS, Anderson dos Santos. **Solicitação Informações - Jogos Abertos**. [mensagem pessoal] Recebida por anderson.dias@sp.gov.br em 08 de out. 2019.

DUNNING, Eric. **Sport Matters: sociological studies of sport, violence and civilization**. Oxford: Routledge, 1999.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Manual de Jornalismo da EBC**. Disponível em: http://www.ebc.com.br/institucional/sites/institucional/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf / Acesso em: 22 de out. 2019

ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

ERBOLATO, Mário de Lucca. **Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

FERRARETTO, Elisa Kopplin; FERRARETTO, Luiz Artur. **Assessoria de imprensa, teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2009.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo: Publifolha, 2006.

FONSECA, Ouhydes João Augusto da. **Cartola e o Jornalista: influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo**. 1981. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

FRANÇA, V.V. O Objeto da Comunicação/A Comunicação do Objeto. In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L.C., FRANÇA, V.V (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALUPPO, Fernando. **Informações Basquete – Baby Barioni**. [mensagem pessoal] Recebida por palestragaluppo@gmail.com em 08 de out. 2019.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GRIMAL, Pierre. **Mitologia Grega**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HAMMES, Marli Hatje. **Entrevista – Dissertação Mestrado Jogos Abertos do Interior**. [mensagem pessoal] Recebida por hatjehammes@yahoo.com.br em 14 de abr. 2020.

HENN, Ronaldo César. **Pauta e Notícia**. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Um Projeto Nacionalista em Busca da Modernidade: A Gazeta de Cásper Líbero na Era Vargas. In: **3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho - ALCAR**, 3, 2005, Novo Hamburgo. Anais on-line, São Paulo: ALCAR, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/Um%20Projeto%20Nacionalista%20em%20Busca%20da%20Modernidade.doc/view>> Acesso em: 30 jun. 2020.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

HORKY, Thomas; NIELAND, Jörg-Uwe. **International Sports Press Survey**. Disponível em: < https://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG_Nieland-Horky_ISPS_2011_3.10.2011_final.pdf > Acesso em: 22 de out. 2019

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

II Campeonato aberto de bola ao cesto do interior. **Folha da Manhã**, São Paulo, 29 dez. 1936, p. 15.

KENNEDY, Eileen; HILLS, Laura. **Sport, Media and Society**. Oxford: Berg Publishers, 2009.

KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

KUNSCH, Margarida M. Kröhling. **Comunicação Organizacional na era digital: contextos, percursos e possibilidades**. Revista Signo y Pensamiento 51. Volume 26, julho/dezembro de 2007, p. 38-51.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1985.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

LONGO, Gustavo de Araujo. **Sergio Settani Giglio: cobertura midiática poliesportiva e relação entre os Jogos Abertos do Interior e Jogos Olímpicos**. Revista Alterjor, São Paulo, 2020, vol. 2, número 22, julho-dezembro 2020, p. 17-24. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/170840> > Acesso em: 4 fev. 2022.

LUCENA, Ricardo de F. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

LUZ, Cristina Rego Monteiro. **A pauta jornalística e suas mediações**. 2005. 245 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARQUES, José Carlos. Entrevista 3. [mai. 2019]. Entrevistador: Gustavo de Araujo Longo. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (16 min.).

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias**. Rev. Observatorio del Deporte ODEP, Santiago, 2015, vol. 1, número 1, janeiro-março 2015, p. 147-185. Disponível em: <<http://www.revistaobservatoriodeldeporte.cl/gallery/11%20oficial%20articulo%20vol%201%20num%201%202015%20rev%20odep.pdf>> Acesso em: 21 nov. 2021.

MARTINEZ, Monica; SILVA, Paulo Celso. **Fenomenologia: o uso como método em Comunicação**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.17, n.2, mai./ago. 2014.

MAZZONI, Thomaz. A Evolução dos Esportes no Brasil. In: UMMINGER, Walter. **Heróis, Deuses, Super-Homens**: as grandes proezas físicas do homem num apanhando histórico-cultural. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1988.

_____. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MELO, José Marques de; RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalismo Científico: teoria e prática**. São Paulo: INTERCOM, 2014.

MELO, Victor Andrade de. **Cinema & Esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

MORAES JÚNIOR, Enio. **O ensino do interesse público na formação de jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia**. 2011. 676 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Univesidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MORAES JÚNIOR, Enio; ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Jornalismo e Newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online**. Revista ALTERJOR. Grupo de Estudos Alterjor: jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). Ano 7, vol. 2, Edição 14, julho-dezembro 2016, p. 43-52. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/121436/118330>> Acesso em: 17 abr. 2020.

MORAGAS SPA, Miquel de. **Deporte y medios de comunicación. Sinergías crecientes**. Telos. Fundacion Telefonica, junho-agosto 1994, nº 34, p. 1-7. Disponível em: <https://telos.fundaciontelefonica.com/telos/anteriores/index2.html?num_038.html>. Acesso em: 13 jun. 2019.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo I – neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

Nos arraiaes palestrinos. **A Gazeta**, São Paulo, 9 dez. 1925, p. 5.

O JORNALISMO ESPORTIVO E OS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR: ALEXANDRE AZANK. Apresentado por Gustavo Longo. São Paulo, Rádio USP, 2021. Programa de rádio [30min.] Disponível em: <<https://youtu.be/YtmzWRyl7wk>> Acesso em: 30 jan. 2022.

O JORNALISMO ESPORTIVO E OS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR: BRUNO BELOMI. Apresentado por Gustavo Longo. São Paulo, Rádio USP, 2021. Programa de rádio [30min] Disponível em: <https://youtu.be/iqXXIC_zr3c> Acesso em: 30 jan. 2022.

O JORNALISMO ESPORTIVO E OS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR: JORGE LUIZ MICHELI Apresentado por Gustavo Longo. São Paulo, Rádio USP, 2021. Programa de rádio [30min.] Disponível em: <https://youtu.be/2tLsLHs_Whk> Acesso em: 30 jan. 2022.

O JORNALISMO ESPORTIVO E OS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR: MARCELO SCHAFFAUSER. Apresentado por Gustavo Longo. São Paulo, Rádio USP, 2021. Programa de rádio [30min.] Disponível em: <<https://youtu.be/ISaEmx9oJ-o>> Acesso em: 30 jan. 2022.

O JORNALISMO ESPORTIVO E OS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR: RODRIGO PESSOA. Apresentado por Gustavo Longo. São Paulo, Rádio USP, 2021. Programa de rádio [29min.] Disponível em: <<https://youtu.be/-lYy28Si1U>> Acesso em: 30 jan. 2022

O JORNALISMO ESPORTIVO E OS JOGOS ABERTOS DO INTERIOR: VALDA ROCHA. Apresentado por Gustavo Longo. São Paulo, Rádio USP, 2021. Programa de rádio [30min.] Disponível em: <<https://youtu.be/3A4NV2nkqk4>> Acesso em: 30 jan. 2022.

O primeiro campeonato aberto de bola ao cesto do interior. **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 dez. 1936, n.p.

O futebol em Villa Mazzei. **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 nov. 1929, p. 11.

OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de. Esporte: Caracterização e Conceituação. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; SOBRINHO, José Coelho. **Esporte e Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

Os ‘IV Jogos Abertos do Interior’ empolgam os sportistas do coração do Brasil. **Sport Ilustrado**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1939, p. 29.

Os jogos abertos do interior virão a ser, para o futuro, uma verdadeira olympiadas. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 mai. 1937, p. 4.

Os jogos do terceiro campeonato aberto do interior. **Correio Paulistano**, São Paulo, 1º jul. 1938, p. 8.

PADEIRO, Carlos Henrique de Souza. **O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro**. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PANATHLON CLUBE DE SANTOS. **Jogos Abertos do Interior – Horácio Baby Barioni, o seu criador**. [20-].

PIRES, Nilson Campos. Resgatando a memória dos Patronos: Vida e Obra de Walther Barioni. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**. Ano XXIII, n. 02/ 03, p. 6-8, 2003.

POSSAMAI, Fabíola. **A perspectiva qualitativa em pesquisa: a fenomenologia**. Revista Univille, vol. 7, p. 50-54, Joinville, 2002.

PREFEITURA DE MARÍLIA. **Marília será sede pela segunda vez dos Jogos Abertos do Interior em 2019**. Disponível em: <<https://marilia.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/1285/marilia-sera-a-sede-pela-segunda-vez-dos-jogos-abertos-do-interior-em-2019/>> Acesso em: 17 abr. 2020.

_____. **Dados de Marília**. Disponível em: <<https://marilia.sp.gov.br/portal/cidade/1/dados-de-marilia>> Acesso em: 17 abr. 2020.

_____. **Chefe dos Jogos Abertos do Interior se reúne com equipe da SELJ Marília**. Disponível em: <<https://marilia.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/6029/chefe-dos-jogos-abertos-do-interior--se-reune-com-equipe-da-selj-marilia/>> Acesso em: 17 abr. 2020.

_____. Secretaria Municipal de Administração. Portaria nº 37279. Dispõe sobre a criação do Comitê Organizador dos Jogos Abertos do Interior de 2019. **Diário Oficial do Município**. Disponível em: <<https://marilia.sp.gov.br/publicos/40220d3c971ceb955517dc9d74349200.pdf>> Acesso em: 17 abr. 2020.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

ROCCO JÚNIOR, Ary José. **Marketing e Gestão do Esporte**. São Paulo: Atlas, 2012.

ROCHA, Cláudio Miranda da; BASTOS, Flávia da Cunha. **Gestão do Esporte: definindo a área**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esprte, São Paulo, 2011, vol. 25, p. 91-103. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/rbefe/article/view/16846/18559>> Acesso em: 30 out. 2019.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Rubens Lombardi. Medicina do Esporte. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; SOBRINHO, José Coelho. **Esporte e Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

RUBIO, Kátia. Entrevista 1. [ago. 2019]. Entrevistador: Gustavo de Araujo Longo. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (30 min.).

_____. **O Atleta e o Mito do Herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 2001.

_____. **O Imaginário da Derrota no Esporte Contemporâneo**. *Psicol, Soc.* 2006, vol. 18, nº 1, p. 86-91. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a12v18n1.pdf>> Acesso em: 22 out. 2019.

_____. **Do Pós ao Neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. São Paulo: Editora Laços, 2019.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, Metrôpoles e Desastinos**. *Revista USP Dossiê Futebol*, 1994, nº 22, p. 30-37. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26956/28734>> Acesso em: 22 out. 2019.

_____. **Orfeu Extático na Metrôpole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Ovandir Alves. Esporte e Dopagem. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; SOBRINHO, José Coelho. **Esporte e Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

SILVA, Regys. NBC vence guerra das televisões e finais da Natação em Tóquio 2020 serão pela manhã. **Surto Olímpico**, 2018. Disponível em: <<http://www.surtoolimpico.com.br/2018/09/nbc-vence-guerra-das-televisoes-e.html>> Acesso em: 2 nov. 2019.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TECMUNDO. **WhatsApp está em 99% dos celulares do Brasil, diz pesquisa**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/software/150647-whatsapp-99-celulares-brasil-diz-pesquisa.htm>> Acesso em: 17 abr. 2020.

THOMAZ, Diego Wander. **Entrevista – Pesquisa sobre Jogos Abertos e Comunicação.** [mensagem pessoal] Recebida por dwthomaz@gmail.com em 19 mar. 2020.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é Esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

TUCHMAN, Gaye. A Objetividade como Ritual Estratégico. IN: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: teorias, questões e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1993.

UMMINGER, Walter. **Heróis, Deuses, Super-Homens:** as grandes proezas físicas do homem num apanhando histórico-cultural. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1999.